



UNIVERSIDADE da MADEIRA
Faculdade de Ciências Sociais
Departamento de Ciências da Educação
Mestrado em Ciências da Educação - Inovação Pedagógica

Aldésia Márcia de Freitas Vieira Celestino

**Educação escolar quilombola: perspectivas de práticas pedagógicas
inovadoras no contexto da Escola Rural Quilombola de Lage dos Negros.**

Dissertação de Mestrado

FUNCHAL -2016

Aldésia Márcia de Freitas Vieira Celestino

**Educação escolar quilombola: perspectivas de práticas pedagógicas
inovadoras no contexto da Escola Rural Quilombola de Lage dos Negros**

Dissertação apresentada ao Conselho Científico da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade da Madeira, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação.

Orientadores: Professora Doutora Jesus Maria Angélica Fernandes Sousa.

Professor Doutor Paulo César Marques de Andrade Santos.

AGRADECIMENTOS

“Entrega teu caminho ao Senhor, confia Nele, e Ele tudo fará” (SL, 37:5). E assim foi a minha confiança durante a caminhada. Foram muitas as lutas durante todo percurso, mas sou vencedora. Agradeço a todos que fizeram parte dessa caminhada, cada oração e apoio incondicional.

A Deus, companhia de todas as horas e fortaleza sempre presente.

Aos meus orientadores Jesus Maria Angélica Fernandes Sousa e Paulo César Marques de Andrade Santos pela cordialidade, sábias palavras de incentivo, confiança e encorajamento, pelo tempo que disponibilizaram para orientação desta dissertação.

Ao professor Dr. Carlos Nogueira Fino pelo apoio prestado e conhecimento construído. Aos demais professores do mestrado em Ciências da Educação - Inovação Pedagógica da Universidade da Madeira, por me guiarem, procurando sempre um futuro melhor para a Educação.

Aos meus pais, Alvino e Maria José e minha irmã Emanuela, pela firmeza nas orações e o encorajamento a prosseguir na jornada, sem vocês ficaria muito mais difícil.

Ao meu esposo e companheiro, Marlon, pelo ombro amigo e lágrimas enxugadas, ao meu filho Henry, pela paciência e compreensão.

A minha amiga Maria Djani, por compartilhar comigo todos os momentos de alegria, de tristeza e de construção do conhecimento.

Aos meus amigos Nelcy, Júnior, Alam, Suely, Ronivaldo, Marleide, Maria de Fátima, Ana Paula e Noemia, que me ajudaram suprindo a minha ausência nas atividades nos momentos que precisei me afastar.

Aos professores, alunos, funcionários e a gestão escolar da Escola Rural Quilombola de Lage dos Negros Ensino Fundamental I, da rede pública municipal de ensino da cidade de Campo Formoso, pela disposição de todos, valiosas contribuições, pois me possibilitaram a observação e a participação dentro do contexto da Educação Escolar Quilombola sempre apoiando e colaborando.

A todos, os meus sinceros agradecimentos.

RESUMO

A Educação Escolar Quilombola destina-se ao atendimento de estudantes oriundos de territórios quilombolas rurais e urbanos sendo uma garantia de direito o oferecimento dessa modalidade às comunidades de quilombos, respeitando sua história e os conhecimentos culturais. A presente dissertação em Ciências da Educação – Inovação Pedagógica tem como questionamento primordial se existem práticas pedagógicas inovadoras na Escola Rural Quilombola de Lage dos Negros. Pretendeu-se assim investigar se as práticas desenvolvidas na referida escola contribuem para a construção de contextos de aprendizagem de forma inovadora. Para tanto, utilizou-se uma literatura sobre Inovação Pedagógica, prática pedagógica, ruptura paradigmática e educação escolar quilombola para melhor compreensão tanto da linha de pesquisa, como do objeto de estudo, a fim de contribuir para o enriquecimento do conhecimento construído, a partir da investigação na Escola Rural Quilombola de Lage dos Negros, especificamente na turma do 3º ano “B” do ensino fundamental I. A pesquisa desenvolveu-se utilizando uma metodologia qualitativa de cunho etnográfico, dando ênfase à observação participante, entrevista não-estruturada, recolha de artefactos, análise de documentos oficiais e pessoais e os registros feitos no diário de campo. Desta forma, ao longo da dissertação foi descrita a cultura etnograficamente, a forma como o professor e os alunos enquanto pares colaboradores interagem para solução de problemas que apresentam dia-a-dia e para o desenvolvimento cognitivo e sociocultural dos mesmos e como as práticas pedagógicas desenvolvidas pelo professor e pelos alunos em sala de aula contribuíram sim para a construção e efetivação de uma aprendizagem inovadora, no seio da referida escola, quebrando com as barreiras do ensino instrucionista.

Palavras-chave: Inovação pedagógica. Prática pedagógica. Ruptura paradigmática. Educação escolar quilombola. Etnografia da Educação.

ABSTRACT

The Quilombo School Education aims at hosting students from rural and urban quilombola regions as a right to guarantee the offer of this type of education to quilombo communities, respecting its history and cultural knowledge. This dissertation in Educational Sciences - Pedagogical Innovation has the primary question whether there are innovative pedagogical practices at Escola Rural de Lage dos Negros. The aim was thus to investigate whether the practices developed in this school contribute to building learning contexts in an innovative way. For this, we used literature on Pedagogical Innovation, pedagogical practice, paradigmatic rupture and quilombola education for better understanding of both the search line, as the object of study in order to contribute to the enrichment of knowledge built from the research at Escola Rural de Lage dos Negros, specifically in the class 3rd year "B" elementary school I. The research was developed using a qualitative methodology of ethnographic nature, with an emphasis on participant observation, unstructured interview, artifacts collection, analysis of official and personal documents and records made in the field diary. Thus, along the dissertation the ethnographic culture was described, how the teacher and the students as peers interact to solving problems they have day-to-day and for cognitive and socio-cultural development of the same, and how pedagogical practices developed by the teacher and the students in the classroom but contributed to the construction and execution of an innovative learning within this school, breaking the barriers of the instructional teaching.

Key Word: Pedagogical Innovation. Pedagogical practice. Paradigmatic Rupture. Quilombo School Education. Ethnography of education.

RESUMEN

La Educación Escolar de Quilombo pretende servir los estudiantes de zonas rurales y urbanas quilombolas siendo un derecho para garantizar la oferta de este tipo de comunidades quilombo, respetando su historia y el conocimiento cultural. Esta tesis en Ciencias de la Educación - Innovación Pedagógica tiene la cuestión principal si existen prácticas pedagógicas innovadoras en la Escola Rural Quilombola de Lage dos Negros. El objetivo era, investigar si las prácticas desarrolladas en esta escuela contribuyen a la construcción de una forma innovadora de contextos de aprendizaje. Para ello, se utilizó una literatura sobre innovación pedagógica, práctica pedagógica, ruptura paradigmática y educación quilombola para una mejor comprensión tanto de la línea de investigación, como del objetivo de estudio con el fin de contribuir al enriquecimiento del conocimiento construido a partir de la la investigación en la Escola Rural Quilombola de Lage dos Negros, concretamente en la clase del tercer año “B” de la escuela primaria I. La investigación se desarrolló utilizando una metodología cualitativa de Carácter etnográfico, con énfasis en la observación participante, la entrevista no estructurada, la colección de artefactos, análisis de documentos oficiales y personales en un diario de campo. De este modo, a lo largo de la disertación fue descrito la cultura etnográfica, como el maestro y los estudiantes interactúan como pares para resolver los problemas que tienen día a día y para el desarrollo cognitivo y socio-cultural de los mismos, y como las prácticas pedagógicas desarrolladas por el profesor y los alumnos en clase de aula, contribuyen a la construcción y ejecución de un aprendizaje innovador dentro de esta escuela, rompiendo las barreras de la enseñanza instrucionista.

Palabras-clave: Innovación pedagógica. Práctica pedagógica. Ruptura paradigmática. Educación escolar Quilombola. Etnografía de la Educación.

RÉSUMÉ

L'Éducation Scolaire Quilombola est destinée aux étudiants de zone quilombola rural et urbain comme un droit pour garantir l'offre de ce type d'éducation aux communautés Quilombo, dans le respect de leur histoire et connaissance culturelle. Ce mémoire en Sciences de l'éducation - Innovation Pédagogique a comme questionnement primordial s'il existe des pratiques pédagogiques innovantes dans l'école rurale "Quilombo de Lage dos Negros". L'objectif est de déterminer si les pratiques développées dans cette école contribuent à la construction d'une façon novatrice de contextes d'apprentissage. Pour cela, nous avons utilisé une littérature sur l'innovation pédagogique, la pratique pédagogique, la rupture paradigmatique et éducation quilombola pour mieux comprendre à la fois la ligne de recherche, et l'objet d'étude en vue de contribuer à l'enrichissement des connaissances construites à partir de la recherche dans l'école rurale Quilombo de Lage de Negros, en particulier la classe de 3e année "B" d'enseignement fondamentale I. La recherche a été développée en utilisant une méthodologie qualitative ethnographique, mettant l'accent sur l'observation participante, entrevues non structurées, la collecte des artefacts, l'analyse des documents officiels et personnels et enregistrements effectués dans le journal de terrain. Ainsi, au long de la thèse la culture ethnographique a été décrite, la façon dont les enseignants et les élèves interagissent quotidiennement en tant que pairs et pour le développement cognitif et socio-culturel des mêmes, et comment les pratiques pédagogiques développées par l'enseignant et les élèves dans la classe ont contribué à la construction et réalisation d'un apprentissage novateur au sein de cette école, brisant les barrières de l'enseignement pédagogique.

Mots-clés: Innovation pédagogique. Pratique pédagogique. Rupture paradigmatique. Éducation scolaire quilombola. Ethnographie d'Éducation.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1: Mapa das comunidades quilombolas certificadas por município.....	11
Imagem 2: Mapa de Campo Formoso e da região de Lages dos Negros e comunidades quilombolas certificadas.....	49
Imagem 3: Interior da Escola Rural de Lage dos Negros.....	50
Imagem 4: Escudo da Escola Rural Quilombola de Lage dos Negros.....	52
Imagem 5: Atividade desenvolvida após a construção de um relógio para trabalhar medidas de tempo.....	67
Imagem 6: Professora e alunos desenvolvendo experiência com medidas de capacidade.....	67
Imagem 7: Comunidade escolar envolvida no projeto do dia das mães. Apresentação em homenagem as mães na quadra da comunidade.....	67
Imagem 8: Produção textual dos alunos sobre os direitos e deveres da criança.....	70
Imagem 9: Momento de trabalho em grupo para construção de um paralelepípedo.....	72
Imagem 10: Atividade desenvolvida em grupos com sólidos geométricos.....	77
Imagem 11: Atividade no livro didático de matemática, após construção de um relógio para estudar medidas de tempo.....	78
Imagem 12: Trabalho com medidas de capacidade.....	78
Imagem 13: Apresentações dos seminários em grupos sobre os tipos de moradia.....	81
Imagem 14: Professora e alunos desenvolvendo dramatização de uma fábula.....	84
Imagem 15: Produção artística a partir do tema “Meu cavalo Alazão”. Estudo sobre substantivos.....	84
Imagem 16: Trabalho desenvolvido com o texto instrucional receita de salada de frutas.....	86
Imagem 17: Atividade no livro didático de Língua Portuguesa.....	86
Imagem 18: Cartaz produzido pela professora para trabalhar leitura de texto instrucional....	86
Imagem 19: Fragmento do caderno de planejamento da professora regente.....	87
Imagem 20: Estudo das células em grupo.....	88

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Situação do domicílio Quilombola.....	10
Quadro 2: Funcionários da Escola Rural Quilombola de Lage dos Negros.....	51
Quadro 3: Modalidades de Ensino da Escola Rural Quilombola de Lage dos Negros.....	52
Quadro 4: Categorias de análise.....	72
Quadro 5: Cronograma do diário de campo.....	112

LISTA DE SIGLAS

- ADCT-** Ato das Disposições Constitucionais Transitórias
- CADÚNICO-** Cadastro Único de Programas Sociais
- CONAE-** Conferência Nacional de Educação
- CONAQ-** Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas
- CEB-** Câmara de Educação Básica
- CEBs-** Comunidades Eclesiais de Base
- CEE-** Conselho Estadual de Educação
- CNE-** Conselho Nacional de Educação
- DCNs-** Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica
- EJA-** Educação de Jovens e Adultos
- FCP-** Fundação Cultural Palmares
- INCRA-** Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
- INEP-** Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
- LDBEN-** Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
- MDA-** Ministério do Desenvolvimento Agrário
- MDS-** Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome
- MinC-** Ministério da Cultura
- MEC-** Ministério da Educação
- OIT-** Organização Internacional do Trabalho
- PNAIC-** Pacto Nacional de Alfabetização na Idade Certa
- PNE-** Plano Nacional de Educação
- SEPRIR-** Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	iii
RESUMO	iv
ABSTRACT	v
RESUMEN	vi
RÉSUMÉ	vii
LISTA DE IMAGENS	viii
LISTA DE QUADROS	ix
LISTA DE SIGLAS	x
INTRODUÇÃO	1
1.1 Breve histórico sobre comunidades quilombolas	7
1.2 Base Legal sobre comunidades quilombolas	8
1.2.2 Panorama Socioeconômico.....	9
1.2.3 Situação do domicílio quilombola	10
1.2.3 Direito à terra e à territorialidade.....	11
1.2.5 Regularização fundiária das comunidades quilombolas.....	12
1.3 Educação escolar quilombola: busca da identidade com um olhar de transformação	14
1.4 Educação escolar quilombola: diretrizes a serem refletidas e aprofundadas	18
1.5 A implantação da educação escolar quilombola no estado da Bahia.....	22
1.5.1 Os princípios da Educação Escolar Quilombola	22
1.5.2 Art. 6º Concretização dos princípios da Educação Escolar Quilombola ⁷	24
1.5.3 Título IV- Etapas e modalidades de educação escolar quilombola	25
1.5.4 A implantação da educação escolar quilombola no município de Campo Formoso-BA	26
CAPÍTULO 2. INOVAÇÃO PEDAGÓGICA E RUPTURA PARADIGMÁTICA: O RECONHECIMENTO DA DIFERENÇA NUMA PERSPECTIVA DE MUDANÇA....	29
2.1 Inovação Pedagógica e ruptura paradigmática	29
2.2 Aprendizagem e prática pedagógica: dois fios condutores no contexto da educação	33
2.3 A Construção da aprendizagem colaborativa na Educação Escolar Quilombola	38
CAPÍTULO 3. METODOLOGIA.....	45
3.1 Etnografia.....	45
3.2 Sujeitos e local da pesquisa.....	49
3.3 Técnicas de recolha de dados.....	54

3.3.1 Observação participante	55
3.3.2 Entrevista etnográfica	57
3.3.3 Notas de campo	58
3.3.4 Recolha de documentos e artefatos	59
3.4 Ética na pesquisa	60
CAPÍTULO 4. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS	63
4.1 Categorização dos dados recolhidos	65
4.1.1 Atividades desenvolvidas em sala de aula	66
4.1.2 O papel do professor no desenvolvimento da prática pedagógica	68
4.1.3 Papel do aluno no contexto de construção da aprendizagem	70
4.2 Interpretação dos dados e análise do discurso	73
4.2.1 As aulas de matemática e o desenvolvimento da aprendizagem a partir do trabalho colaborativo	77
4.2.2 A Prática Pedagógica entre os pares nas aulas de Geografia	79
4.2.3 Prática Pedagógica com projeto literário desenvolvido em sala de aula nas aulas de Língua Portuguesa	82
4.2.4 Construção da aprendizagem nas aulas de Ciências	87
4.2.5 Prática pedagógica desenvolvida nas aulas de História	88
4.2.6 A efetivação da Educação Escolar Quilombola na Escola Rural Quilombola de Lage dos Negros	91
CAPÍTULO 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	95
REFERÊNCIAS.....	101
APÊNDICES.....	105
Apêndice A-	105
Apêndice B-	106
Apêndice C-	107
Apêndice D-	108
Apêndice E- Fotos de alguns momentos da observação em campo	110
Apêndice F - Quadro 5: Cronograma do diário de campo.....	112
Apêndice G- Diário de Campo digitado	116
ANEXOS.....	145
Anexo A- Documentos do CD-ROM	
Pasta 1- Dissertação de Mestrado (versão em PDF)	
Pasta 2- Diário de Campo digitalizado	

Pasta 3- Documento oficial da Escola Rural Quilombola de Lage dos Negros (Projeto Político-Pedagógico e Regiemnto Escolar).

Pasta 4-Apêndices (A-B-C-D) – Cópias dos documentos de autorização da pesquisa.

INTRODUÇÃO

“A identidade é, antes de mais, uma questão do foro pessoal, que só ganha significado no confronto que o sujeito tem consigo próprio e com o “outro” (FINO & SOUSA, 2003, p. 01).

A presente dissertação, na área do mestrado em Ciências da Educação – Inovação Pedagógica da Universidade da Madeira, teve como objetivo investigar a existência de práticas pedagógicas inovadoras no seio da Escola Rural Quilombola de Lage dos Negros e das atividades por esta criada, verificando mudanças relativamente ao paradigma tradicional, de raiz instrucionista.

A educação inserida na sociedade de informação e comunicação exige cada vez mais um novo olhar e sentido para a construção do conhecimento. Portanto, torna-se emergente contextualizá-la para evitar a fragmentação de saberes que não atende mais as exigências de um mundo globalizado. O processo de mudança paradigmática atinge a instituição escolar exigindo dela virar para a aprendizagem contínua e inovadora, que prepare o ser humano a intervir, se adaptar e construir novos cenários para enfrentar o futuro, como também para construí-lo de forma responsável.

Dentro desse contexto de mudança paradigmática, emerge uma discussão sobre a identidade e diversidade como dimensões que compõem o cenário contemporâneo das políticas educacionais brasileiras, principalmente no que diz respeito a Educação Escolar Quilombola. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), n. 9.394/1996 torna-se um exemplo, pois no âmbito do tratamento da diversidade sociocultural, vemos regulamentações posteriores que abrangem a diversidade cultural, como a Educação Indígena (resolução n. 3/1999), a Educação de Jovens e Adultos (EJA) – (resolução n. 1/2000), a Educação Especial (resolução n. 2/2001) e a Educação do Campo (resolução n. 1/2002). Nesse intenso decurso, inclui-se posteriormente a lei n.10.639/2003, que estabelece a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira nas instituições de ensino integrando-a na grade curricular da educação básica, ampliada da lei n. 11.645/2008, que insere o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena.

A inserção dessas modalidades da educação evidencia o campo complexo que norteia as políticas públicas, principalmente quando se discute a garantia da igualdade como princípio e o reconhecimento da diferença como algo que deve ser respeitado e conquistado, como no caso da Educação Escolar Quilombola. Políticas de inclusão, ações afirmativas, diversidade e diferença passam a compor o vocabulário das políticas públicas dentro das escolas quilombolas

e estas podem ou não constituir ambiente de inovação pedagógica que pretenda construir contextos ricos de aprendizagem para atender uma demanda de sujeitos que merecem um conhecimento inovador.

A recente inserção da educação escolar quilombola no âmbito educacional levou-me a refletir sobre as condições que esta modalidade encontra para a sua efetivação no território nacional, especificamente na comunidade de Lage dos Negros, no sentido de descortinar a visão discriminatória e fragmentada do saber formal e cultural que deve ser superada pelo paradigma inovador que propõe a integração dos saberes a partir da criação de contextos ricos de aprendizagem. Portanto, considerar o questionamento da presente dissertação sobre a existência de práticas pedagógicas inovadoras na Escola Rural Quilombola de Lage dos Negros.

Neste cenário, tendo em vista o fortalecimento da identidade cultural quilombola da comunidade negra rural de Lage dos Negros, na qual estou inserida enquanto educadora, o meu ingresso nos ciclos de seminários de acesso ao Mestrado em Ciências da Educação – Área de Inovação Pedagógica da Universidade da Madeira – evidenciou, ainda mais, a minha inquietação em investigar se as práticas pedagógicas desenvolvidas na Escola Rural Quilombola de Lage dos Negros, contribuem para a construção de contextos inovadores de aprendizagem que favoreçam o desenvolvimento do conhecimento significativo de todos os envolvidos.

A identidade passa de uma condição universal fixa para a construção obtida mediante processos de conquistas, instigando, as normas que regulam a sociedade, pois “a desintegração de uma cultura sob o efeito destruidor da dominação técnico-civilizacional é uma perda para toda humanidade, cuja diversidade cultural constitui um dos mais preciosos tesouros” (MORIN, 2000, p. 57). Nos anos 1980 estudos sobre a comunidade brasileira reconheceram que a atuação de alguns movimentos sociais combinou a exigência do acesso a direitos iguais com a reivindicação de reconhecimento de grupos então definidos como minorias. Segundo Toffler (1980, p. 416) “poderemos muito bem precisar de dar poderes a minorias para regular mais seus próprios negócios e encorajá-las a formular alvos de longe alcance”. É essencial uma mudança de atitude do pleitear para apoiar; da dominação para a parceria e o respeito ao outro.

A sociedade atual caracteriza-se pela emergência de se pensar a educação e suas práticas pedagógicas visando uma mudança real e inovadora no interior das bases que sustentaram a escola do passado e que ainda reflete nas instituições públicas atuais. As causas disso resistem, em grande parte, devido a concepção de educação como reprodutora acrítica de um modelo de sociedade.

Portanto, acredita-se que a educação necessita de uma reestruturação para acompanhar as transformações ocorridas na atualidade, possibilitando de forma consciente uma interação com a realidade sócio-histórica da contemporaneidade, onde o direito à identidade e à diversidade das comunidades contemporâneas não sejam negadas, pois sabemos que a escola é um direito e que necessita dialogar com essa complexa realidade, apropriar-se das mudanças do nosso tempo sem perder de vista os valores, tradições e cultura.

Sob esse ponto de vista, a escola deverá garantir aos cidadãos e aos coletivos sociais, por ela constituída, o direito de se vivenciar no seu interior contextos reais de uma aprendizagem inovadora através de práticas pedagógicas que primam por um ato de aprender significativo com respeito às identidades, à diversidade, à vivência e transmissão das suas tradições culturais, as quais são parte constitutiva do processo de formação histórica, social, cultural e política dos povos quilombolas, a exemplo de Lage dos Negros, município de Campo Formoso-BA. Na visão de Sousa (2004),

A escola não pode, por isso, silenciar as vozes que lhe pareçam dissonantes do discurso culturalmente padronizado, uma vez que não opera no vazio. Não vale a pena pretender unificá-la de maneira abstracta e formal, quando ela se realiza num mundo profundamente diverso. É por isso que penso que os que ensinam terão de ter consciência de que os que aprendem são, tal como eles próprios, seres sociais portadores de um mundo muito especial de crenças, significados, valores, atitudes e comportamentos adquiridos lá fora e que importa contemplar (SOUSA, 2004, p. 15).

É deste ponto de vista que não podemos nos conformar que a escola permaneça indiferente ao saber cultural que os alunos carregam no seu dia a dia, ou seja, os diversos conhecimentos que emergem no cenário escolar devido à sua interação social com outros sujeitos dentro do contexto em que vivem. Desse modo, buscar uma prática pedagógica pautada no respeito mútuo, na aprendizagem pela descoberta, na mediação são fatores importantes para intervir de forma positiva e autônoma no seu entorno sociocultural.

Portanto, percebemos que a mediação significativa da aprendizagem através da existência de práticas pedagógicas inovadoras dentro do contexto escolar quilombola poderá influenciar na qualidade do conhecimento construído pelos alunos. Por isso, o seguinte questionamento: existem práticas pedagógicas inovadoras na escola rural quilombola de Lage dos Negros? Essa problemática foi o que esse estudo pretendeu alcançar. Fundamentado nos propósitos construcionistas, a pesquisa buscou respostas com a finalidade de alcançar um novo olhar sobre as práticas pedagógicas e suas características inovadoras dentro da educação escolar quilombola.

A dissertação “Educação escolar quilombola: perspectivas de práticas pedagógicas inovadoras no contexto da Escola Rural Quilombola de Lage dos Negros”, encontra-se dividida em quatro capítulos. Primeiramente, realizo uma reflexão sobre as bases legais da educação escolar quilombola, em seguida um estudo sobre inovação pedagógica e ruptura paradigmática, abrindo uma discussão sobre aprendizagem colaborativa e prática pedagógica na perspectiva construcionista. O percurso metodológico foi embasado na pesquisa qualitativa de cunho etnográfico, com análise e interpretação dos dados recolhidos.

No capítulo 1, Educação Escolar Quilombola, faço uma discussão breve sobre o histórico das comunidades quilombolas, abordando a base legal sobre as mesmas, a situação socioeconômica, o direito à terra e a territorialidade e regularização fundiária destas comunidades, dando continuidade com às diretrizes que norteiam a Educação Escolar Quilombola, com seus princípios, etapas e modalidades de ensino.

No capítulo 2, ainda em continuação da revisão da literatura, segue-se uma discussão sobre inovação pedagógica e ruptura paradigmática: o reconhecimento da diferença numa perspectiva de mudança; aprendizagem e prática pedagógica: dois fios condutores no contexto da educação e a construção da aprendizagem colaborativa na Educação Escolar Quilombola.

No que se refere à metodologia de investigação, capítulo 3, esta segue um paradigma de investigação qualitativa, mais concretamente o método etnográfico de investigação, com a descrição da comunidade de estudo, os sujeitos implicados nesta investigação, dando ênfase à observação participante, entrevista não-estruturada, recolha de artefactos e outras implicações registradas no diário de campo durante a estada em campo.

No capítulo 4, é feita a interpretação de dados, antecedida pela categorização dos dados recolhidos no contexto da investigação, que ajudaram a perceber e extrair significados, subjetividades, hábitos, valores e a forma como os sujeitos envolvidos pensam e realizam as atividades em colaboração com um par mais apto. Diante de uma reflexão aprofundada sobre os dados recolhidos, surgiram as categorias como: atividades, papel do professor, prática pedagógica e papel do aluno. E dentre elas, subcategorias de análise: Relativamente a atividades: tipos de atividades desenvolvidas nas diversas áreas do conhecimento, pressupostos didáticos e pedagógicos, trabalho colaborativo e participação da comunidade escolar; Relativamente ao papel do professor e à prática pedagógica: desenvolvimento de uma aprendizagem inovadora, interação professor/aluno e a autonomia dos alunos; quanto ao papel do aluno: construção da aprendizagem no contexto da prática e desenvolvimento cognitivo e sociocultural.

Por último, no Capítulo 5, ou seja, nas considerações finais, é realizada a síntese sobre todo o estudo construído, as minhas reflexões sobre os dados recolhidos durante uma longa estada em campo e o que espero com os resultados desta pesquisa.

CAPÍTULO 1. EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA

Os povos e as comunidades tradicionais de matriz africana são protagonistas de violações de seus direitos sociais, políticos, culturais e econômicos. Sabemos que a garantia de seus direitos não se efetiva sem o reconhecimento de sua contribuição na construção do Brasil e na valorização dos vínculos identitários dos traços africanos dentro da nossa cultura.

1.1 Breve histórico sobre comunidades quilombolas

As comunidades quilombolas são grupos étnico-raciais de acordo com parâmetros de autoatribuição, com direção histórica própria, com relações territoriais específicas, presunção de ancestralidade negra associada com a resistência à opressão histórica sofrida. (Decreto 4887/2003)

Segundo a Resolução CEE/CEB Nº 68 de dezembro de 2013 artigo 3º § II- são comunidades rurais e urbanas que:

Lutam historicamente pelo direito à terra e ao território, que não se restringe à propriedade da terra, mas a todos os elementos que fazem parte de seus usos e costumes e tradições; e possuem os recursos ambientais necessários à sua manutenção e às suas reminiscências históricas que permitam perpetuar sua memória (BRASIL, 2014, p. 11).

As comunidades quilombolas localizam-se em 24 estados da federação, sendo a maior parte nos estados Bahia, Maranhão, Pará, Minas Gerais e Pernambuco. Os estados que não possuem registros destas comunidades são o Distrito Federal, Acre e Roraima. Muitos dos quilombos no Brasil foram formados no período da escravidão, outros foram criados após a abolição terminante da escravatura, pois essa forma de sociedade comunitária continuaria a ser, a única possibilidade de viver em liberdade para muitos dos indivíduos escravos.

Refletindo com um olhar mais amplo, os territórios de comunidades remanescentes de quilombos surgiram de diferentes situações, como: terras que foram doadas a partir da desintegração da lavoura de monoculturas, exemplo da cana-de-açúcar e do algodão, compra de terras, bem como áreas ocupadas por negros que fugiam da escravidão. Existem até hoje as denominadas terras de preto, terras de santo, que indicam uma territorialidade obtida de

propriedades de ordens religiosas, da doação de terras para santos, principalmente em troca de serviços religiosos.

1.2 Base Legal sobre comunidades quilombolas

Na estrutura das políticas públicas brasileiras existem suportes legais, importantes para construção das leis e ações de fortalecimento da equidade racial e social das comunidades quilombolas.

- Constituição Federal de 1988;
Artigos 215 e 216 da Constituição Federal – mostra o direito das comunidades à preservação de sua própria cultura;
Artigo 68 do ADCT – Direito à posse das terras de comunidades remanescentes de quilombos.
- Decreto nº 4.887, de 20 novembro de 2003 – mostra a regularização fundiária de terras de quilombos e expõe as obrigações do governo.
- Convenção 169 da OIT (Dec. 5051/2004) – trata do direito à autodeterminação de Povos e Comunidades Tradicionais.
- Decreto nº 6040, de 7 de fevereiro de 2007 – instaura a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais.
- Decreto nº 6261, de 20 de novembro de 2007 – ressalta sobre a gestão integralizada para o cumprimento da Agenda Social Quilombola no contexto do Programa Brasil Quilombola.
- Portaria Fundação Cultural Palmares nº 98 de 26 de novembro de 2007 - institui o cadastro nacional de remanescentes das comunidades dos quilombos.
- Lei nº 12.288, de 20 de julho de 2010 – Estatuto da Igualdade Racial.
- Orientação Normativa do INCRA nº 57, de 20 de outubro de 2009 – regulariza o processo para identificação, reconhecimento, desintrusão, delimitação, demarcação, titulação e registro das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos.

1.2.1 Quilombolas em números

No Brasil o reconhecimento da identidade da comunidade enquanto remanescente de quilombo percorre o processo de certificação, sendo esse o primeiro passo para regularização fundiária, devendo a comunidade ingressar com a solicitação junto à Fundação Cultural Palmares para o processo de titulação. Os números mostram que são: 2.197 comunidades reconhecidas oficialmente pelo Estado Brasileiro¹; 2.040 comunidades certificadas pelo FCP, sendo 63% delas no Nordeste. Existem 1.229 processos para titulação de terras no INCRA e 207 comunidades tituladas com área total de 995,1 mil hectares, beneficiando 12.906 famílias (BRASIL, 2013)

1.2.2 Panorama Socioeconômico²

A situação das famílias quilombolas no Brasil ainda é algo preocupante, pois a população ainda não dispõe do serviço público essencial para sobrevivência dessas famílias.

80 mil famílias quilombolas estão cadastradas no CADÚNICO.

64 mil famílias, 79,78% do total, são beneficiárias do Programa Bolsa Família.

74,73 % das famílias quilombolas estão em situação de extrema pobreza.

92,1% autodeclararam-se pretos ou pardos.

24,81% não sabem ler.

82,2% desenvolvem atividades agricultura, extrativismo ou pesca artesanal.

As estratégias de sobrevivência dos povos quilombolas incluindo habitação e cultivo da terra nos interiores de todas as regiões brasileiras foi uma forma de conquista de vida desse povo. Mesmo sabendo e considerando que a educação é um dos direitos básicos para a formação do ser humano, os quilombolas estão lutando para conquistar não só o direito ao acesso, mas,

¹ BRASIL. Guia de Políticas Públicas para Comunidades Quilombolas. 2013. Essa quantidade é a soma das comunidades certificadas acrescidas das tituladas não certificadas.

² _____. Guia de Políticas Públicas para Comunidades Quilombolas. 2013. Cálculo estimado, a partir da média de famílias das comunidades certificadas, acrescida da previsão das comunidades em processo de certificação e das famílias das comunidades tituladas que não são certificadas. A média de pessoa por família 5,5 foi baseada na apontada na Chamada Nutricional Quilombola (2006).

principalmente as condições de permanência e o poder de atuar para a construção de uma educação escolar quilombola que valorize a cultura, identidade, valores e suas raízes.

1.2.3 Situação do domicílio quilombola³

Muitas populações quilombolas residentes, principalmente em comunidades rurais, possuem acesso precário à água ou, às vezes são atendidas por sistemas de abastecimento, sem saneamento de água adequado e com falta de energia elétrica. Como mostra o quadro a seguir:

Quadro 1: Situação do domicílio Quilombola

Jul 2012	Jan 2013
63% possui piso de terra batida	48,7% possui piso de terra batida.
62% não possui água canalizada	55,21% não possui água canalizada
36% não possui banheiro ou sanitário	33,06% não possui banheiro ou sanitário.
76% não possui saneamento adequado (28% possui esgoto a céu aberto e 48% fossa rudimentar)	54,07% não possui saneamento adequado (15,07% possui esgoto a céu aberto e 39% fossa rudimentar). 58% queima ou enterra o lixo no território; e apenas 20% possui coleta adequada
58% queima ou enterra o lixo no território; e apenas 20% possui coleta adequada	58% queima ou enterra o lixo no território; e apenas 20% possui coleta adequada
78,4% possui energia elétrica	79,29% possui energia elétrica.

A comunidade rural de Lage dos Negros não foge dessa realidade. A maioria das comunidades está situada em área rural de difícil acesso, muitas já possuem energia elétrica

³ BRASIL. Guia de Políticas Públicas para Comunidades Quilombolas. 2013. Dados socioeconômicos baseados nas informações disponíveis sobre as famílias quilombolas cadastradas no Cadastro Único de Programas Sociais, em janeiro de 2013.

mas com uma precariedade quanto à água tratada ou acesso às políticas públicas básicas como educação, saúde, transporte.

O mapa apresenta a distribuição das certificações da Fundação Cultural Palmares, expedidas para as comunidades quilombolas, por município⁴.

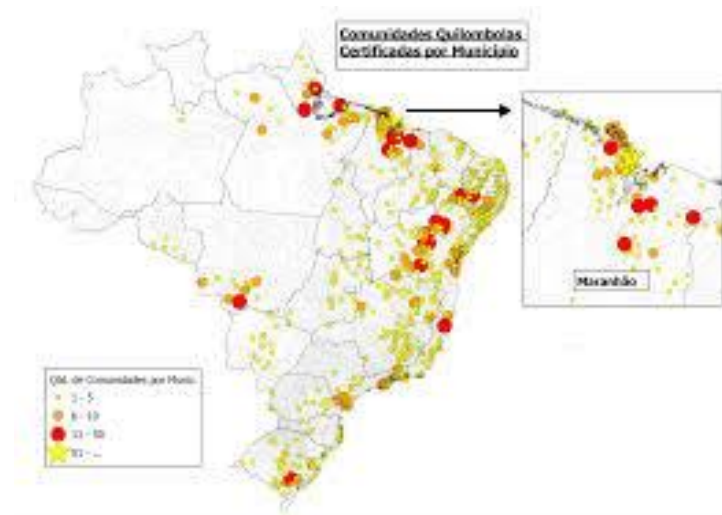


Imagem 1: Mapa das comunidades quilombolas certificadas por município

1.2.3 Direito à terra e à territorialidade

Nas comunidades quilombolas rurais e urbanas o direito à terra surge como um direito conquistado numa longa trajetória de lutas. As resistências enfrentadas pelas comunidades quilombolas na transformação de suas reivindicações em direitos e em prol de uma educação de qualidade que dialogue com a sua realidade e cultura própria vem do desconhecimento do poder público, das instituições de ensino e dos educadores sobre o tema. Por isso, ao falarmos em Educação Escolar Quilombola, é importante retomarmos alguns aspectos históricos da formação dos quilombos no Brasil, os quais se encontram internamente ligados à problemática fundiária no passado e no presente.

⁴ BRASIL. Guia de Políticas Públicas para Comunidades Quilombolas. 2013.

No Brasil a ocupação da terra faz parte do modelo de poder e de dominação étnico racial que, no período colonial, omitiu da posse da terra⁵ os povos indígenas, os africanos escravizados e os seus descendentes.

1.2.5 Regularização fundiária das comunidades quilombolas

Os fazendeiros no século XVIII recusaram-se a registrar as terras, o que questionava os limites de suas posses. Em 1870, somente alguns haviam regimentado as terras registradas, levando a lei já mencionada ao fracasso. As terras no Brasil eram possuídas por poucos, um bem econômico não acessível às populações pobres, indígenas e concretizando o que sabemos hoje, que tal bem esteve sempre nas mãos de uns poucos impedindo a regularização da estrutura fundiária brasileira para ajudar os trabalhadores rurais do campo e os quilombolas.

Os povos quilombolas têm consciência dessa relação persistente entre sua história e as lutas pela conquista, na lei, de seus territórios. Nessa tensa relação, têm construído e afirmado a sua consciência do direito à terra e ao território e, nesse sentido, aproximam-se das lutas dos movimentos sociais do campo.

A territorialidade para as comunidades quilombolas é um princípio fundamental. Não se trata de segregação e isolamento. A terra é muito mais do que possibilidade de fixação; antes, é condição para a existência do grupo e de continuidade de suas referências simbólicas (NUNES, 2006).

Temos conhecimento que a terra, para os quilombolas, tem valor diferente daquele dado pelos grandes proprietários. Ela representa a sobrevivência e é, ao mesmo tempo, uma tentativa de resgate da memória dos antepassados. Portanto, a terra não é percebida apenas como objeto

⁵ A Lei de Terras (1850) pretendeu que o Estado regulamentasse as sesmarias, desapropriasse terras improdutivas, vendesse terras para subsidiar a imigração estrangeira, além de proibir a doação e a ocupação. A aquisição de terras só poderia ser realizada por compra e venda.

(Lei nº 601/1850 (Lei de Terras). “Dispõe sobre as terras devolutas no Império, e acerca das que são possuídas por título de sesmaria sem preenchimento das condições legais, bem como por simples título de posse mansa e pacífica; e determina que, medidas e demarcadas as primeiras, sejam elas cedidas a título oneroso, assim para empresas particulares, como para o estabelecimento de colônias de nacionais e de estrangeiros, autorizado o Governo a promover a colonização estrangeira na forma que se declara D. Pedro II, por Graça de Deus e Unanime Acclamação dos Povos, Imperador Constitucional e Defensor Perpetuo do Brasil: Fazemos saber a todos os Nossos Subditos, que a Assembléa Geral Decretou, e Nós queremos a Lei seguinte: Art. 1º Ficam proibidas as aquisições de terras devolutas por outro título que não seja o de compra. Exceptuam-se as terras situadas nos limites do Imperio com paizes estrangeiros em uma zona de 10 leguas, as quaes poderão ser concedidas raturamente. Art. 2º Os que se apossarem de terras devolutas ou de alheias, e nellas derribarem mattos ou lhes puzerem fogo, serão obrigados a despejo, com perda de bemfeitorias, e de mais soffrerão a pena de dous a seis mezes do prisão e multa de 100\$, além da satisfação do damno causado. Esta pena, porém, não terá logar nos actos possessorios entre heréos confinante”.

em si mesmo, de trabalho e de propriedade individual, uma vez que está relacionada com a ancestralidade e a dimensão coletiva.

Segundo Ratts (2004), o território de quilombos institui-se como um coletivo de pessoas que se reconhecem com a mesma origem étnica, que passam por diversos movimentos de mudanças culturais provenientes do processo histórico que passam ao longo da trajetória de vida. Portanto, as diferenças entre terra e território quando analisamos a questão quilombola são as seguintes: o território refere-se a um espaço vivido e de constantes acepções para existir e manter a sobrevivência do grupo com membros próximos e distantes que se reconhecem como um coletivo devido aos antepassados. Constitui-se como um lugar conquistado pela longa estada, pela convivência, que ganha importância de uma tradicionalidade ao servir de estrutura para a existência de um grupo de pessoas (LEITE, 1991).

A questão quilombola e o território são formas complexas de se pensar, pois eles se entrelaçam no direito, na autodeterminação dos povos e na superação de desigualdades. Para as comunidades quilombolas, a questão fundiária engloba outra dimensão, visto que o espaço geográfico-cultural de uso coletivo, o território tradicional, distintamente da terra, que é uma necessidade econômica e social, como também cultural e política, vinculado ao seu direito de autodeterminação (PROGRAMA BRASIL QUILOMBOLA, 2005).

Para Silva (2011), a luta quilombola pela titulação coletiva, ao invés da divisão em partes do território sob uma ótica individualista, é significativa. O reconhecimento de práticas fundiárias em medida baseados no uso comum da terra é fruto da condição das territorialidades construídas no interior das comunidades que são apontadas pela coletividade. Percebemos que os quilombos atuais se relacionam diretamente com as origens comuns, provenientes da ancestralidade africana e/ou laços biológicos entre os membros do grupo.

Os quilombos, rurais e urbanos, da atualidade, se constituem de maneiras particulares de transferência de bens materiais e imateriais que se converteram no legado de uma memória coletiva. Respeitar as especificidades e diferenças socioculturais pautadas no etnodesenvolvimento para as comunidades quilombolas é um dos objetivos dos quilombos contemporâneos, procurando a melhor forma de integrar as questões ambientais, sociais e culturais.

É significativo saber que em pleno século XXI, jovens que vivem nessas comunidades, com expectativas diferentes no que diz respeito ao próprio quilombo, a relação com a terra e sua permanência nela. As mudanças decorrentes da história, dos valores, da busca pelo trabalho, das possibilidades de outras inserções no mundo interferem nesse processo.

Portanto podemos afirmar que muitos adolescentes, jovens quilombolas procuram novos rumos, outra relação com a terra e o território, lutam pelos estudos, pela inserção em outras áreas de trabalho que vão da sua vivência rural com a própria comunidade. As novas gerações de quilombolas vivem no mundo contemporâneo marcado por profundas desigualdades, alguns têm acesso às novas tecnologias, com possibilidades de frequentar novos espaços socioculturais e geográficos, entram em contato com outros costumes diferentes da sua comunidade, mas com a alternativa de praticar e expandir a cultura do quilombo onde nasceu como forma de afirmação e valorização identitária.

1.3 Educação escolar quilombola: busca da identidade com um olhar de transformação

O percurso de discussões na área educacional iniciado na década de 1980 sobre a efetivação da modalidade de Educação Escolar Quilombola foi marcado por um elevado grau de movimentos em volta da função social da escola e sua possível reconstrução. Os problemas referentes à qualidade da escola pública refletiram sobre a democratização da educação, tanto no que se atribui à garantia do acesso quanto no sentido das práticas pedagógicas desenvolvidas no interior da escola. Tudo isso no intuito de superar uma educação fabril onde a sociedade industrial buscava a formação de seres humanos adestrados, seguidores de um ideal de conhecimento fragmentado.

Quando falamos sobre as particularidades da educação quilombola, percebemos o aparecimento de uma estrutura jurídica favorável formada por um conjunto de políticas educacionais no campo da diversidade, instauradas desde a LDBEN n.º 9.394/1996 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), formulado na Resolução CNE/CEB n.º 2/98 a qual afirma como “rede de definições sobre fundamentos e princípios da Educação Básica (...) que orientarão as escolas, na organização, na articulação, no processo desenvolvimental e avaliativo de suas propostas pedagógicas” (BRASIL, 2010b), pela urgência de modernização das políticas educacionais que consolidem o direito de todo brasileiro à educação formal inovadora.

Além dos regulamentos jurídicos, a educação escolar quilombola no seu panorama conta com o seguinte:

O Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana estabelece como ação prioritária para o fortalecimento do marco legal a regulamentação das Leis n.º 10.639/03 e n.º

11.645/06 no âmbito dos estados, municípios e Distrito Federal (GOMES, 2012, p. 59).

Diante do cenário apresentado inclui a modalidade de educação quilombola instaurada pela resolução n. 4/2010, que elucida as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica. A seção de ano da educação básica pode corresponder mais de uma modalidade segundo o artigo 27 da Resolução acima citada.

Na seção VII, art. 41, a educação escolar quilombola é descrita da seguinte maneira:

Art. 41. A Educação Escolar Quilombola é desenvolvida em unidades educacionais inscritas em suas terras e cultura, requerendo pedagogia própria em respeito à especificidade étnico-cultural de cada comunidade e formação específica de seu quadro docente, observados os princípios constitucionais, a base nacional comum e os princípios que orientam a Educação Básica brasileira (BRASIL, 2010a, p. 13).

A CONAQ - Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas - é garantia de vitórias nesse contexto, assim como algumas formações quilombolas locais, as quais pressionam o Estado brasileiro a procurar atender de forma efetiva os pressupostos pedagógicos que levem em consideração a realidade quilombola do Brasil. “As respostas, porém, ainda são lentas dada a gravidade da situação de desigualdade e invisibilidade que ainda recai sobre as escolas localizadas em territórios remanescentes de quilombos ou que atendem a essa parcela da população” (BRASIL, 2010b, p. 4).

Educação Escolar Quilombola na Bahia teve sua implantação através do Conselho Estadual de Educação, através da Resolução nº 68/2013, que estabelece normas complementares para a implantação das diretrizes curriculares nacionais para a educação escolar quilombola na educação básica, no sistema de ensino, considerando o texto Referência para o surgimento das diretrizes da educação quilombola do estado da Bahia, de 2012, as contribuições do trabalho da comissão do Conselho Estadual de Educação, constituída pela Portaria nº 95/2012 e do Fórum permanente de Educação Quilombola. Estabelece no título VII, capítulo I, Competências do sistema estadual de ensino, cabendo ao Sistema Estadual de Educação da Bahia no Art. 51: “II- promover a elaboração e publicação sistemática de material didático e de apoio pedagógico, específico para uso nas escolas quilombolas e escolas que atendem estudantes oriundos dos territórios quilombolas” (BRASIL, 2014, p. 38).

Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais, Resolução CNE/CEB nº 8, de 20 de novembro 2012, foi determinado que a Educação Escolar Quilombola da Educação Básica se

destina ao atendimento das populações quilombolas rurais e urbanas, abrangendo as etapas e modalidades da educação infantil, do ensino fundamental, do ensino médio, da educação do campo, da educação especial, da educação profissional técnica de ensino médio, da educação de jovens e adultos, incluindo a educação à distância. Surge ainda descrito no Art. 1º § 1º (BRASIL, 2012, p. 8-9), o seguinte:

I-Organiza o ensino ministrado nas instituições educacionais fundamentando-se, informando-se e alimentando-se: a) da memória coletiva; b) das línguas reminiscentes; c) dos marcos civilizatórios; d) das práticas culturais; e) das tecnologias e formas de produção do trabalho; f) dos acervos repertórios orais; g) nos festejos, usos, tradições e demais elementos que conformam o patrimônio cultural das comunidades quilombolas de todo país; h) na territorialidade (BRASIL, 2012, p. 8-9).

Portanto, a discussão sobre a realidade histórica e política que envolve a questão da educação escolar quilombola deve ter um papel de importância na pesquisa. Os sistemas de ensino, as escolas, os processos de formação inicial e continuada de professores da Educação Básica e Superior, ao implementarem as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola, deverão discutir em seus currículos, além dos aspectos legais e normativos que regem a organização escolar brasileira, os avanços e os limites do direito dos quilombolas na legislação brasileira; a memória; a oralidade; o trabalho e a cultura.

Ao estudar a história entendemos que a formação de quilombos se deu como uma estratégia de resistência utilizada pelos negros escravizados, onde Zumbi dos Palmares se tornou emblema, devido à sua trajetória de luta e resistência à dominação ocorrida antes da abolição da escravidão. A definição clássica de fuga veio a influenciar um grupo de estudiosos sobre a questão quilombola, prevalecendo até meados dos anos 1970.

O fato da Educação Escolar Quilombola ser uma categoria única que é descrita com um artigo apenas que indica o início de sua execução. Os desafios para a instauração dessa modalidade está na elucidação do que venha a ser no século XXI uma comunidade quilombola. Antes da abolição formal da escravidão, a organização de quilombos foi a forma de resistência usada pelos negros escravizados, da qual Palmares é representativa.

A solução para o conceito atribuído à formação de quilombos e o seu reconhecimento como resistência à escravidão só ocorreu no século XX, com os estudos de Clóvis Moura (1981), que colocou no cenário nacional a exposição de quilombos na declaração da resistência ao regime escravocrata. A relação interna com as lutas pelo final da escravidão apresentava os negros escravizados numa posição ativa, oposta aos discursos que os classificavam como

“coisa, objeto passivo que se desenvolvia de acordo com mecanismos discriminatórios que asseguravam a normalidade da estrutura social” (ibidem, p. 11).

No conceito de Kabengele Munanga (1995), o quilombo no Brasil é um retrato do quilombo existente na África reorganizado pelos escravizados para contrariar a estrutura escravocrata, pela implantação de uma outra formação política na qual se encontravam todos os humilhados socialmente na forma de escravidão. A valorização dos traços culturais, a produção coletiva como forma de vencer às pressões e perseguições sofridas e a forma de relação com a terra ocasiona para as comunidades remanescentes de quilombos um espaço impregnado de significações identitárias. Conforme assinala Leite (2000) o termo “remanescente das comunidades de quilombos”, que surgiu na Assembleia Constituinte de 1988, é afluyente não somente dos pleitos por títulos fundiários, mas de uma discussão ampliada nos movimentos negros e entre governantes envolvidos com a luta antirracista (LEITE, 2000).

Ao estudar os conceitos que norteiam as políticas públicas para as populações remanescentes de quilombos, Arruti (2006) observa que na Constituição de 1988 preponderou uma questão puramente cultural consolidada no artigo 216 da Constituição Federal, que trata do tombamento dos documentos que retratam a história dos quilombos. O autor supracitado refere que a partir de 2003 houve uma mudança positiva em relação à postura do Estado brasileiro diante da questão quilombola.

O decreto n. 4.887/2003 associa a identidade ao uso do território. No Art. 2º ressalta como comunidades de quilombolas, os “grupos étnico-raciais, segundo critérios de incidência, com caminho histórico próprio, com relações territoriais específicas, com pretensão de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida” (BRASIL, 2003, p. 1). A publicação do decreto acima corporificou uma ação governamental construtiva, que legaliza as formas para demarcação e titulação das terras lotadas por remanescentes dos quilombos. Diante desse decreto, concretizaram-se ações sólidas e articuladas para a garantia dos direitos já inscritos em lei.

A Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade (SEPRIR) em 2004 lançou o Programa Brasil Quilombola, suscitando ações em comunhão com vários órgãos do governo federal, em consideração o Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), o Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS), o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), a Fundação Cultural Palmares (FCP), o Ministério da Educação (MEC) e o Ministério da Cultura (MinC).

Na Conferência Nacional de Educação no Eixo VI – Justiça Social, Educação e Trabalho: Inclusão, Diversidade e Igualdade (CONAE, 2010), foi assumido o desafio da diversidade no âmbito educacional em relação à educação quilombola, reiterando que o Governo Federal, Estados e Municípios deverão: garantir a construção de leis específicas para a educação escolar quilombola, com a cooperação do movimento negro quilombola, certificando o direito à perpetuação de suas representações culturais e à manutenção sustentável de seu território (CONAE, 2010).

Contudo, a Educação Escolar Quilombola deverá ir mais além: ao incorporar e dialogar com os conhecimentos da realidade local dos quilombolas no contexto de aprendizagem, o currículo terá como eixo principal: a cultura, o trabalho, a oralidade, as lutas pela terra, pelo território e pela sustentabilidade dessas comunidades. Significa que todas as disciplinas deverão dialogar transdisciplinarmente entre si, devendo a sua orientação ser a da vivência sócio-histórica dos conhecimentos e aprendizagens construídos no “fazer quilombola”, incorporando práticas pedagógicas inovadoras nos contextos de aprendizagem.

Para tal, faz-se necessária outra relação entre a escola e a comunidade. Ambos construirão conjuntamente ambientes inovadores que propiciarão uma aprendizagem real para os sujeitos aprendentes, pois segundo Fino (2003b, p. 7), “não se pode ignorar que cada cultura é um sistema dinâmico, em que cada um dos seus elementos interage com os demais, decorrendo da alteração mesmo de um único desses elementos uma modificação cultural”. Para tal, deverão ser utilizadas as diferentes formas de organização e participação na escola, e outros espaços carregados de nutrientes cognitivos poderão ser construídos ou transformados, para que o conhecimento aconteça mais rápido, com o aprendiz partilhando socialmente o já construído, pois o mesmo é construtor ativo deste conhecimento.

1.4 Educação escolar quilombola: diretrizes a serem refletidas e aprofundadas

Segundo os dados da Fundação Cultural Palmares e do Ministério da Cultura existem, atualmente, 3.754 comunidades remanescentes de quilombos, com maior ocupação nos estados da Bahia, Minas Gerais e Maranhão. Nas áreas remanescentes de quilombos, existem atualmente 1.561 escolas de ensino fundamental e 57 de ensino médio (INEP/2009), sendo que os dados sobre a veracidade das instituições de Educação Básica localizadas em regiões quilombolas ainda são insuficientes.

No âmbito educacional é papel do Estado ultrapassar essa situação e da sociedade como um todo obrigar para que o mesmo promova políticas públicas que garantam o direito à da Educação Escolar Quilombola. A mesma deve ter como referência valores sociais, culturais, históricos e econômicos dessas comunidades. Para tal, a instituição escolar deverá se tornar um espaço educativo que efetive o diálogo entre o conhecimento formal e a realidade local, estimando pelo desenvolvimento sustentável, a cultura e o trabalho.

Por tudo isso, a escola precisa de currículo, projeto político-pedagógico, espaços, tempos, calendários e temas adequados às características de cada comunidade quilombola para que o direito à diversidade se concretize e faça parte da formação inicial e continuada dos professores. Levando em conta o Título IV das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola que ressalta sobre a Organização da Educação Escolar Quilombola no Art. 10 que cada etapa da Educação Básica poderá assumir variadas formas, de acordo com o art. 23 da LDB, tais como: “I Séries anuais; II- períodos semestrais; III- ciclos; IV- alternância regular de períodos de estudos com tempos e espaços específicos; V- grupos não seriados” (BRASIL, 2012, p. 19).

Ainda no Art. 11 ocorre a definição sobre o calendário da Educação Escolar Quilombola:

Deverá adequar-se às peculiaridades locais, inclusive climáticas, econômicas e socioculturais, a critério do respectivo sistema de ensino e do projeto político-pedagógico da escola, sem com isso reduzir o número de horas letivas previsto na LDB. § 1º O Dia Nacional da Consciência Negra, comemorando em 20 de novembro, deve ser instituído nos estabelecimentos públicos, privados de ensino que ofertam a Educação Escolar Quilombola, nos termos do art. 79-B da LDB, com redação dada pela Lei nº 10.639/2003, e na Resolução CNE/ nº1/2004, fundamentada no Parecer CNE/CP nº 3/2004 (Idem, p. 19).

Para melhor desenvolvimento das atividades pode-se apanhar a oralidade das comunidades remanescentes de quilombos com o objetivo de conhecer os diferentes pontos de vista, descrever e regulamentar a Educação Escolar Quilombola como modalidade da educação básica. O artigo 5º das Diretrizes Curriculares Estaduais § XX preza sobre a importância do “cultivo e valorização da tradição oral, da memória histórica afro-brasileira, da ancestralidade e da erudição popular dos “mais velhos” como fonte de conhecimento e pesquisa e como conteúdo da Educação Escolar Quilombola” (BRASIL, 2014, p.14).

Percebemos que esse caminho poderá contribuir não só para definir melhor o que denominamos de Educação Escolar Quilombola, bem como orientará a gestão pública e os sistemas de ensino em relação às necessidades dessa modalidade, tais como: financiamento,

estrutura física da escola, condições de trabalho do docente, formação de professores, alimentação escolar, estratégias de ensino e o processo didático-pedagógico. Assim, o governo deverá implementar políticas públicas em articulação com o movimento quilombola, para garantir a educação escolar quilombola como um direito

A equipe gestora da escola deverá se efetivar com autonomia e democraticamente para que o atendimento à particularidades dessas comunidades seja um dos eixos da educação sem desigualdades, solicitando dos sistemas de ensino a garantia efetiva do direito à educação escolar quilombola.

A interpretação criminal conferida à criação de quilombos foi registrada em lei no ano de 1740 pelo chamado Conselho Ultramarino, que se deteve da seguinte definição de quilombo: qualquer moradia de negros fugitivos, que passem de cinco, em parte despovoada, ainda que não tenham casas levantadas e nem se achem pilões nele (SCHMITT; TURATTI; CARVALHO, 2002).

A conceituação acima consolidou cinco componentes – fuga, número mínimo de indivíduos, proximidade de uma natureza selvagem do que da civilização, tornando-se um isolamento geográfico, moradia precária – que se propagou como definição clássica a influenciar uma geração de teóricos sobre o assunto quilombola, prevalecendo até meados dos anos 1970.

Alguns estudos nos mostram que o sentido de definição remanescente de quilombo foi uma concepção colocada para enfatizar a grande diversidade de processos de acesso à terra pela comunidade negra escravizada, que incluem: as fugas com ocupação de terras livres, em geral isoladas; doações, heranças, aceitação de terras como pagamento de serviços providos ao Estado; a permanência nas terras cultivadas no interior das grandes propriedades. O caminho de ressemantização da nomenclatura superou a atribuição criminal, mas continua no imaginário nacional estereótipos que associam quilombos a comunidades antigas e desaparecidas após a abolição formal da escravatura.

A valorização positiva de traços culturais, a produção em coletividade como forma de acerto às perseguições e pressões sofridas e a relação com a terra trazem para a explicação de comunidades remanescentes de quilombos a importância do termo território como espaço repleto de significações identitárias. Mocambos, terras de preto, território negro, entre outras acepções como já citadas, foram agrupados na definição de comunidades remanescentes de quilombos para discernir populações que não poderiam ser confundidas com os quilombos históricos nem associadas somente por descendência. Portanto, trata-se de agrupamentos que

passaram a dispor de um reconhecimento oficializado de cultura e identidade, mas que continuam em conflitos fundiários.

Conforme assinala Leite (2008), a conceituação comunidade remanescente de quilombos não era habitual no início do processo constituinte. Sua difusão no contexto da Assembleia Nacional Constituinte ocorreu para aludir às áreas onde passaram a viver os escravos africanos e suas famílias, retratando um processo maior de cidadania incompleta. Além disso, sistematizou um conjunto de anseios por ações em políticas públicas.

Ao apreciar as opiniões que norteiam políticas públicas para as populações remanescentes de quilombos, Arruti (2009) constata que na Constituição de 1988 predominou uma temática especificamente cultural identificada no artigo 216, que trata do tombamento dos documentos referidos à história dos quilombos. O mesmo autor observa que a partir de 2003 ocorre relativa transformação de postura do Estado brasileiro diante da questão quilombola, que passa a ser integrada as políticas públicas em razão do reconhecimento de uma parcela diferenciada da sociedade.

É relevante notar que a identificação das comunidades remanescentes de quilombos no panorama das políticas públicas atua de duas maneiras que se diferenciam e se complementam, descrevendo-as de um lado como camada mais desprivilegiada, segregada e excluída da sociedade, de outro como segmento particular, com maneiras próprias de organização social e cultural.

As esferas de reconhecimento configuram-se em articulações distintas de políticas públicas, as quais podem agir por estrutura de redistribuição, quando pautadas pela vulnerabilidade. Quando o reconhecimento sob outro formato começa a ser construído implica ultrapassar a caracterização a partir da insuficiência para considerar a diferença, que não consiste em atributo natural. Lembra-nos Arruti (2009) que essa maneira de reconhecimento evidencia não só a ampliação das políticas universais, mas também a afirmação de políticas diferentes.

Essa elucidação trouxe para a atividade de definições a tarefa de aplicar a nomenclatura “remanescentes de quilombos” a casos fundamentados. A discussão construída tem colocado frente a frente diferentes áreas de saber, sujeitos sociais no exercício de conseguir dar forma e significado as temáticas quilombolas, envolvendo tanto o meio legal e de estudo do comportamento humano quanto os próprios grupos, sendo o público a receber o benefício da regularização desse dispositivo. Os debates políticos e intelectuais em torno das comunidades negras rurais perduram até o presente.

1.5 A implantação da educação escolar quilombola no estado da Bahia

A implantação da modalidade de educação quilombola insere-se no conjunto mais amplo de desorganização de estigmas que definiram, ao longo de nossa história, a introdução inferior da população negra na sociedade e, conseqüentemente, na escola. A educação escolar designada à população remanescente de quilombos encontra-se em situação contrária, marcada pelo funcionamento precário das escolas existentes ou pela inexistência de escolas localizadas nas comunidades.

A promulgação do decreto n. 4.887, em 20 de novembro de 2003, concretizou uma ação governamental construtiva, que regularizou as etapas para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por quilombolas. Com base nesse dispositivo legal, desempenhou-se, no conjunto das políticas públicas, uma ação articulada para a garantia dos direitos já inscritos em lei homologando-se assim a Resolução do Conselho Estadual da Educação CEE nº68 que estabeleceu as Diretrizes Curriculares para Educação Escolar Quilombola no Sistema de Ensino da Bahia, publicado no Diário Oficial de 20 de novembro de 2013, visando orientar o Sistema Estadual de Ensino da Bahia e as escolas de Educação Básica na elaboração, no desenvolvimento e na avaliação de seus projetos educativos, a estruturar a Educação Escolar Quilombola nas diferentes etapas da educação básica, respeitando suas especificidades.

1.5.1 Os princípios da Educação Escolar Quilombola⁶

A educação é um dos direitos básicos do ser humano para a formação da cidadania, e os quilombolas estão lutando para conquistar não só o direito ao acesso, mas primordialmente as condições de permanência e construção de uma escolarização que considere sua identidade cultural.

Art. 5º A Educação Escolar Quilombola rege-se nas suas práticas e ações político-pedagógicas pelos seguintes princípios:

I – direito à igualdade, liberdade, diversidade e pluralidade;

II – direito à educação pública, gratuita e de qualidade;

III – respeito e reconhecimento da história e da cultura afro-brasileira como elementos estruturantes do processo civilizatório nacional;

⁶ BRASIL, 2014. Diretrizes Curriculares para Educação Escolar Quilombola no Sistema de Ensino da Bahia, p.13-21.

- IV – proteção das manifestações da cultura afro-brasileira;
- V – valorização da diversidade etnicorracial;
- VI – promoção do bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, credo, idade e quaisquer outras formas de discriminação;
- VII – garantia dos direitos humanos, econômicos, sociais, culturais, ambientais;
- VIII – garantia do controle social pelas comunidades quilombolas;
- IX – reconhecimento dos quilombolas como povos ou comunidades tradicionais;
- X – respeito aos processos históricos de luta pela regularização dos territórios tradicionais dos povos quilombolas;
- XI – direito ao etnodesenvolvimento, entendido como modelo de desenvolvimento alternativo, que considera a participação das comunidades quilombolas, as suas tradições locais, o seu ponto de vista ecológico, a sustentabilidade e as suas formas de produção do trabalho e de vida;
- XII – superação do racismo – institucional, ambiental, alimentar, entre outros – e a eliminação de toda e qualquer forma de preconceito e discriminação racial;
- XIII – respeito à diversidade religiosa, ambiental e de orientação sexual;
- XIV – superação de toda e qualquer prática de sexismo, machismo, homofobia, lesbofobia e transfobia;
- XV – reconhecimento e respeito da história dos quilombos, dos espaços e dos tempos nos quais as crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos quilombolas aprendem e se educam;
- XVI – direito dos estudantes, dos profissionais da educação e da comunidade de se apropriarem dos conhecimentos tradicionais e das formas de produção das comunidades quilombolas, de modo a contribuir para o seu reconhecimento, valorização e continuidade;
- XVII – trabalho como princípio educativo das ações didático-pedagógicas da escola;
- XVIII – valorização das ações de cooperação e de solidariedade presentes na história das comunidades quilombolas, a fim de contribuir para o fortalecimento das redes de colaboração solidária por elas construídas;
- XIX – reconhecimento do lugar social, cultural, político, econômico, educativo e ecológico ocupado pelas mulheres no processo histórico de organização das comunidades quilombolas e construção de práticas educativas, que visem à superação de todas as formas de violência racial e de gênero; e

XX – cultivo e valorização da tradição oral, da memória histórica afro-brasileira, da ancestralidade e da erudição popular dos “mais velhos” como fonte de conhecimento e pesquisa e como conteúdo da Educação Escolar Quilombola.

Nessa perspectiva de educação escolar com foco na diversidade, na valorização da identidade étnicarracial como forma de fortalecimento da cultura e da temática quilombola que a luta toma um cenário nacional na busca de políticas públicas efetivas para as comunidades tradicionais.

1.5.2 Art. 6º Concretização dos princípios da Educação Escolar Quilombola⁷

A construção da Educação Escolar Quilombola gira em torno dos seguintes princípios:

I – construção de escolas públicas em territórios quilombolas, por parte do poder público, sem prejuízo da ação de organizações não governamentais e outras instituições comunitárias;

II – adequação da estrutura física das escolas ao contexto quilombola, considerando os aspectos ambientais, econômicos e sócioeducacionais de cada quilombo, a garantia de condições de acesso físico às escolas, além da promoção da acessibilidade para as pessoas com mobilidade reduzida ou com deficiências;

III – presença preferencial de professores e gestores quilombolas nas escolas quilombolas e nas escolas que recebem estudantes oriundos de territórios quilombolas;

IV – garantia de formação inicial e continuada aos docentes para atuação na Educação Escolar Quilombola;

V – implementação de um currículo escolar aberto, flexível e de caráter interdisciplinar, elaborado de modo a articular o conhecimento escolar e os conhecimentos construídos pelas comunidades quilombolas, referendado em um projeto político-pedagógico, que considere as especificidades históricas, culturais, sociais, políticas, econômicas e identitárias das comunidades quilombolas;

VI – garantia de alimentação escolar voltada para as especificidades socioculturais das comunidades quilombolas;

VII – inserção da realidade quilombola em todo o material didático e de apoio pedagógico, produzido em articulação entre a comunidade e os sistemas de ensino, instituições de educação superior, organizações não governamentais e outras organizações comunitárias;

VIII – efetivação de uma educação escolar voltada para o etnodesenvolvimento e para o desenvolvimento sustentável das comunidades quilombolas.

1.5.3 Título IV- Etapas e modalidades de educação escolar quilombola⁷

A educação quilombola é entendida como um processo amplo e de longa caminhada para sua efetivação – que inclui a família, a interação com os outros, as relações de trabalho/sobrevivência, as vivências nas escolas, os movimentos sociais e em outras organizações da comunidade. Assim, compreende-se a educação como um processo que faz parte da humanidade e está presente em toda e qualquer sociedade. Portanto, é fundamental conhecermos as modalidades de educação a que as comunidades remanescentes de quilombos têm direito.

Art. 13 A Educação Infantil é um direito das crianças dos povos quilombolas e deve ser garantida e efetivada respeitando-se as formas específicas de viver a infância, a identidade étnico-racial e as vivências socioculturais.

§ 1º Na Educação Infantil, a matrícula das crianças de 0 (zero) a 3 (três) anos em creches ou instituições de Educação Infantil é uma opção de cada família das comunidades quilombolas.

Art. 14 O Ensino Fundamental, direito humano, social e público subjetivo, aliado à ação educativa da família e da comunidade, deve constituir-se em tempo e espaço dos educandos articulado ao direito à identidade étnico-racial, à valorização da diversidade e à igualdade.

Parágrafo único – O Ensino Fundamental deve garantir aos estudantes quilombolas:

I – a indissociabilidade das práticas educativas e das práticas do cuidar, visando ao pleno desenvolvimento da formação humana dos estudantes na especificidade dos seus diferentes ciclos da vida;

II – a articulação entre os conhecimentos científicos, os conhecimentos tradicionais e as práticas socioculturais próprias das comunidades quilombolas, em processo educativo dialógico e emancipatório;

III – um projeto educativo coerente, articulado e integrado, de acordo com os modos de ser e de se desenvolver das crianças e adolescentes quilombolas nos diferentes contextos sociais

Art. 15 O Ensino Médio na Educação Escolar Quilombola deverá proporcionar aos estudantes:

I – participação em projetos de estudo e de trabalho e atividades pedagógicas que visem ao conhecimento das dimensões do trabalho, da ciência, da tecnologia e da cultura próprias das comunidades quilombolas, bem como da sociedade mais ampla;

⁷ BRASIL, 2014. Diretrizes Curriculares para Educação Escolar Quilombola no Sistema de Ensino da Bahia, p.13-21.

Art. 17 A Educação Especial é uma modalidade de ensino que visa assegurar aos estudantes com deficiências, transtornos globais do desenvolvimento e com altas habilidades e superdotação o desenvolvimento das suas potencialidades socioeducacionais em todas as etapas e modalidades da Educação Básica nas escolas quilombolas e nas escolas que atendem estudantes oriundos de territórios quilombolas

Art. 18 A Educação de Jovens e Adultos (EJA) na Educação Escolar Quilombola deve atender às realidades socioculturais e interesses das comunidades quilombolas, vinculando-se a seus projetos de vida e trabalho.

Por tudo isso, verificamos o percurso a ser trilhado, pois a política para comunidades remanescentes de quilombos caminha diante de uma problemática difícil que é à instabilidade social. Nesse cenário, situa-se a forma que desestrutura os dispositivos legais destinados as comunidades de remanescentes de quilombos: promover ambientes discursivos e políticos para a afirmação da presença da população negra na composição da história nacional. Portanto, existe a necessidade de se rediscutir as temáticas que conferem identidade à nação brasileira.

1.5.4 A implantação da educação escolar quilombola no município de Campo Formoso-BA⁸

A implantação da modalidade de educação quilombola tomou força na cidade de Campo Formoso-BA após as discussões em torno da formulação do Plano Municipal de Educação 2015-2025 no dia 22 de junho pela lei nº14/2015, sancionada e promulgada pelo prefeito municipal Eurico Soares do Nascimento em consonância com a lei nº 13.005/2014 que trata do Plano Nacional de Educação – PNE.

No texto da referida lei foram estabelecidas metas e estratégias para a Educação Quilombola e dentre elas:

Meta 21- Adequar o currículo baseado na lei nº 10.639/2003, Lei nº 11.645/2008 e na Resolução 08/2012. Criando um currículo adequado à realidade quilombola que contemple sua identidade, sua cultura e seus valores a partir de 2015.

Meta 22- Formação continuada para professores em educação étnico-racial. Qualificar 100% dos professores para atuarem nas escolas respeitando a diversidade cultural.

Meta 23- Elaborar e executar projetos que valorizem o reconhecimento da cultura afrodescendente.

⁸ Plano Municipal de Educação. Lei nº 14/2015 de 22 de junho. Campo Formoso, 2015.

Meta 24- Garantir condições diferenciadas para o atendimento aos alunos das comunidades quilombolas do município.

Meta 25- Construir, ampliar e adequar a infraestrutura das escolas quilombolas com refeitórios, biblioteca, auditórios.

Meta 26- Garantir da aplicação da Lei 10.639/2003, da Lei 11.645/2008 e da resolução nº08/2012 em todas as escolas do município.

Meta 27- Garantir a realização de cursos de formação docente específicos para educação étnico-racial.

Meta 28- Adquirir material didático-pedagógico para atender os diversos segmentos da Rede Municipal de Educação.

Meta 29- Constituição de um departamento permanente para tratar de assuntos relacionados à diversidade e à educação étnico-racial.

Diante do exposto percebemos o avanço das diretrizes e do desenvolvimento da Educação Escolar Quilombola dentro do município de Campo Formoso, garantindo aos remanescentes de quilombo direto à educação digna e de qualidade, respeitando e valorizando suas raízes e tradições culturais.

CAPÍTULO 2. INOVAÇÃO PEDAGÓGICA E RUPTURA PARADIGMÁTICA: O RECONHECIMENTO DA DIFERENÇA NUMA PERSPECTIVA DE MUDANÇA

2.1 Inovação Pedagógica e ruptura paradigmática

Refletir sobre a realidade atual e quais mudanças serão necessárias para atender a essa nova sociedade consiste em mudar ou adequar currículos, inovar práticas pedagógicas tradicionais, modificar a estrutura física dos ambientes de aprendizagem para se adequar às mudanças sociais, entendendo assim o que Thomas Kuhn chama de ruptura paradigmática, onde contextos de aprendizagem são construídos pela interação dos pares dentro de um ambiente carregado de nutrientes cognitivos, contrariando os pressupostos do paradigma fabril. Segundo Toffler (1973):

Cada sociedade apresenta a sua própria atitude característica em relação ao passado, ao presente e ao futuro. Esta concepção armada em relação ao tempo, formada como reação ao índice de mudanças, é uma das menos notadas, e no entanto é um dos mais poderosos determinantes do comportamento social (TOFFLER, 1973, p. 333).

Portanto, podemos afirmar que vivemos numa era planetária onde a educação precisa centrar-se na condição humana para que o local e o global interajam no intuito de provocar um impacto sociocultural necessário e importante para que os sujeitos sociais possam enfrentar com autonomia os desafios apresentados no cotidiano da sociedade moderna. “Por isso têm as decisões curriculares necessariamente se projetar no futuro, se não quisermos perder de vista a formação de cidadãos activos, intervenientes e participativos no desenho das sociedades de então” (SOUSA, 2004, p. 77). Isto significa uma mudança de paradigma que favoreça a formação de cidadãos autônomos para construir o próprio conhecimento e atuar sobre sua realidade.

Nessa perspectiva, acredita-se que “a inovação pedagógica implica mudanças qualitativas e essas mudanças envolvem sempre um posicionamento crítico, face às práticas pedagógicas tradicionais” (FINO, 2008a, p. 1). Concordando assim com a postulação de que “a Educação não pode deixar de ter os olhos no futuro” (SOUSA, 2004, p. 73), devemos pensar numa escola que busque práticas pedagógicas inovadoras facilitadoras do processo de aprendizagem no contexto atual. Como diz Freire (2006, p. 77), “nos tornamos capazes de intervir na realidade, tarefa incomparavelmente mais complexa e geradora de novos saberes do que simplesmente

nos adaptar a ela”. Para o autor somos indivíduos capazes de participar da formação de uma nova sociedade.

Assim, ressalto a respeito da importância do conhecimento da cultura escolar onde se pretende investigar práticas pedagógicas dentro de um paradigma inovador. Epistemologicamente falando, é uma ponte de acesso a novos conhecimentos, constitui uma tentativa de ruptura, ou seja, mudança dos paradigmas tradicionais que não mais se aplicam nos dias atuais, deixando para trás uma sociedade enraizada nos pressupostos fabris e escravocratas, que limitava a educação a uma máquina construída pelo industrialismo para produzir a espécie de adultos de que precisavam (TOFFLER, 1973).

Ao caracterizar uma educação sem compromisso com a criação de contextos de aprendizagem dentro das escolas, induzindo a mediação a um processo instrucionista, a instituição de ensino impossibilitava qualquer forma de construção do conhecimento através de práticas pedagógicas inovadoras que provocassem uma ruptura paradigmática na base da escola conservadora. Para Kuhn (1978, p. 158) “as instituições reúnem porções dessas experiências e as transformam em um bloco de experiências que, a partir daí, será gradativamente ligada ao novo paradigma e não mais ao velho”.

Para tanto, o paradigma conservador não atende mais os anseios de uma sociedade globalizada. “No paradigma tradicional, o professor tem um compromisso com o passado, com as coisas que podem ser esquecidas. No paradigma emergente, o professor tem compromisso com o futuro, no presente da escola” (MORAES, 1996, p. 67), com a educação enquanto seguradora do processo de aprendizagem, vinculada à inovação pedagógica, confirmando assim as postulações de Thomas Kuhn quando afirma que “a transição de um paradigma em crise para um novo, (...) está longe de ser um processo cumulativo obtido através de uma articulação do velho paradigma. É antes uma reconstrução da área de estudos a partir de novos princípios (...)” (KUHN, 1978, p. 116).

Por isso, que toda revolução paradigmática da educação deve ocorrer numa visão de desarticular a tradição educativa, diminuindo aquilo que ela tem de retrógrado carregado de um histórico do conformismo do instrucionismo. Pois, “à medida que os componentes sociais se multiplicam, e a mudança sacode e desestabiliza todo o sistema, o poder dos subgrupos para reduzir o todo a frangalhos é tremendamente amplificado” (TOFFLER, 1973, p. 398).

Sendo assim, é notável que a ideia de inovação pedagógica, amplia sua dimensão dentro do campo da ruptura paradigmática e cultural (FINO, 2008a). O autor nessa perspectiva afirma que “o caminho da inovação raramente passa pelo consenso ou pelo senso comum, mas por

saltos premeditados e absolutamente assumidos em direção ao muitas vezes inesperado. Aliás, se a inovação não fosse heterodoxa, não era inovação” (ibidem, p. 2). Portanto, acredita-se que o novo paradigma emergente entende o ser humano não como uma máquina apta a seguir instruções, nem como modelo padrão, mas acima de tudo como um sujeito atuante na construção da sua própria aprendizagem e nas transformações sociais.

O mundo se encontra num momento de constantes mudanças, modificações estas globais e em todos os setores da sociedade, como afirma Toffler (1973), na sua obra “O Choque do Futuro”, fruto da era da globalização, da informação e da aceleração desenfreada com que o conhecimento e as novas tecnologias penetram no nosso cotidiano.

Diante disso, vemos que os tempos estão mudando e cada momento da história novas exigências são efetuadas no âmbito da educação, que por sua vez, precisa mudar para conseguir acompanhar os novos cenários que estão se abrindo com a aceleração do conhecimento. Portanto, “o indivíduo do futuro terá de enfrentar uma mudança ainda mais febril do que enfrentamos presentemente” (TOFFLER, 1973, p. 336). Devido a esse mundo interativo e independente, o acesso à informação é algo imprescindível e que está disponível a todos.

Torna-se, de fato, significativo entender sobre inovação, enquanto instrumento que não se restringe a um “sentido meramente incrementador”, apenas como um mecanismo de atualização do comportamento humano com posições conformistas. Ao contrário, “inovação pedagógica pressupõe o empoderamento do aprendiz e procura uma ruptura com os papéis tradicionalmente atribuídos a docentes e discentes” (FINO, 2014, p. 2). Espera-se que o professor possa atuar para mediar o processo de construção do conhecimento e favorecer a autonomia de forma cooperativa, para que ocorra uma aprendizagem colaborativa.

Moran (2000) defende que devemos considerar a educação como um conceito de mudança de atitudes dentro dos meios empíricos, científicos, filosóficos, e, especialmente se tratando de educação, nos ambientes didático-pedagógicos, principalmente quando compreendemos que ela pode proporcionar a entrada de pessoas no mercado econômico, social e político no mundo contemporâneo.

Neste contexto, o crescimento tecnológico e o sistema capitalista, apoiados pela globalização, têm induzido alteração de valores e novas visões de mundo, que nos desafiam como cidadãos e educadores, a encontrar novas formas de pensar, inovar, refletir e agir em todas as áreas da atividade humana, nas quais as diversas culturas interagem e necessitam de todos um olhar crítico face as mudanças atuais, a complexidade da realidade do momento presente. Nesse sentido, Fino (2009) afirma que:

É reflectindo precisamente sobre a sociedade como realidade complexa, composta por vários grupos, cada qual portador de uma cultura específica, que alguns autores consideram a existência de uma cultura dominante, que tende a impor-se às restantes culturas e a segregar ideologias dominantes, constituídas e mediadas por formações culturais específicas, que funcionam, em grande medida, como legitimadoras da hegemonia desses grupos (FINO, 2009, p. 2).

Portanto, a identidade etnocultural de um povo poderá ressurgir dentro de um novo contexto de afirmação do direito de ser e pertencer a uma coletividade passando pela educação escolar. Espaço de mudança, de inovação dos espaços de aprendizagem dos saberes formais e culturais através de práticas pedagógicas que primam pela inovação pedagógica. Deve-se assim “facilitar a aprendizagem melhorando a conectividade no ambiente de aprendizagem, por meio de opções por culturas e não por indivíduos” (PAPERT, 2008, p. 106).

Diante disso, acreditamos que as exigências nessa sociedade imprimem mudanças na nossa forma de pensar e agir. Assim, precisamos estar atentos para acompanhar as transformações atuais e nos inserir como pessoas críticas nesse novo contexto construído a partir do surgimento da tecnologia, da aceleração do conhecimento e da necessidade de regularização e reconhecimento da diversidade cultural que emerge dentro dos muros da escola. Por isso, concordamos que “a inovação pedagógica não é induzida de fora, mas um processo de dentro, que implica reflexão, criatividade, senso crítico e autocrítico” (FINO, 2008a, p. 2). Um olhar diferente e construtivista, como uma nova visão sobre o processo de aprendizagem, quebrando a ideia de a mesma em ser apenas um processo de transmissão e instrução de informação.

A escola do presente e do futuro almeja por um paradigma inovador, preparando os sujeitos para resolução de problemas que venham a surgir, de forma que os mesmos procurem um diálogo transparente, autônomo e responsável com o meio social que o cerca, sendo necessário dotar os sujeitos sociais de um aparato de potencialidades e aprendizagens eficazes que os façam vislumbrarem o sucesso e a vivência num mundo globalizado. Segundo Freire (1983), a educação é mais verdadeira quanto mais desenvolve este impulso do ato de criar. A educação deve ser confiável e não restritiva. É possível darmos oportunidade para que os sujeitos aprendizes sejam eles mesmos.

A escola precisa de uma revolução, deixando de ter o foco quase exclusivamente instrucionista para trás, criando ambientes de inovação pedagógica. A escola impulsionada pela inovação pedagógica visa criar indivíduos autônomos nas suas aprendizagens, em ambientes inovadores, onde a criatividade e as competências pessoais e cognitivas sejam desenvolvidas.

Além disso, a escola que almeja por inovação pedagógica aspira que esses sujeitos sejam instigados a querer saber mais, investigando, intervindo, sendo atores da sua própria aprendizagem. A construção de uma consciência crítica que permite ao ser humano transformar a realidade se faz cada vez mais necessária (FREIRE, 1983).

O professor não poderá ser aquele transmissor de conteúdos, mas sim aquele que abre caminhos, mostra possibilidades e participa de forma colaborativa na aprendizagem dos seus alunos. Aprender, portanto, passará a ser um desafio constante de criação coletiva, estimulados por situações problematizadoras, que recorram a recursos da tecnologia de informação e outros recursos lúdicos que, quando usados de forma planejada, são mediadores de uma aprendizagem pautada pela descoberta, fazendo dos alunos construtores ativos do seu próprio conhecimento e possibilitando o desenvolvimento cognitivo e social do mesmo.

2.2 Aprendizagem e prática pedagógica: dois fios condutores no contexto da educação

Na contemporaneidade, há emergência de novas identidades devido às demandas sociais configuradas a cada interação, seja nas redes digitalizadas, seja nas relações interpessoais e intrapessoais. Silva (2014b) confirma isso ao dizer que “a homogeneidade cultural promovida pelo mercado global pode levar ao distanciamento da identidade relativamente à comunidade e à cultura local” (SILVA, 2014b, p. 21). A escola, por sua vez, surge nesse cenário como um sistema aberto que age e interage com os sujeitos e seu entorno cultural e torna-se um lugar privilegiado de aprendizagem colaborativa onde as diversas culturas interagem na apropriação do conhecimento, sendo necessárias práticas pedagógicas inovadoras pautadas na descoberta do saber, na mediação para que esse conhecimento intervenha positivamente diante da realidade sociocultural dos sujeitos, como já têm pontuado Fino e Sousa (2003), quando afirmam que:

O sujeito constrói a sua identidade pessoal a partir não só da relação consigo próprio, no conflito entre imagens de si (presentes, passadas e idealmente projectadas), como a partir da relação que ele estabelece com o outro, no reconhecimento desse outro e da diferença entre ambos (FINO & SOUSA, 2003, p. 1).

As questões que têm participação neste processo incluem, além dos aspectos relativos aos alunos, as questões que estão atreladas à prática pedagógica do par mais apto como seus posicionamentos políticos/culturais e sua subjetividade. Outro fator importante que pode contribuir nesse sentido é um ambiente sociocultural de diálogo, troca mediada por ferramentas

que desenvolvam a capacidade intelectual, social, afetiva e emocional, assim como ações do sujeito construtor do conhecimento.

Pode-se, para tanto, fazer referência aos conceitos da teoria construtivista de Jean Piaget, da interacionista de Vygotsky e do construcionismo de Seymour Papert, “cujas abordagens, na perspectiva psicopedagógica, sugerem inovações das práticas pedagógicas, de modo que favoreçam a aprendizagem” (CÂNDIDO, 2010, p. 263). Assim, é perceptível que a aprendizagem constitui-se como resultado da interação entre estruturas mentais e o meio sociocultural. E de acordo com a nova ênfase educacional, centrada na aprendizagem, é perceptível também que o professor é co-autor do processo desta aprendizagem com os alunos. Nesse enfoque, pode-se notar que o conhecimento é construído e reconstruído continuamente.

A partir dessa perspectiva conceitual, as propostas de práticas pedagógicas aqui levantadas e baseadas nos pressupostos teóricos das concepções interacionistas e construcionistas são orientadas no sentido de promover uma relação dialógica entre professor e aluno, este último concebido como sujeito ativo e participante do seu processo de aprendizagem.

O construtivismo tem como representante um “biólogo de formação, Jean Piaget [que] defendeu que a adaptação ao meio é o princípio fundamental que rege a existência de todo e qualquer ser vivo: este simplesmente morre quando o deixa de fazer” (SOUSA, 2000, p. 170). Essa aproximação do pensamento infantil como problema qualitativo levou o estudioso a uma prática considerada oposta à tendência dominante:

(...) Enquanto a psicologia tradicional costumava caracterizar negativamente o pensamento infantil enumerando as suas lacunas e deficiências, Piaget procurou revelar a originalidade qualitativa desse pensamento mostrando o seu aspecto positivo. Antes o interesse se concentrava no que a criança não tem, o que lhe falta em comparação com o adulto, e determinavam-se as peculiaridades do pensamento infantil pela incapacidade da criança em produzir pensamento abstrato (...) nas novas investigações colocou-se no centro da atenção aquilo que a criança tem, o que há no seu pensamento como peculiaridades e propriedades distintivas (VYGOTSKY, 2009, p. 21).

O processo de desenvolvimento cognitivo faz-se, portanto, segundo o autor construtivista, por etapas sucessivas em que as estruturas intelectuais se constroem progressivamente. Piaget identificou grandes estágios do desenvolvimento cognitivo, sendo cada estágio diferente do outro do ponto de vista qualitativo, se caracterizando, cada um, por dispor de formas próprias de adaptação ao meio, uma vez que “cada estágio era caracterizado por um determinado tipo de

inteligência, sendo ponto assente, para J. Piaget, que esta existia mesmo antes de haver linguagem ou pensamento” (SOUSA, 2000, p. 171).

A perspectiva interacionista do desenvolvimento humano e da aprendizagem tem em Lev Semenovich Vygotsky o seu maior expoente. Aprendizagem e desenvolvimento, na perspectiva vygotskiana, estão inter-relacionados. O autor russo enfatiza o papel do outro e da escola como conjunto de mediadores da cultura, que possibilita o desenvolvimento e a aprendizagem da criança.

O desenvolvimento consiste num processo de aprendizagem do uso das ferramentas intelectuais, através da interação social com outros mais experimentados no uso dessas ferramentas (...). Uma dessas é a linguagem. A essa luz, a interação social mais efectiva é aquela na qual ocorre a resolução de um problema em conjunto, sob a orientação do participante mais apto a utilizar ferramentas intelectuais adequadas. Dessa forma podemos visualizar e propor práticas em que os alunos passam de sujeitos passivos para a condição de pensantes e interativos numa lógica do conhecimento construída de uma relação de colaboração e construção mútua por parte de professores e alunos (VYGOTSKY, 1978 apud FINO, 2001, p. 5).

Na perspectiva vygotskiana a relação do indivíduo com o mundo é sempre mediada pelo outro, percebe-se, portanto, que para desenvolver uma melhor aprendizagem é imprescindível trabalhar com conhecimentos significativos e identificar a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) de cada aluno para atuar de acordo com as estruturas que os mesmos já possuem. Vygotsky aponta para a importância das zonas de desenvolvimento no processo de aprendizagem e ressalta o papel da mediação feita pelo professor, como um sujeito atuante na zona de desenvolvimento proximal do aluno para chegar a um outro nível, ou seja, a zona de desenvolvimento potencial quando o aprendiz adquire novas habilidades, alcançando assim os objetivos (VYGOTSKY, 1991).

Segundo o pressuposto da Teoria Interacionista, as interações dos sujeitos em seu meio social são determinantes na aquisição do conhecimento. Professor e aluno são, nesse sentido, essenciais numa relação em que o pensamento, a linguagem e a intervenção possibilitam a aprendizagem. Quanto mais ricas as interações, maior e mais sofisticado será o desenvolvimento da aprendizagem, pois, quando “mediada pelos pares, a responsabilidade pelo controlo exterior é transferida do professor para o par-tutor, devendo essa transferência de controlo promover aprendizagem auto-regulada” (FINO, 2001, p. 9).

Diante das postulações acima é evidente que nos cenários da aprendizagem a participação, a mediação e a interatividade são essenciais, pois existe um novo ambiente de aprendizagem, de reconstrução dos papéis dos atores e coautores do processo, e de um novo olhar diante das

incertezas, no intuito de construir novas formas de interações mediadas pela orientação, condução e facilitação dos caminhos a seguir.

Seymour Papert, criador da teoria construcionista, utilizou a linguagem “Logo” como uma ferramenta de ruptura, mudança do paradigma instrucionista que permeou o processo de ensino entre professores e alunos durante séculos, mostrando as verdadeiras possibilidades de aprender com a utilização de computadores. Pois como corroboram Sousa e Fino (2008, p. 7):

Logo (...) era uma mudança de paradigma educacional, do paradigma instrucionista, velho de quase dois séculos, para um novo paradigma construcionista, como meio de responder ao desafio colocado à escola por uma sociedade em profunda e acelerada mudança (SOUSA & FINO, 2008, p. 7).

Portanto, podemos afirmar que a educação promove uma interação e uma formação de espaços novos, onde o diálogo, a problematização e a produção própria dos educandos são uma forma de construção da aprendizagem. Quanto a isso Papert (2008, p. 135) diz que “(...) as crianças farão melhor descobrindo (“pescando”) por si mesmo o conhecimento específico de que precisam (...) que as ajudará a obter mais conhecimento”. O professor, nesse contexto, exerce o papel de mediador na construção da aprendizagem com o objetivo de intervir para promover mudanças nos processos tradicionais que permeiam o ensino.

Para Fino (2008a, p. 3), “as práticas pedagógicas ocorrem onde se reúnem pessoas das quais algumas têm o propósito de aprender alguma coisa e, outras o propósito de facilitar e mediar nessa aprendizagem”. Assim, como mediador, o professor passa a ser colaborador e exerce a mediação e a criatividade do seu papel de coautor da ação de aprender dos alunos.

Para o construcionista Seymour Papert, o objetivo maior dos docentes deveria ser o de buscar “o máximo de aprendizagem com o mínimo de ensino”, propondo o uso da palavra “Matética”, para significar a arte de aprender. Nesse sentido, o autor supracitado afirma que “a melhor aprendizagem ocorre quando o aprendiz assume o comando” (PAPERT, 2008, p. 37), reforçando a ideia de saberes inacabados que levam os sujeitos a buscar continuamente novos conhecimentos com a utilização de ferramentas educativas de forma inovadora, contradizendo a proposta de Skinner - a instrução programada, que consistia em dividir o material a ser ensinado em pequenos fragmentos logicamente encadeados e denominados módulos, no qual o discente deve responder preenchendo espaços em branco ou escolhendo a resposta certa entre diversas assertivas apresentadas, cujo objetivo é remediar o processo de ensino (FINO, 2003b).

Na relação de um novo contexto pedagógico, professores e educandos interagem usando a confiança e a dialogicidade fazendo uma reflexão de suas funções. Isso é fundamental, pois

nesse encontro, ambos vão construindo novos modos de se praticar a educação com o intuito de vencer as barreiras de uma cidadania assistida e marcada por profundas desigualdades sociais, exigindo sujeitos “ativos intervenientes e participativos no desenho das sociedades de então” (SOUSA, 2004, p. 77).

Nesta perspectiva, vemos que a escola como instituição pode inserir-se no campo da inovação e que o avanço tecnológico, em pleno século XXI, exige do professor a criação de contextos de aprendizagem que estimulem a interação, a criação, a inovação e a autonomia dos sujeitos, tudo propício ao desenvolvimento do conhecimento. Nesse aspecto, é pertinente a afirmação de Fino ao dizer que “a interação social não se define, portanto, entre o professor e o aluno, mas pelo ambiente em que a comunicação ocorre, de modo que o aprendiz interage também com os problemas, os assuntos, as estratégias (...) de um sistema que o inclui” (FINO, 2001, p. 7).

Seymour Papert, por sua vez, mostra tudo isto quando cita no seu livro “A máquina das crianças: repensando a escola na era da informática” autores que contribuíram para o estudo da inovação em educação:

(...) Jonh Dewey com a ideia de que as crianças aprenderiam melhor se a aprendizagem realmente fizesse parte da experiência de vida; ou a ideia de Paulo Freire de que elas aprenderiam melhor se fossem verdadeiramente responsáveis por seus próprios processos de aprendizagem; ou a ideia de Jean Piaget de que a inteligência surge de um processo evolutivo no qual muitos fatores devem dispor de tempo para encontrar seu próprio equilíbrios; ou a ideia de Lev Vygotsky de que a conversação desempenha um papel crucial na aprendizagem (PAPERT, 2008, p. 15).

A aprendizagem diante do paradigma inovador se dá quando o aluno constrói o conhecimento de forma autônoma e ativa. Dessa forma, percebe-se que a inovação impulsiona novos olhares sobre a maneira de enxergar o futuro, tudo com o propósito de alcançar novos horizontes vencendo as barreiras do paradigma conservador que rodeia as instituições de ensino. “O aprendizado é um aspecto necessário e universal do processo de desenvolvimento das funções psicológicas culturalmente organizadas e especificamente humanas” (VYGOTSKY, 1991, p. 101).

Diante de tal informação, evidencia-se que não existe mais espaço dentro e fora dos muros da escola para uma aprendizagem automática, padronizada e fabril, aflorando, pois, a necessidade de um novo modelo de escola, “(...) o tipo de escola capaz de dar respostas às necessidades do novo modelo industrial, de pacificação social e de formação de um novo tipo de homem adaptado às exigências do novo modelo de produção (...)” (SOUSA & FINO 2001,

p. 3), o que Toffler chama de “ensino de massa” a máquina extraordinária criada pelo homem para atender às exigências do capital industrial o qual descontextualiza a aprendizagem e não oferece aos educandos uma sólida construção do conhecimento. “A educação era supostamente “produzida” pelo professor na escola “consumida” pelo estudante” (TOFFLER, 1980, p. 63). Portanto, a concepção de que tudo à volta do mundo está pronto e que nele reside toda gama de conhecimento de que precisamos adquirir manteve-se, durante séculos, numa escola totalmente adaptada ao processo de reprodução. Os autores Bourdieu e Passeron na obra “A reprodução” (2013) descrevem claramente os mecanismos pelos quais a violência simbólica é exercida pela instituição escolar e seus agentes que, em geral, ignoram que contribuem para legitimá-la socialmente.

O papel fundamental do professor diante das possibilidades de promover uma aprendizagem dentro do paradigma inovador é a desconstrução de atitudes e práticas ultrapassadas enraizadas pelo paradigma cartesiano-reprodutivista. Pois, esse novo paradigma inovador busca uma prática pautada na descoberta, na mediação e na construção do conhecimento.

2.3 A Construção da aprendizagem colaborativa na Educação Escolar Quilombola

As transformações ocorridas com o surgimento do modelo econômico capitalista desde o século XVII determinou muitas mudanças na vida econômica, social, educacional e cultural, principalmente no que diz respeito ao desenvolvimento tecnológico e científico acabando com a ideia de que o mundo está pronto e com ele um conhecimento estagnado que durante séculos manteve a escola acomodada ao processo de aprendizagem reprodutivista, sendo que tudo estava sempre bem “engavetadinho”, de modo que o professor ensinava algo inquestionável e o aluno reproduzia exatamente como aprendeu.

Frente a esta realidade, a escola deve pensar seus currículos e práticas pedagógicas na perspectiva de levar seus protagonistas sua origem, sua maneira de ser e de pensar o desenvolvimento desse país como um grande mosaico cultural, para que o respeito a identidade seja conquistado e que a educação prime pela colaboração no ato de construção da aprendizagem no entorno da educação Escolar Quilombola.

É notável que nos últimos anos as transformações sociais têm incitado a escola a descobrir novos caminhos e a enfrentar desafios, pois a educação não pode mais atender os anseios do paradigma fabril e sim prover ao ser humano condições de uma aprendizagem plena, de maneira que cada indivíduo tenha a possibilidade de uma participação digna na sua vida em sociedade

com acesso à cultura, à cidadania e à sua própria identidade. Neste contexto, “a Educação Escolar Quilombola deve ser acompanhada pela prática constante de produção, publicação e aquisição de materiais didático-pedagógicos específicos nas diversas áreas de conhecimento mediante ações colaborativas (...)” (BRASIL, 2014, p. 18).

Novos tempos vêm surgindo, e em cada momento da história, novas expectativas são colocadas à Educação Escolar Quilombola, que por sua vez precisa mudar e articular sua prática pedagógica, em consonância com os modos de ser e de se desenvolver das crianças quilombolas nos diferentes contextos sociais. Portanto, acredita-se no papel do professor enquanto mediador na construção do conhecimento de forma cooperativa e, conseqüentemente no desenvolvimento de uma aprendizagem colaborativa num ambiente motivador, sociocultural de troca, diálogo, mediado por ferramentas e não pela simples transmissão de informação.

A ênfase no aprendizado socialmente elaborado emerge do trabalho de Vygotsky mais claramente nos estudos da memória mediada. É ao longo da interação entre crianças e adultos que os jovens aprendizes identificam os métodos eficazes para memorizar - métodos tornados acessíveis aos jovens por aqueles com maiores habilidades de memorização. Muitos educadores não reconhecem esse processo social, essas maneiras pelas quais um aprendiz experiente pode dividir seu conhecimento com um aprendiz menos avançado, não-reconhecendo esse que limita o desenvolvimento intelectual de muitos estudantes; suas capacidades são vistas como biologicamente determinadas, não como socialmente facilitadas (VYGOTSKY, 1991, p. 142).

Aprendizagem e desenvolvimento, na perspectiva do interacionismo de Vygotsky, estão inter-relacionados. A aprendizagem precede o desenvolvimento, ou melhor, o propósito da aprendizagem é prever o desenvolvimento potencial, e intervir na zona de desenvolvimento proximal, ocasionando o desenvolvimento do sujeito. “A aprendizagem pode ir não só atrás do desenvolvimento, não só passo a passo com ele, mas pode superá-lo, projetando-o para frente e suscitando nele novas informações” (VIGOTSKY, 2009, p. 304). O autor citado enfatiza o papel do outro, do contexto escolar, como grupo de mediadores da cultura, que possibilita o desenvolvimento da criança. Para o interacionista Vygotsky, a relação do sujeito social com o mundo é sempre mediada pelo outro.

Assim, podemos assinalar que “a articulação entre os conhecimentos científicos, os conhecimentos tradicionais e as práticas socioculturais próprias das comunidades quilombolas, em processo educativo dialógico e emancipatório” (BRASIL, 2004, p. 20) são de extrema importância na aprendizagem colaborativa. O outro é quem dá o significado aos objetos, às experiências, é quem interpreta o mundo para a criança. A concepção de homem de Vygotsky

não é a de um ser passivo, fruto das relações, mas a de um ser ativo, que age sobre o mundo através das relações sociais.

Vygotsky estudou o desenvolvimento infantil vinculado à história, à cultura e a sociedade. Este estudioso teve como tarefa, a criação de um modelo que reunisse os mecanismos cerebrais subjacentes ao funcionamento psicológico junto ao desenvolvimento do indivíduo e da espécie humana ao longo de um processo sócio-histórico, tomando como base a ideia do ser humano imerso num contexto histórico, com ênfase nos processos de transformação social.

O construcionista Seymour Papert evidenciou nas suas pesquisas que a interação e aprendizagem colaborativa são importantes para construção de um conhecimento eficaz, pois o aprendiz é um construtor ativo deste conhecimento e o papel do professor é desafiar o aluno com os conceitos já aprendidos, para que eles os reconstruam de forma ampliada e consistente, elaborem novos conhecimentos e intervenham de forma positiva no seu entorno sociocultural, no intuito de promoverem o reconhecimento das ações de solidariedade e cooperação presente na história das comunidades quilombolas, com a finalidade de contribuir para o consolidação das formas de colaboração humana por elas construídas (BRASIL, 2004). Neste enfoque, destacamos a função social da escola, o papel do professor e suas implicações no ato de ensinar, pois o educador estabelece um novo paradigma inovador, sendo mais criativo, mais corajoso e capaz de incentivar a busca por novos caminhos que possam levar a transformação.

A ele, professor, caberá fazer da escola um espaço de pluralidade cultural, de expressão e afirmação prática de referências e identidades, como ponto de partida e núcleo estruturador dos percursos e processos de aprendizagem dos alunos. A ele, professor, caberá concretizar a promoção educativa de cada um, sem desvalorizar cosmovisões localizadas e pessoalizadas. A ele, professor, caberá, em suma, resolver no terreno, o conflito entre globalização e diversidade, através do respeito pelas identidades e especificidades regionais, locais e pessoais que apenas consolidarão a integração e a coesão social (SOUSA, 2004, p. 143).

É importante salientar que as mudanças que ocorrem em cada um, têm suas raízes na sociedade, na cultura. Não há como aprender e apreender o mundo se não existir o outro, aquele que fornece os significados, que permitem pensar o mundo em volta. Sabe-se que diante de novos contextos e para que mudanças significativas ocorram na prática pedagógica, somente o paradigma inovador será capaz de promover juntamente com o construcionismo transformações relevantes na escola e na sociedade ao buscar a elaboração de construções mentais na formação do conhecimento e desconstruir o processo instrucionista de ensino enquanto transmissão do saber.

A aprendizagem colaborativa pode possibilitar benefícios não só dentro do contexto de sala de aula, mas também em todo o entorno, uma vez que a escola é uma microsociedade em formação, na qual seus sujeitos sociais, dela pertencentes, devem conhecer os processos de relacionamento com os outros a partir de tomadas de decisão. A Educação Escolar Quilombola deve proporcionar uma “formação capaz de oportunizar o desenvolvimento das capacidades de análise e de tomada de decisões, de resoluções de problemas, com flexibilidade e valorização dos conhecimentos tradicionais produzidos pelas suas comunidades (...)” (BRASIL, 2004, p. 20).

A escola, para além do conhecimento presente no currículo oficial, possibilita um currículo oculto, desenvolvendo contextos favoráveis a uma aprendizagem inovadora, aprendizagem esta essencial ao pleno desenvolvimento dos indivíduos para a vida em sociedade que permite a construção de ideais como a tolerância para com os outros e para com a diferença, de maneira que promova a diminuição dos conflitos escolares, uma vez que provoca a melhoria das relações pessoais entre pares. “As crianças imitam uma variedade de acções que vão para além dos limites de suas capacidades. Imitando, as crianças são capazes de fazer muito mais, em atividade colectiva, e sob a orientação de adultos” (FINO, 2011, p. 7).

A aprendizagem colaborativa surge como a visão oposta do trabalho organizado pela aprendizagem individualista, competitiva e de carácter transmissivo, que prepara o indivíduo para a reprodução de tarefas definidas. Esta aprendizagem transmissiva e individualista torna os indivíduos passivos no processo de construção do conhecimento, a criatividade e a capacidade de tomada de decisões dos mesmos são deixadas de lado em detrimento de verdades inquestionáveis.

No âmbito da educação escolar quilombola a teoria sociocultural traz contribuições significativas ao propor que conhecimento quando construído no espaço da sala de aula não é um processo individual, mas sim um processo de construção coletiva e compartilhado, descortinando uma aprendizagem pautada no desenvolvimento intelectual. Para Freire (1983, p. 28), “A educação, portanto, implica uma busca realizada por um sujeito que é o homem. O homem deve ser sujeito de sua própria educação”.

A escola, portanto, tem sido organizada, e junto com ela, as práticas pedagógicas, não se contrapondo aos ideais do sistema em que vivemos e aos objetivos da sociedade em que estamos inserida. Neste ponto, nos confrontamos com a questão de que nem sempre os valores subtendidos nas práticas efetivadas coincidem com uma acção voltada para o desenvolvimento pleno, global e integral do ser humano, pois devemos considerar as práticas pedagógicas de

cada comunidade quilombola como parte relevante da educação das crianças, garantindo a incorporação de aspectos socioculturais considerados significativos para a comunidade a que pertence.

É inegável discernir que nas sociedades modernas e desenvolvidas, as experiências pedagógicas são compartilhadas em diversos contextos – inclusive, no recente espaço virtual, que solicita uma reflexão muito mais profunda quanto ao cuidado com a atuação do professor na educação, ou seja, na mediação da construção da aprendizagem. Fino (2001, p. 8) ilustra o papel dos professores a partir de uma metáfora comparando-os como “andaimes que suportam exteriormente um edifício que está sendo construído, e que vão sendo retirados à medida que a estrutura em construção se vai tornando capaz de sustentar sem ajuda”.

Numa perspectiva de Educação Escolar Quilombola que prioriza proporcionar oportunidades aos alunos quilombolas em diferentes áreas do saber e contemplar a autonomia deste sujeito no processo de aprendizagem, o professor é entendido como um importante agente da construção do conhecimento, à medida que colabora diretamente da formação holística de cada aluno. Neste contexto, a educação é vista como um fenômeno complexo entrelaçado ao desenvolvimento de cada sujeito e das suas sociedades, ao longo do processo histórico, o que nos remete obrigatoriamente a uma ideia quanto à globalidade e diversidade inerente às práticas pedagógicas.

A oferta da educação escolar quilombola e uma aprendizagem colaborativa inovadora para as comunidades quilombolas faz parte do direito à educação, muitas vezes esquecido devido ao caminho traçado de desigualdades, violência e discriminações que acompanha este coletivo e prejudica a garantia do seu direito à aprendizagem significativa, à saúde, à terra e ao trabalho. Neste aspecto, Sousa (2004) já salientou que:

A escola não pode, por isso, silenciar as vozes que lhe pareçam dissonantes do discurso culturalmente padronizado, uma vez que não opera no vazio. Não vale a pena pretender unificá-la de maneira abstracta e formal, quando ela se realiza num mundo profundamente diverso. É por isso que penso que os que ensinam terão de ter consciência de que os que aprendem são, tal como eles próprios, seres sociais portadores de um mundo muito especial de crenças, significados, valores, atitudes e comportamentos adquiridos lá fora e que importa contemplar (SOUSA, 2004, p. 15).

Neste sentido, atendendo as mesmas determinações constitucionais, pode-se considerar que é direito da comunidade quilombola ter a garantia de uma escola que lhe assegure a formação básica comum, bem como o efetivo respeito aos seus valores culturais. Sendo que isto somente se concretizará a partir de orientações específicas no cenário das políticas

educacionais e curriculares. A aprendizagem inovadora ocorrerá no momento em que se construam contextos ricos de ferramentas nos quais os alunos possam agir colaborativamente com os outros sujeitos sociais, firmando um conhecimento consolidado na prática e na construção do conhecimento.

CAPÍTULO 3. METODOLOGIA

Segundo Minayo (2003, p. 16) metodologia é “o caminho percorrido pelo pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade (...) conjunto de técnicas que possibilitam a construção da realidade e o sopro divino do potencial criativo do investigador”. Neste sentido, a metodologia ocupa um lugar central na pesquisa que pretende investigar se existem práticas pedagógicas inovadoras na Escola Rural Quilombola Lage dos Negros localizada na comunidade de Lage dos Negros, no município de Campo Formoso-Ba. Por todos os motivos enumerados na justificativa escolhemos trabalhar com abordagem qualitativa de cunho etnográfico, associada aos recursos e técnicas utilizadas na pesquisa qualitativa.

Observando o pensamento do século XVIII percebemos que os estudos de pesquisa, o modo de investigação proposto, principalmente pelo pensamento evolucionista implicava em separar os dados sociais, classificando em categorias diferentes como unidades estudadas individualmente. Já a abordagem qualitativa de pesquisa teve suas raízes somente no final do século XIX e início do século XX, quando os cientistas sociais iniciaram a indagar se o método de investigação das ciências naturais e físicas, que possuem seus fundamentos numa perspectiva positivista de conhecimento, deveria continuar servindo como modelo para o estudo dos fenômenos humanos e sociais. Pois, “a pesquisa qualitativa abrange basicamente aqueles estudos que desenvolvem os objetivos de compreensão dos fenômenos socioeducativos e a transformação da realidade” (ESTEBAN, 2010, p. 130).

A partir do desenvolvimento da abordagem metodológica da hermenêutica, que Macedo (2010) defende como uma concepção antipositivista, da Sociologia do Conhecimento, do Pragmatismo, do Interacionismo Simbólico e da Etnometodologia (norte-americana), ocorreu um grande impulso a uma abordagem coerente e orientada pelo social, provocando assim, uma das principais diferenciações entre investigação qualitativa (o qual aponta para uma visão holística dos fenômenos sociais; e a quantitativa (que divide a realidade em unidades passíveis de mensuração). Sendo que a primeira adquiriu no campo das investigações científicas um novo papel diante dos fatos sociais, garantindo à etnografia um campo fértil de estudo.

3.1 Etnografia

O presente trabalho tem como metodologia a abordagem qualitativa, de cunho etnográfico, por entender que é nela que se amplia o debate epistemológico e a reflexão sobre

as especificidades socioculturais e a troca de experiências num diálogo direto entre pesquisador e o objeto observado. O trabalho de abordagem qualitativa de cunho etnográfico produz representações a partir de uma rotina densa no campo de pesquisa com os sujeitos sociais da pesquisa.

É dentro desse contexto e dos pressupostos da pesquisa qualitativa que a etnopesquisa crítica, segundo Macedo (2010), se faz presente, descortinando o processo investigativo pautado na repartição de tarefas, onde o observador tem um lugar de subalterno em relação aos estudos dos fenômenos sociais, causando uma “neutralidade” na investigação científica e a perpetuação de um paradigma fabril e instrucionista. Segundo Sousa (2014, p. 16), “ligada à antropologia e à sociologia qualitativa, a etnografia surge como uma forma diferente de investigação educacional, em franca oposição aos paradigmas positivistas provenientes da psicologia experimental e da sociologia quantitativa”. Portanto a pesquisa etnográfica atrelada a uma interpretação crítica das práticas pedagógicas, pode ser um caminho a descobrir se existe inovação na aprendizagem dos alunos da Escola Rural Quilombola de Lage dos Negros. “Sendo assim, a hermenêutica crítica é uma das fontes de inspiração para uma etnopesquisa crítica, na medida em que contém a possibilidade democrática e emancipatória de que a crítica seja também prática, jamais crítica e práticas messiânicas” (MACEDO, 2010, p. 46).

Dessa forma este autor defende que não é um olhar simplesmente descritivo que produzirá resultados tão significativos, mas uma observação fundamentada na etnografia crítica na prática que poderá gerar as mudanças pedagógicas capazes de originar a “inovação pedagógica”. Pois, como coloca Fino (2008b, p. 3) “já não será tão controverso, pelo menos a esta luz, propor a etnografia como forma de estudar as práticas pedagógicas para se decidir se serão tão inovadoras”. Investigar se as práticas pedagógicas desenvolvidas na Escola Rural Quilombola de Lage dos Negros representam mudanças, enquanto ruptura paradigmática com os pressupostos tradicionais requer uma observação sistemática dessas práticas, cotidianamente, pois “um olhar qualificado pela experiência directa do terreno, e multirreferencialmente informado e reflectido, talvez possa ajudar a provocar, nem que seja, um pouco de mudança” (ibidem, p. 4).

A etnografia, num sentido lato, significa a descrição de um povo, de uma cultura. André (2012, p. 27) defini a etnografia como “um esquema de pesquisa desenvolvido pelos antropólogos para estudar a cultura e a sociedade”. Portanto, a pesquisa etnográfica pretende lidar com o grupo de pessoas pertencentes a uma cultura, a uma comunidade. O estudo etnográfico envolve a análise dos comportamentos, das vivências, dos costumes e das crenças

que são partilhados na cultura em estudo. Esta metodologia reflete sobre as interações humanas, em que o investigador interpreta ações significativas, por forma a dar uma visão dessa realidade. Geertz (1978) afirma que:

[...] fazer etnografia é como tentar ler (no sentido de construir uma leitura de) um manuscrito estranho, desbotado, cheio de clips, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escritos não com os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado (GEERTZ, 1978, p. 35).

Dessa forma, a pesquisa de abordagem qualitativa de cunho etnográfico se encarregará de revelar uma riqueza de significados subjacentes à provável existência de práticas pedagógicas inovadoras no contexto da Escola Rural Quilombola de Lage dos Negros, que constitui o objeto desta pesquisa. Segundo Michaliszyn e Tomasini (2012, p. 86) “o trabalho etnográfico permite ao pesquisador viver no campo uma experiência que é única. Ela nos é dada através do conjunto de relações pessoais por nós estabelecido e que nos permite ligar à rede cultural do grupo como nos envolvemos no momento da pesquisa”.

Conforme Spradley (1979 apud FINO, 2008b, p. 1), “a etnografia deve ser entendida como a descrição de uma cultura (...) sendo a tarefa do investigador etnográfico compreender a maneira de viver do ponto de vista dos nativos da cultura em estudo”. Para tanto entendemos a antropologia e a etnografia como perspectivas que nos levam a uma hermenêutica cultural, a uma aprendizagem polissêmica (MACEDO, 2012). Na qual os diferentes saberes se constituem numa interação mútua de troca de experiências e conhecimentos culturais.

A investigação etnográfica, que se desenvolve dentro de contextos educativos, torna-se um recurso de relevância, uma vez que permite o entendimento do contexto visto de dentro, refletindo e analisando as situações que permeiam a progressão na aprendizagem dos sujeitos pesquisados. “Imbuídos da etnopesquisa, educadores críticos conhecem a liberdade responsável das metodologias inerentes a essa alternativa científica, conduzindo investigações pertinentes e contingentes ao contexto” (MACEDO, 2010, p. 47).

Nesta compreensão, todo conhecimento que o contexto educativo oferece ao investigador, passa a ser parte integrante da interpretação e análise do mesmo, desde a gestão, as regras, as regras e ideais da comunidade escolar, assim como, à aprendizagem dos alunos o sentimento de pertença à escola e àquela cultura, entre outras informações que o investigador etnográfico consegue obter devido à sua estada em campo.

Descrição (grafia) de um etnos (termo que designa povo, uma cultura). O trabalho etnográfico de campo implica fundamentalmente na observação participante (noção que define ao mesmo tempo a etnografia em seu conjunto e as observações prolongadas feitas no campo ao participar da vida das pessoas). Atualmente, o termo etnografia tende a designar uma disciplina, com todos os privilégios que comporta, e, ao mesmo tempo, um método (a observação participante e as técnicas anexas) e um trabalho de interpretação dos dados coletados no decurso do trabalho de campo (LAPASSADE, 2005, p. 148).

Para André (2012), a ação do investigador em campo e sua interação com o objeto de estudo é fundamental para o pleno desenvolvimento da pesquisa. Ainda segunda a autora supracitada:

Finalmente, a pesquisa etnográfica busca a formulação de hipóteses, conceitos, abstrações, teorias e não a sua testagem. Para isso, faz uso de um plano de trabalho aberto e flexível, em que os focos da investigação vão sendo constantemente revistos, as técnicas de coleta, reavaliadas, os instrumentos, reformulados e os fundamentos teóricos, repensados. O que esse tipo de pesquisa visa é a descoberta de novos conceitos, novas relações, novas formas de entendimento da realidade (ANDRÉ, 2012, p. 30).

A investigação etnográfica requer uma interação presencial com os sujeitos em estudo, durante um período de tempo prolongado, em que o investigador efetua o registro dos dados que ele próprio recolhe durante a pesquisa. Portanto, podemos defini-la como uma investigação presencial, prolongada, descritiva, narrativa e interpretativa. Segundo Fino (2008b):

De facto, a etnografia da educação, sobretudo por recusar qualquer possibilidade de arranjo de natureza experimental, e por, ao invés, estudar os sujeitos nos seus ambientes naturais, pode constituir uma ferramenta poderosíssima para a compreensão desses intensos e complexos diálogos inter-subjectivos que são as práticas pedagógicas (FINO, 2008b, p. 4).

Na investigação interpretativa o objetivo de maior relevância é compreender os significados que os sujeitos constroem nas suas atividades e ações situadas num contexto, e em interação com os outros atores sociais. A etnografia enquanto investigação social trata-se de um estudo do comportamento dos indivíduos no seu contexto natural; a recolha de dados é feita primordialmente a partir da observação e da conversação in loco, não recorrendo à execução de um plano estabelecido anteriormente; a centralidade do estudo é um grupo de indivíduos pertencentes a uma cultura específica e a análise dos dados pretende a interpretação do significado das ações dos sujeitos do grupo, assumindo uma estrutura descritiva e interpretativa.

3.2 Sujeitos e local da pesquisa

Na trajetória do trabalho etnográfico, procurei compreender os significados que os indivíduos construíram nas suas atividades e ações situadas num contexto, e em interação com os outros. Essa participação no contexto escolar pesquisado, inserida no grupo e/ou na cultura da comunidade, proporcionou-me uma visão privilegiada sobre as rotinas do grupo, as interações, a forma como convivem e resolvem as situações problemáticas e os conflitos que possam surgir no dia a dia dos alunos do 3º ano do ensino fundamental I (faixa etária de 9-10 anos) da Escola Rural Quilombola Lage dos Negros, dos professores, coordenadores, gestores e assistente social, os quais são os sujeitos da presente pesquisa. Portanto, concordo com a afirmação de Sousa (2004), quando diz que “a etnografia da educação poderá (...) ter esse papel decisivo na aproximação e comunicação da escola, das várias escolas, com as “mentes culturais” das diversas comunidades” (SOUSA, 2004, p. 16).

A fundação da comunidade de Lage dos Negros ocorreu em meados do século XIX por um homem chamado Luís José dos Santos, cujo apelido era Luisinho. Nzife Barros era proprietário do ex-escravo negro, Luisinho, casado com Maria Lage. Depois de casados conseguiram comprar terras pertencentes Misael Fagundes um senhor de engenho, da localidade de Gameleira. O estabelecimento do quilombo gerou uma rivalidade entre as comunidades branca e negra da região.

Ao longo dos anos, muitos moradores de Lage dos Negros venderam suas terras para pessoas que moravam distante da região. Os negócios deram origem a conflitos, tendo como motivo a demarcação das terras, devido ausência de titulação.

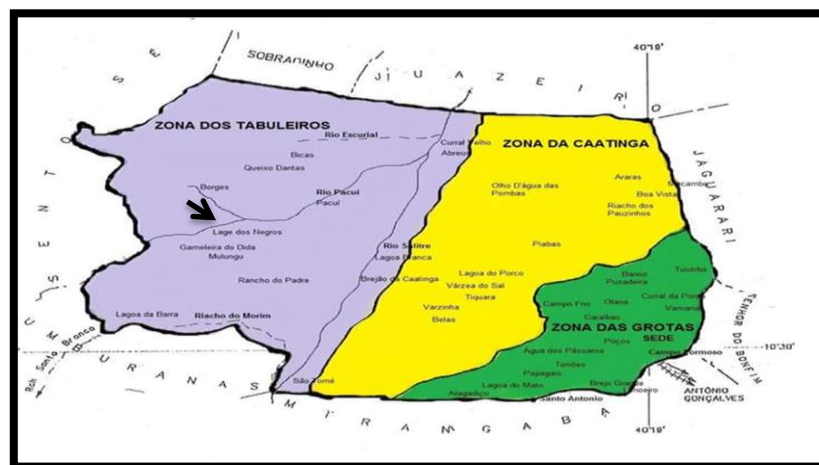


Imagem 2: Mapa de Campo Formoso e da região de Lage dos Negros e comunidades quilombolas certificadas. Fonte: Blog ambiental de Campo Formoso

A comunidade supracitada é certificada como quilombola sendo que uma das suas conquistas principais foi a edificação da primeira Escola Rural Quilombola do município de Campo Formoso. Localizada na zona rural do agreste baiano com a vegetação caatinga, encontra-se a 96 quilômetros da cidade de Campo Formoso-BA, conhecida pelas suas belezas naturais: grutas, rios e rochedos. Devido aos longos períodos de estiagem, a região é abastecida por águas subterrâneas, retiradas a aproximadamente 80m de profundidade, por carro pipa e sistema de cisternas advindas do Governo Federal do programa “Água para Todos”.



Imagem 3: Interior da Escola Rural Quilombola de Lage dos Negros

Fonte: Facebook da escola

A Escola Rural Quilombola de Lage dos Negros possui o código INEP 29.45675-4 e fica situada no povoado acima citado. Ela foi construída no ano de 2011, porém sua inauguração ocorreu no dia 19 de outubro de 2012. A escola recebeu este nome, devido a estar situada numa das maiores comunidades quilombolas do Brasil e, ao mesmo tempo, ser uma escola da zona rural.

A escola é composta por seis salas de aula, dois banheiros amplos e adaptados para estudantes, além de banheiros para professores, funcionários da cozinha e vigias, em sua estrutura há também uma cantina, uma sala para professores, uma sala para direção, sala de informática e uma sala para leitura, mas estas são utilizadas como sala de aula, devido a necessidade da escola. A mesma funciona nos turnos matutino e vespertino, possuindo uma área total de 25000 m² e 700m² de área construída e atende 273 estudantes distribuídos desde a Educação Infantil ao 3º ano do Ensino Fundamental I. Possui ainda em seu quadro de funcionários oito professores, oito auxiliares de professores e/ou cuidadoras, oito auxiliares de serviços educacionais, dois auxiliares de secretaria e três vigias, conforme dados abaixo:

Quadro 2: Funcionários da Escola Rural Quilombola de Lage dos Negros

QUADRO DE FUNCIONÁRIOS DA UNIDADE ESCOLAR⁹	
Diretor:	Rodrigo Vicente da Silva
Coordenador Pedagógico:	Marizete Nascimento Batista
Auxiliares de Administrativo:	Elionaide Gonçalves Barros Odeilton Osvaldo do Nascimento
Professores:	Antônia Araújo de Souza Dilma Rodrigues dos Santos Iracema Amelia dos Santos Ivana Vieira de Sales Julia dos Santos Nascimento Maiane da Silva Carvalho Maise Melo Vieira Caetano Marly Rosa de Jesus Iracema Amelia dos Santos Ivana Vieira de Sales Julia dos Santos Nascimento Maiane da Silva Carvalho Maise Melo Vieira Caetano Marly Rosa de Jesus
Auxiliares de Professor / Cuidadoras	Ana Cleide de Carvalho Célia Maria Viana Nascimento Edilson João da Silva Gildete dos Santos Barros Maria Aparecida Celestino dos Santos Marlete Maria da Gama dos Santos Nilza Maria da Gama dos Santos Selma Rosa de Jesus

⁹ Projeto Político Pedagógico da Escola Rural Quilombola de Lage dos Negros.

Quadro 3: Modalidades de Ensino da Escola Rural Quilombola de Lage dos Negros

MODALIDADES DE ENSINO DA ESCOLA RURAL QUILOMBOLA DE LAGE DOS NEGROS¹⁰	
Creche e Educação Infantil: Maternal, 1º e 2º Período. Ensino Fundamental: do 1º ao 3º ano.	
QUANTIDADE DE ALUNOS DA ESCOLA RURAL QUILOMBOLA DE LAGE DOS NEGROS	
Maternal	40 alunos
1º Período	38 alunos
2º Período	37 alunos
1º Ano do Ensino Fundamental I	43 alunos
2º Ano do Ensino Fundamental I	57 alunos
3º Ano do Ensino Fundamental I	58 alunos



Imagem 4: Escudo da Escola Rural Quilombola de Lage dos Negros

Fonte: Facebook da escola

Os sujeitos da pesquisa possuem um perfil alegre, apesar das dificuldades socioeconômicas que alguns apresentam. Na grande maioria, são provenientes da própria comunidade, porém precisam do transporte escolar, devido ao fato de a escola ficar situada longe das suas casas. Chegam à escola contentes, carregando a curiosidade como ferramenta de

¹⁰ Projeto Político Pedagógico da Escola Rural Quilombola de Lage dos Negros.

busca para aprender. Não são alunos indisciplinados, possuem uma convivência tranquila de cooperação com o outro dentro da sala de aula e no recreio, sendo importante enfatizar o papel da professora Júlia e sua relação de respeito com os seus aprendizes. São crianças, quase na totalidade, oriundas de famílias pobres que vivem do bolsa-família (renda oferecida pelo governo federal para manter as crianças nas escolas), como também da renda dos pais que trabalham uma longa jornada de trabalho nas lavouras de tomate, cebola e repolho nos projetos de irrigação financiados pelo Banco do Nordeste.

Para compreender o perfil do grupo dos sujeitos da pesquisa, foram relacionados não apenas seus traços físicos e emocionais, mas também, o acervo oriundo da vida em seus lares em conversa informal com a professora, o diretor, analisando os mapas de matrícula, como também, nas idas e vindas à comunidade supracitada.

Muitos pais dos alunos saem de madrugada e retornam somente à noite para suas casas, não obtendo tempo para um efetivo acompanhamento dos seus filhos, dificultando o desenvolvimento dos mesmos na aprendizagem, problema este exposto pela professora Júlia e a coordenação da escola em conversa informal em campo. Em anos transatos, a escola passou por um processo de evasão, devido aos mesmos saírem da comunidade para o estado de Minas Gerais para o trabalho nas lavouras de cana-de-açúcar ou café. Com o projeto de irrigação supracitado a permanência dos pais na comunidade aumentou e a evasão escolar diminuiu possibilitando aos alunos uma estadia maior na escola, proporcionando-lhes o desenvolvimento da aprendizagem e um satisfatório rendimento escolar.

A professora responsável pela turma do 3º ano do fundamental I é Júlia dos Santos Nascimento, filha de Vitor Jesus dos Santos e Antonia dos Santos, ambos nativos de Lage dos Negros, município de Campo Formoso–BA. A docente sempre viveu na comunidade carente de investimentos públicos em todas as áreas inclusive na educação.

A professora Júlia sempre estudou em escola pública, concluiu o Ensino Fundamental II em 2005, porém não teve oportunidade de iniciar o Ensino Médio, pois na comunidade ainda não existia um colégio a nível médio. “Os jovens de Lage dos Negros tinham duas alternativas na minha época: morar com parentes distante de casa ou ficar sem estudar. Infelizmente para mim a segunda alternativa era única” (Professora Júlia Santos, 24 de maio 2016, diário de campo).

Em 2007, engajada em trabalho voluntário foi convidada para estudar em uma instituição pública em parceria com uma ONG, com um projeto de formação de jovens. A professora informou que era chamada de “a escola a caminho da CEB’S”. A ONG pagava a metade da

passagem dos alunos, do interior à sede do município e a escola oferecia alimentação”. Segundo a mesma a outra metade da passagem era por conta do aluno, por isso não conseguiu prosseguir nessa instituição em 2008. Comentou ainda que “algo maior estava reservado a mim. Uma representante da comunidade lutou e conseguiu uma extensão de um colégio de Ensino Médio” (Professora Júlia Santos, 24 de maio 2016, diário de campo).

Ainda em 2008 a professora retomou os estudos no curso de magistério, o qual concluiu em 2011 ficando habilitada para ensinar a Educação Infantil e o Ensino Fundamental I. No ano seguinte foi aprovada no concurso público e a docência tornou-se algo real. Atualmente participa do PNAIC (Pacto Nacional de Alfabetização na Idade Certa), que inclui avaliações anuais, formação continuada de professores e distribuição de materiais didáticos promovido pelo Governo Federal aos estados e municípios.

Diante disso, a professora relatou ainda “acredito que uma longa caminhada começa por um pequeno passo: acreditar na educação”. A docente iniciou o curso de Pedagogia em 2013 e está cursando o sexto semestre. “Espero alçar voos mais altos, uma vez que decidi trilhar o caminho da formação continuada. Estarei sempre querendo mais, buscando conhecimento para aperfeiçoar minha prática pedagógica” (Professora Júlia Santos, 24 de maio 2016, diário de campo).

Foi na Escola Rural Quilombola de Lages dos Negros e com os referidos sujeitos que se desenvolveu a pesquisa buscando investigar se as práticas pedagógicas que foram desenvolvidas na mesma contribuem para a construção de contextos de aprendizagem de forma inovadora.

3.3 Técnicas de recolha de dados

Durante o período em campo, os dados recolhidos foram provenientes de um longo caminhar sobre área investigada. Uma vez inserida no grupo e/ou na cultura analisei a rotina dos sujeitos, as interações, a forma como conviviam e resolviam as situações problemáticas e os conflitos que surgiam no dia a dia.

As técnicas utilizadas neste estudo – procuraram investigar a existência de práticas pedagógicas inovadoras no contexto escolar da Escola Rural Quilombola de Lage dos Negros, procurando descobrir como ocorre o processo de aprendizagem na sala de aula do terceiro ano do Ensino Fundamental I. Tais técnicas nos permitiram retomar as anotações com o objetivo de interpretar as situações ocorridas e retornar ao campo de pesquisa para descobrir no interior a

resposta da pergunta que norteia o presente estudo: existem práticas pedagógicas inovadoras na Escola Rural Quilombola de Lage dos Negros?.

Atentos ao locus da pesquisa, as técnicas foram utilizadas com o intuito de promover a descrição e a interpretação o mais próximo possível da realidade. Segundo Fino (2008b, p. 4), “a validade e a riqueza de significados dos resultados obtidos dependem diretamente e em grande parte medida da habilidade, disciplina e perspectiva do observador, e é essa simultaneamente, a sua riqueza e sua fraqueza”.

Na pesquisa etnográfica, os dados tiveram sua origem no local da pesquisa, encontrados por meio de diversas técnicas. Os dados recolhidos foram registrados em tempo real para não correr o risco de perder nenhum momento dentro do contexto, para não distorcer o sentido do que existiu de fato.

3.3.1 Observação participante

A observação participante é uma técnica de coleta de dados que se vale dos sentidos para sua obtenção. Segundo Lapassade (2005, p. 69), “é a técnica fundamental de investigação etnográfica”. Para Bogdan e Taylor (1975 apud LAPASSADE, 2005), trata-se de uma pesquisa caracterizada por um período de interações sociais intensas entre o pesquisador e os sujeitos. Os observadores mergulham pessoalmente na vida das pessoas.

Foi uma técnica fundamental para registros das experiências vividas pelos atores da pesquisa. Com a finalidade de registrar a trajetória de luta pelo fortalecimento étnico em que a educação pode ser um dos caminhos de ruptura paradigmática para construção de práticas pedagógicas voltadas para aprendizagem dentro de um contexto inovador, é que o “observador participante vai se esforçar em adquirir um “conhecimento de membro”. Vai tentar identificar os motivos que os membros tinham para fazer o que fizeram, estabelecer o que seus atos significavam para eles mesmos naquele momento” (LAPASSADE, 2005, p. 70).

De acordo com Adler & Adler (1987 apud LAPASSADE, 2005), existem três tipos de categorização e de implicação do pesquisador dentro do campo de pesquisa: a implicação periférica, na qual o pesquisador apresenta um certo grau de implicação dentro das atividades de campo; a implicação ativa, na qual investigador se esforça por desempenhar um papel ativo de destaque diante da atividade pesquisada; a implicação completa, subdividida em duas categorias: uma participação completa, quando o investigador já faz parte da situação que irá estudar e uma participação completa por conversão, que leva em conta a recomendação etnometodológica.

O investigador etnógrafo precisa de se assumir como um sujeito que viveu o mesmo tipo de experiências e se esforçou no intuito de concretizar o objetivo que pretendia alcançar, procurando possibilidades de entrar na ideologia e nas motivações que moveram a cultura em estudo, e o conjunto dos sujeitos que dela fazem parte.

A auscultação dos diversos mundos culturais só pode ser feita através da chamada “observação participante”, no pátio do recreio, nos intervalos, nos “feriados”, nos jogos de bola, no café, fazendo uso de uma imensidão de técnicas bem ao alcance de cada um, se se estiver, acima de tudo, etnograficamente implicado (SOUSA, 2004, p. 17).

Na observação participante, o investigador junta-se ao meio social e cultural a investigar, assumindo o papel de membro do grupo, podendo assim ter acesso aos anseios dos outros, ao viver as mesmas situações e os mesmos problemas que eles. Assim, a convivência tem por objetivo recolher dados (sobre ações, perspectivas ou opiniões) aos quais um observador exterior não teria acesso.

Os dados coletados, ao longo dessa permanência junto das pessoas, provêm de muitas fontes, principalmente, da “observação participante” propriamente dita (o que o pesquisador nota “observa” ao vivo com as pessoas, compartilhando de suas atividades), das entrevistas etnográficas, das conversas ocasionais de campo, do estudo dos documentos oficiais e dos documentos pessoais (LAPASSADE, 2005, p. 69).

Portanto, ressalto que a observação participante foi uma técnica de investigação qualitativa adequada a mim, enquanto investigadora que pretendeu compreender um fenômeno que lhe é exterior e que lhe permitiu integrar-se nas atividades/vivências das pessoas que nele vivem. Para tanto, foi caracterizada pela interação sociocultural entre mim e os sujeitos pertencentes ao grupo/cultura. Esta interação aconteceu no meio ambiente da cultura, dentro das várias vivências socioculturais.

(...) a dimensão cotidiana, terrena, da vida dos alunos em concreto. São essas “pequenas coisas” que passam a ser o objeto privilegiado de investigação, para que o que se requer uma atenção, um olhar já não de alguém superiormente estranho, que vem de fora para observar, mas um olhar interessado, implicado, ou seja, um olhar etnográfico (SOUSA, 2004, p. 17).

Neste tipo de observação, vivi as situações e fiz os meus registros dos acontecimentos de acordo com a minha perspectiva. Procurei recolher dois tipos de dados: os dados registrados nas “notas de campo”, que consistem na descrição narrativa e os dados que tomei nota no meu “diário de campo” que pertencem ao campo da compreensão e interpretação, uma vez que assumi a minha própria subjetividade.

3.3.2 Entrevista etnográfica

Além da observação participante, utilizei a entrevista não-estruturada para confrontar a minha percepção com a percepção do fato concreto do dia a dia do sujeito pesquisado (alunos, professores, coordenação e direção da escola). Para Fino (2008), “de um ponto de vista etnográfico (...) é necessário, para avançar nas explicações válidas para o comportamento dos seus membros, a centralidade da pesquisa na observação participante e das entrevistas não-estruturadas” (FINO, 2008b, p. 6). Para Lapassade (2005, p. 83), “a entrevista não-estruturada não é programada de antemão, seu conteúdo e suas teses são elaboradas no decorrer mesmo de seu desenrolar (...)”.

A entrevista na abordagem da etnografia deve ser compreendida e utilizada como técnica complementar de importância na recolha dos dados no terreno, e não como técnica única ou último recurso para compreender os contextos específicos das atividades estudadas. Segundo Bogdan & Biklen (1994, p. 134), “(...) a entrevista é utilizada para recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspectos do mundo”. Para Macedo (2010, p. 105):

A entrevista não-estruturada é flexível, mas também é coordenada, dirigida e, em alguns aspectos, controlada pelo pesquisador, por quanto se trata de um instrumento com um objetivo visado, projetado, relativamente guiado por uma problemática e por questões, de alguma forma, já organizadas na estrutura cognitiva e incluída (MACEDO, 2010, p. 105).

A entrevista não-estruturada foi configurada por um grau de informalidade ao tratar dos conteúdos a serem apresentados ao entrevistado, pois as respostas são mais livres e informais, tornando a entrevista numa conversa espontânea. “As entrevistas qualitativas oferecem ao entrevistador uma amplitude de temas considerável, que lhe permite levantar uma série de tópicos e oferecem ao sujeito a oportunidade de moldar o seu conteúdo” (BOGDAN & BIKLEN, 1994, p. 135).

As entrevistas realizadas, no campo da etnografia, promoveram uma interação com a observação participante, uma vez que eu, enquanto observadora participante, relatei a minha percepção das vivências e do significado das mesmas relacionando-a com a percepção dos sujeitos da cultura. Sendo assim, a entrevista etnográfica complementa a observação e mostra de forma clara as ideias, crenças e valores dos sujeitos observados.

O processo interativo em que me encontrei envolvida, permitiu que os sujeitos observados se expressassem naturalmente, cabendo-me o papel de os encorajar e estimular, devendo ser uma ouvinte atenta e ativa. “Neste tipo de pesquisa, o sujeito desempenha um papel crucial na definição da entrevista e na condução do estudo” (BOGDAN & BIKLEN, 1994, p. 135).

Percebeu-se que a entrevista não-estruturada foi um pertinente recurso na metodologia da pesquisa etnográfica, pois apreendeu significados importantes para a compreensão da realidade e dos valores, experiências dos sujeitos investigados, tudo permeado por um longo diálogo livre e aberto, visando a compreensão das significações dos atores da pesquisa.

3.3.3 Notas de campo

As notas de campo constituíram uma técnica usada para recolha de dados coletados durante os trabalhos da observação participante. Os dados registrados nas notas de campo foram impressões da subjetividade dos atores sociais e de toda dinâmica do local da pesquisa sem precisar uma certa distanciação minha, ao registrar na escrita tudo que vivenciei na estada em campo. Bogdan & Biklen subdividem em dois tipos de materiais as notas de campo: o descritivo e o reflexivo. “O primeiro é descritivo, em que a preocupação é a de captar uma imagem por palavras do local, pessoas, ações e conversas observadas. O outro é reflexivo – a parte que apreende mais o ponto de vista do observador, as suas ideias e preocupações” (BOGDAN & BIKLEN, 1994, p. 152).

Após a estada em campo, o investigador deve escrever tudo o que observou no local da pesquisa: as ações dos sujeitos, as atividades por eles realizadas, os espaços em que estão inseridos enfim, tudo aquilo que será relevante para análise etnográfica, confirmando assim as postulações de Bogdan & Biklen (1994, p. 150) quando ressaltam que “depois de voltar de cada observação, entrevista, ou qualquer outra sessão de investigação, é típico que o investigador escreva (...) o que aconteceu”. O investigador deve registrar tudo o que emerge da jornada em campo. Para os autores supracitados, “isto são as notas de campo: o relato escrito daquilo que o investigador ouve, vê, experiencia e pensa no decurso da recolha e refletindo sobre os dados de um estudo qualitativo” (idem, p. 150).

Após tudo isso, as notas de campo se transformam em diários de campo, o que permitiu ao investigador uma orientação desde a sua entrada no local da pesquisa, todo o desenvolvimento da mesma até à sua saída, ajudando-o na análise bem fundamentada da pesquisa etnográfica.

É o que Macedo (2012, p. 131) chama de etnodiários formativos cujo objetivo “é que a narrativa possa emergir impregnada de etnométodos criados no dia a dia, carregados de experiências e reflexões significativas (...) de onde emergem as ações dos atores sociais (...) e sua história”.

As notas de campo tiveram neste trabalho um papel importante e eficaz para o melhor desenvolvimento da pesquisa qualitativa de cunho etnográfico, pois o seu objetivo primordial foi registrar tudo aquilo que foi observado no momento, a fim de posteriormente ser lembrado e refletido.

3.3.4 Recolha de documentos e artefatos

Diante das pontuações dos autores, acreditou-se que os registros nas notas de campo guardaram em si mesmas as imagens da situação observada, ou ainda as palavras ditas. Para tanto, todas as observações foram registradas no diário de campo, organizado por mim, para fazer, posteriormente, uma interpretação crítica dos fenômenos pautada nas abordagens qualitativas: etnografia crítica - para se alcançar uma apreciação mais qualificada através da descrição da cultura e da organização da Escola Rural Quilombola de Lage dos Negros.

Decidir o que constitui realmente o caso, como os dados serão coletados, quem será entrevistado ou observado, que documentos serão analisados é uma atividade que pode ser apenas esboçada num primeiro momento, mas terá que ser repensada, redefinida, modificada ao longo da pesquisa. Ela dependerá de como vão ser os contatos iniciais do pesquisador, de sua forma de entrada em campo, de sua aceitação ou não, de sua interação com os participantes e só então é que poderá ir sendo mais especificada (ANDRÉ, 1995, p. 60).

A análise documental foi um processo onde aconteceu toda a seleção e interpretação de informações existentes em documentos da escola (projeto político-pedagógico, regimento escolar, diário de registros da turma, mapa de matrícula, caderno de planejamento, projetos pedagógicos), nos sites da comunidade, da referida instituição, livros, diretrizes nacionais, estaduais e municipais sobre a educação escolar quilombola entre outros. Num processo investigativo etnográfico foi relevante a recolha de informação de documentos pois acrescentou valor à investigação desenvolvida.

Procedi igualmente à recolha de artefatos no âmbito escolar/social que serviram essencialmente para me ajudar a descrever e a conhecer a cultura. Estes artefactos constituem “um recurso precioso para esse tipo de investigação, seja revelando novos aspectos de uma

questão, seja aprofundando-a” (MACEDO, 2010, p. 107). Recolhi textos referências que expressaram a historicidade da comunidade estudada, bem como as diretrizes que norteiam a educação escolar quilombola da instituição educacional em estudo. Um dos documentos que foram analisados foi o projeto político-pedagógico da escola quilombola que ainda se encontra em construção, entendido como expressão da autonomia e da identidade escolar para garantia do direito a uma educação com qualidade social. Como também, o Regimento Escolar da escola.

Debrucei-me sobre a história oral dos atores envolvidos, tais como: alunos, professores, coordenadores, gestores e outros sujeitos da malha social, recorrendo a filmagens, gravações e fotografias de situações onde se verificasse a ocorrência de prática pedagógica inovadora.

Segundo Macedo (2009), as informações obtidas através da observação participante, da entrevista não-estruturada, dos registros no diário de campo, da análise documental e dos artefatos, como também das filmagens, gravações e fotografias deverão ser analisadas e colocadas a uma saturação de dados e, caso seja insuficiente, o investigador deverá voltar a campo.

3.4 Ética na pesquisa

“A ética é uma palavra com uma forte carga emocional e plena de significados ocultos” (BOGDAN & BIKLEN, 1994, p. 75), pressupõe respeito pelo outro, pela sua individualidade e coletividade. “Os sujeitos devem ser tratados respeitosamente e de modo a obter a sua cooperação na investigação” (idem, 1994, p. 77).

Em relação à ética na investigação, procurei como princípio moral não revelar a identificação das informações colhidas sobre os sujeitos envolvidos, somente quando autorizada mediante documento assinado tendo, na pesquisa, um cuidado em relação aos assuntos partilhados fora do campo de estudo, principalmente, no que se refere aos alunos, tendo em conta a sua faixa etária, pois sabemos que os alunos observados, sendo menores de idade possuem direitos que devem ser protegidos, referente à identidade.

Para muitos investigadores qualitativos as questões éticas não se restringem ao modo de comportamento durante o trabalho de campo. A ética é mais entendida em termos de uma obrigação duradoura para com as quais se contactou no decurso de toda vida como investigador qualitativo (BOGDAN & BIKLEN, 1994, p. 78).

As imagens inseridas na dissertação, bem como a manutenção da oralidade na escrita têm por objetivo mostrar situações, desvelar situações mais próximas da realidade, tal como o investigador etnográfico as captou e que emergiram do campo durante o desenvolvimento da pesquisa.

Segundo os autores abordados acima, “conduzir uma investigação qualitativa assemelha-se mais ao estabelecimento de uma amizade do que de um contrato. Os sujeitos têm uma palavra a dizer no tocante à regulação da relação, tomando decisões constantes relativamente à sua participação” (BOGDAN & BIKLEN, 1994, p. 76). A investigação qualitativa não precisa de consentimentos escritos e assinados, uma vez que este tipo de investigação não possui esquemas ou planos estruturados no processo investigativo. A característica fundamental do investigador deve ser a sua fidelidade e veracidade em relação aos dados, tornando-se confiável ao escrevê-los (BOGDAN & BIKLEN, 1994).

CAPÍTULO 4. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

A análise dos dados é um processo de organização sistematizado das informações e do material que foi recolhido, procedendo-se à sua compreensão e interpretação, descobrindo informações e outros pontos relevantes o que possibilitou um encontro com aspectos da cultura local e com a dinâmica social decorrente do entrecruzamento das fronteiras étnicas, sociais e educacionais da comunidade analisada.

A análise e interpretação dos dados não consiste em uma etapa à parte da investigação, ela é concretizada no início, a partir do momento em que o investigador penetra no campo de pesquisa, observa e analisa tudo do contexto cultural em que está imerso. Woods (1999) afirma que a teorização se inicia no primeiro momento de trabalho desenvolvido em campo quando o investigador detecta tudo que é significativo.

Dessa forma, sabemos que depois da recolha efetiva dos dados de investigação, de se observar o contexto de pesquisa, e de afunilar o objeto de estudo, tem lugar a análise dos dados avaliando aqueles que estão mais intimamente relacionados com a investigação. Segundo Bogdan & Biklen (1994, p. 205):

A análise de dados é o processo de busca e de organização sistemático de transcrições de entrevistas, de notas de campo e de outros materiais que foram sendo acumulados, com o objetivo de aumentar a sua própria compreensão desses mesmos materiais e de lhe permitir apresentar aos outros aquilo que encontrou (BOGDAN & BIKLEN, 1994, p. 205).

A organização dos dados recolhidos constitui uma etapa fundamental para análise dos mesmos, uma vez que permite a representação desses mesmos dados, num espaço visual mínimo para um mais amplo, garantindo a efetivação da análise etnográfica, facilitando a comparação e a triangulação entre diferentes tipos de dados que foram recolhidos de forma que garanta a utilização dos mesmos, de forma produtiva, em um “relatório” denso e significativo sobre tudo que foi vivenciado em campo, confirmando as palavras de Macedo (2010, p. 142), quando comenta que “um relatório de etnopesquisa requer rigor, disciplina (...)”.

Portanto, podemos dizer que existem dois momentos específicos na investigação em que poderá ocorrer a análise dos dados: durante a própria recolha de dados e após a recolha. No primeiro instante, a análise contribui para o afunilamento do objeto de estudo, detalhando contextos mais específicos da pesquisa em campo, anotando tudo o que emerge do campo de

investigação. O importante da recolha de dados é quando o investigador reescreve as suas anotações feitas em campo favorecendo a reflexão e permitindo que alguns elementos sejam bem interpretados.

O termo dados referem-se aos materiais em bruto que os investigadores recolhem do mundo que se encontram a estudar; são os elementos que formam a base da análise. Os dados incluem materiais que os investigadores registam activamente, tais como transcrições de entrevistas e notas de campo referentes a observação participantes. Os dados também incluem aquilo que outros criaram e que o investigador encontra, tal como diários, fotografias, documentos oficiais e artigos de jornais (BOGDAN & BIKLEN, 1994, p. 149).

Após a recolha de dados, a análise favorece o desenvolvimento de categorias devidamente organizadas. Estas categorias procuram encontrar regularidades, padrões e temas frequentes. No meu caso, o que ajudou a interpretar os dados foi a definição de categorias conceptuais, uma vez que, as categorias são parecidas com conceitos gerais, indicados pelos dados recolhidos. Segundo Minayo (1994, p. 70), “a palavra categoria, em geral, se refere a um conceito que abrange elementos ou aspectos com características comuns que se relacionam entre si”. As categorias ofereceram um caminho particular acerca dos assuntos abordados, das atividades e acontecimentos ocorridos, das relações entre os sujeitos envolvidos, situações e contextos, comportamentos, entre outras situações.

No desenvolvimento das categorias, tornou-se importante gerar questões analíticas, uma vez que estas se ligam aos conceitos e estes, articulados, constituíram respostas à problemática de investigação. É o que Macedo (2010, p. 138) chama de:

Categorias analíticas – que irão abrigar analítica e sistematicamente um dos subconjuntos das informações, dando-lhes feição mais organizada em termos de um corpus analítico escrito de forma clara e que se movimenta para construção de um pattern compreensível e heurísticamente rico (MACEDO, 2010, p. 138).

O processo de análise de fontes documentais tornou-se um trabalho de indução analítica, que me permitiu estabelecer elos de ligação entre os meus registos em campo e as minhas interpretações e ideias. “A descrição etnográfica é baseada na teoria em muitos sentidos e o investigado interpreta inevitavelmente o que encontra em função de certos enquadramentos teóricos” (WOODS, 1999, p. 82). Tudo isso aconteceu quando na análise dos dados recolhidos, defini categorias de análise fazendo uma ponte com as teorias já trabalhadas, permitindo-me

uma compreensão de forma mais ampla sobre o que tinha observado e refletido na estada no campo de investigação, após na triangulação de dados obtidos a partir das categorias analisadas em campo durante a pesquisa.

Daí ser a técnica da triangulação um exemplo concreto desse tipo de pesquisa ao qual o etnopesquisador apela durante a construção de seu instrumental analítico para diversos meios, as diferentes abordagens e fontes, visando compreender e explicitar um dado fenômeno, utilizando uma autêntica abordagem multirreferencial (ARDOINO, 1992 apud MACEDO, 2010, p. 138).

4.1 Categorização dos dados recolhidos

A análise e interpretação dos dados é uma fase da investigação que causa muita apreensão, devido à capacidade cognitiva exigida para interpretação dos dados recolhidos em campo. Assim, penso que estou no final da pesquisa. No entanto, me engano porque esta fase depende de outras que a precedem. Torna-se necessário que se tenha uma base teórica aprofundada para olhar os dados dentro de um quadro de referências que nos permite ir além do que está sendo mostrado e analisado.

A etnografia, por si só, se encarregou de revelar uma riqueza de significados subjacentes às minhas ações enquanto membro do grupo no contexto de investigação. Esta metodologia de investigação permitiu um olhar real e presente na participação e convivência com a cultura investigada. Seguindo a observação participante os dados foram recolhidos em toda a estada em campo, de forma não estruturada. O contato direto com os membros da escola, com os quais tive a oportunidade de me comunicar, tanto com os docentes e não docentes, e sentir a subjetividade de cada um em relação à presença e ao ser pertencente da primeira Escola Rural Quilombola na região.

Dessa forma, a estada em campo permitiu-me escrever as notas de campo (registros diários de observação) e a transcrição de entrevistas dos sujeitos envolvidos: realizar os registros por meio de fotografias das vivências no contexto escolar, consultar documentos oficiais da escola. Após recolhidos os dados, emergiu a necessidade de categorização dos mesmos com o objetivo de conseguir uma interpretação significativa para melhor organizá-los e analisá-los, confirmando as postulações dos autores Bogdan & Biklen (1994), quando destacam que uma etapa fundamental na análise dos dados diz respeito ao desenvolvimento de uma relação de categorias de codificação após de ter recolhido os dados em campo e de se encontrar preparado para os organizar.

Diante de uma reflexão aprofundada sobre os dados recolhidos, surgiram as categorias como: atividades, papel do professor e prática pedagógica e o papel do aluno. E dentre elas, subcategorias de análise. Relativamente a atividades: tipos de atividades desenvolvidas nas diversas áreas do conhecimento, pressupostos didáticos e pedagógicos, trabalho colaborativo e participação da comunidade escolar; Relativamente ao papel do professor e à prática pedagógica: desenvolvimento de uma aprendizagem inovadora, interação professor/aluno e autonomia dos alunos; quanto ao papel do aluno: construção da aprendizagem no contexto da prática e desenvolvimento cognitivo e sociocultural.

As presentes categorias surgiram da compreensão que tive em relação a toda a dinâmica proporcionada pela estada em campo, o contato direto com a cultura estudada, a rotina do dia a dia, os valores, os anseios e os hábitos daquele grupo específico.

4.1.1 Atividades desenvolvidas em sala de aula

A categoria “atividades” compreende as atividades desenvolvidas no entorno do contexto de sala de aula, baseadas nos pressupostos didáticos e pedagógicos delineados no projeto político pedagógico da escola. As atividades e os projetos desenvolvidos pelos sujeitos dentro da sala de aula e no seio da escola foram realizados diante da organização de um trabalho colaborativo, pautado num círculo de interações entre os pares responsáveis pela construção de uma aprendizagem efetiva. Para Papert (2008, p. 68), “(...) precisamos desenvolver uma ampla gama de atividades mateticamente ricas, ou “micromundos”. Das observações realizadas, constatei que o conhecimento dos alunos foi sendo construído com foco num contexto social e pedagógico, que promovia a participação de todos nas atividades, tendo registrado que o envolvimento de todos era bastante ativo no desenvolvimento das mesmas.

As atividades desenvolvidas nas diferentes áreas do saber permearam a experiência, a ação e a reflexão do que foi aprendido, a aprendizagem era efetivada a partir das atividades construídas na escola pela colaboração de um com o outro, as mesmas foram norteadas sob fundamentos concretos com base na vida real dos alunos. Tal como foi corroborado pela professora na sua fala e como demonstra as fotos abaixo:

“As atividades propostas são relacionadas a realidade dos alunos considerando alguns questionamentos. Como aprender? Onde vou usar os conteúdos aprendidos? Por que preciso aprender?” (Professora responsável pela turma do 3º ano b, transcrição de áudio em 30 de maio 2016).



Imagem 5: Atividade desenvolvida após a construção de um relógio para trabalhar medidas de tempo.



Imagem 6: Professora e alunos desenvolvendo experiência com medidas de capacidade

A comunidade escolar se encontra presente nas atividades e nos projetos desenvolvidos dentro da Escola Rural Quilombola de Lage dos Negros, o nível de colaboração entre todos foi fundamental para o desenvolvimento de práticas que vieram ocasionar uma mudança no seio escolar, sendo perceptível nas culminâncias de datas comemorativas planejadas e construídas por todos os envolvidos na comunidade escolar. A foto demonstra um momento em que todos se envolveram para um acontecimento esperado na comunidade que é o dia das mães. Neste dia todas as escolas localizadas dentro da comunidade se reúnem coletivamente para prestarem homenagens as mães.



Imagem 7: Comunidade escolar envolvida no projeto do dia das mães. Apresentação em homenagem as mães na quadra de Lage dos Negros.

4.1.2 O papel do professor no desenvolvimento da prática pedagógica

No que se refere a esta categoria sabemos que a prática consciente do professor no desenvolvimento da aprendizagem é fundamental. A professora que orientava a turma do 3º ano B sempre ensinava com clareza as atividades aos alunos. Além disso, supervisionava os alunos que, muitas vezes, não desenvolvia as atividades que eram enviadas para casa a serem realizadas ou construídas com o apoio da família.

O papel da professora era mediar e orientar as ações dos alunos, oferecia-lhes uma gama de experiências práticas que muito serviu para a construção do conhecimento dos discentes, pois acreditava que, criando oportunidades de interação uns com os outros eles em parceria resolveriam situações problemas do dia a dia. Tal como é confirmado na fala da professora da turma: “O papel do professor no processo de construção da aprendizagem do aluno é de orientador e motivador, para que assim possa despertar nos seus educandos o gosto pela leitura e a escrita” (Professora responsável pela turma do 3º ano b, transcrição de áudio em 30 de maio 2016).

A professora não limitava o pensamento do aluno e nem mostrava o caminho para resolução de problemas que surgia no contexto da prática, esta levantava questionamentos, que pudesse ampliar o repertório de respostas na busca de resoluções problemáticas clarificando assim, as ideias ajudando-os a organizar o conhecimento. “O aprendiz, enquanto vai assumindo maior responsabilidade cognitiva sobre a gestão da atividade, vai gradualmente interiorizando os procedimentos e o conhecimento envolvidos (...)” (KING, 1997 apud FINO, 2001, p. 9).

A professora criou durante as aulas espaços de interação com os alunos, para que os mesmos pudessem se expressar e manter a comunicação com o outro para o melhor desenvolvimento das tarefas. A docente organizava estes ambientes de aprendizagem e observava as tarefas desenvolvidas por eles, mediando o processo com exemplos práticos e, chamando a atenção sempre que necessário, no sentido de melhorar a execução das mesmas e o resultado final que era a construção da aprendizagem. É o que sugere Papert (2008, p. 106) “uma estratégia para facilitar a aprendizagem melhorando a conectividade no ambiente de aprendizagem, por meio de opções de culturas e não de indivíduos”.

O trajeto seguido pela professora foi orientado pelas necessidades cognitivas dos alunos, principalmente, no que diz respeito a aquisição da leitura e escrita, pois alguns se encontravam no processo de alfabetização. Estas implicações orientam o seu plano de estudo, mesmo guiada pelo currículo oficial para determinada série/ano, ela ia mais além, procurando caminhos que

facilitavam a superação dos problemas dos seus alunos, de forma prazerosa e nunca imposta. Tudo isso, me fez enxergar que a relação professora e alunos era algo natural, uma parceria entre ambos, sem necessidade de autorregulação somente do professor, como era proposto no paradigma fabril instrucionista, que “a aprendizagem falhava porque o aluno não tinha capacidade, não era inteligente, não era trabalhador... Mais uma vez, e de uma forma desculpabilizadora, reassumia o professor a função de controle e seleção, característico da escola tradicional (...)” (SOUSA, 2004, p. 64).

Nas interações em sala de aula na realização das atividades percebi o respeito que cada um possuía pelo colega, pois não verifiquei atos de indisciplina e nem da existência de uma liderança dentro do contexto de sala de aula, cada um mantém o respeito mútuo com o outro e com a professora, as decisões são tomadas em conjunto em prol de todos, para que os envolvidos no processo de execução das atividades e construção da aprendizagem tenham as mesmas oportunidades. Neste momento de desenvolvimento das atividades, os alunos ouvem e são ouvidos.

A professora incentivava a autonomia dos alunos, eles eram motivados e possuíam a liberdade de criação, em que o esforço de cada um era refletido nos resultados obtidos, sendo que a iniciativa própria de alguns constituía uma atividade de autonomia, no desempenho do trabalho de cada um. Mesmo assim, essa autonomia era mediada, pois alguns alunos devido a timidez e a idade precisavam da intervenção do par mais apto, neste caso, o da professora. Ato confirmado nas suas palavras: “Quanto a autonomia boa parte ainda não alcançou” (Professora responsável pela turma do 3º ano b, transcrição de áudio em 30 de maio 2016).

As atividades escolares em classe giravam em torno de um assunto planejado, presenciei uma que abordava a construção coletiva dos direitos da criança. O assunto foi explanado de forma interativa e bastante descontraída, todos em círculo se posicionavam a respeito dos seus direitos. A professora mostrou situações que possibilitavam cada aluno a refletir sobre os direitos e deveres, bem como construir no espaço escolar sua autonomia diante das considerações expostas, a partir do conhecimento e da participação na construção da produção textual dos direitos e deveres no interior da escola. A atenção e concentração dos/as alunos/as também foram trabalhadas nas atividades propostas.

A docente trabalhou com as crianças o significado das palavras: direitos e deveres. Para isso, conversou com a turma e possibilitou a fala de cada criança sobre o tema. Registrou as falas em uma cartolina, com desenhos produzidos pela turma para ilustrar os próprios direitos das crianças da turma do 3º ano B e depois a fixou no pátio da escola, para que todos pudessem consultar o cartaz confeccionado (REGISTRO DE OBSERVAÇÃO, DO DIA 12 DE ABRIL DE 2016).

O trabalho de produção foi elaborado e registrado em um cartaz exposto para toda comunidade escolar no pátio da escola, como mostra a foto abaixo:



Imagem 8: Produção textual dos alunos sobre os direitos e deveres da criança

4.1.3 Papel do aluno no contexto de construção da aprendizagem

Os alunos do 3º ano “B” da Escola Rural Quilombola de Lage dos Negros eram ativos na construção do seu próprio conhecimento. Alguns com um nível cognitivo mais avançado que outros, mas que com a mediação do par mais apto “a professora”, eles conseguiam alcançar o objetivo que era o desenvolvimento da aprendizagem. Estes identificavam-se com a professora e com a sua prática de trabalho em todas áreas do conhecimento, juntavam-se no mesmo interesse de aprender, não reclamavam das adversidades na vida pessoal e não deixavam as mesmas refletirem dentro do contexto escolar, sendo que, muitas vezes era algo perceptível. Os alunos construíam o conhecimento no contexto da prática, prática está intermediada pela professora, sendo sujeitos ativos, conscientes do seu papel dentro da sala de aula. A par de toda aprendizagem construída, eles aprendiam e reaprendiam a viver em comunidade escolar, respeitando o outro, promovendo laços de amizade e companheirismo.

A aprendizagem dos discentes era tratada como um processo, e não como algo final ou acabado, por isso se constituía como uma forma inovadora de enxergar a educação praticada no interior da instituição. Na Escola Rural Quilombola de Lage dos Negros na sala do 3º ano B, a aprendizagem era desenvolvida, permitindo a participação dos alunos, os mesmos se sentiam motivados a participarem de toda dinâmica preparada na sala para a construção do conhecimento e superação das dificuldades, principalmente de leitura e escrita. “A mudança é análoga ao surgimento do ensino centrado no desenvolvimento, que evita moldar a mente como se fosse um meio passivo e, em vez disso, coopera com os padrões de desenvolvimento do

aprendiz” (PAPERT, 2008, p. 26). A aprendizagem, quando trabalhada desta forma, torna-se algo dinâmico, com significado, fazendo com que os alunos aprendam os conteúdos e desenvolvam as competências necessárias para o desenvolvimento cognitivo.

O crescimento cognitivo e sociocultural era conquistado pelo esforço de cada um, dentro de um ambiente de cooperação com os pares (com mediação e orientação da professora), que a cada aula promovia uma aprendizagem rica em nutrientes cognitivos e buscava desenvolver as competências necessárias para cada área do conhecimento. Segundo Vygotsky (1991):

A zona de desenvolvimento proximal é a distância entre o nível real (da criança) de desenvolvimento determinado pela resolução de problemas independente e o nível de desenvolvimento potencial determinado pela resolução de problemas sob orientação de adultos ou em colaboração com companheiros mais capacitados (VYGOTSKY, 1991, p. 148).

O desenvolvimento sociocultural dos alunos era construído no seio escolar quando trabalhado os assuntos que faziam parte do contexto cultural quilombola da escola e da comunidade que estão inseridos. A professora sempre partia do coletivo quando se posicionava sobre os temas de fortalecimento da identidade quilombola dos alunos e, cada um na sua individualidade se posicionava criticamente sobre o que aprendeu na sua convivência social e familiar em relação a sua história e seus antepassados. O desenvolvimento saudável sobre estes temas favoreciam o crescimento cognitivo e sociocultural dos alunos. Segundo a professora da turma:

Na escola tem um projeto que trabalha com as datas comemorativas afro-brasileira e nós trabalhamos o ano inteiro, todas atividades comemorativas relacionadas ao negro são comemoradas, às vezes com culminância, outras vezes com rodas de conversa, atividades sobre o tema, tentando despertar nos alunos mais conhecimento sobre o negro, o respeito e que eles possam perder e descreer que o negro não é só sofrimento, que o negro seja valorizado, a identidade e a escola. Antes, bem no início, eles recebiam como uma coisa ruim não aceitavam, não queriam ser negro e, hoje eles tem orgulho em dizer: -Eu sou negro quando perguntam algo relacionado a raça, a cor qualquer outra coisa, eles falam logo: -Eu sou negro e não usam mais apelidos como sou cor de canela eles falam: sou negro (PROFESSORA RESPONSÁVEL PELA TURMA DO 3º ANO B, TRANSCRIÇÃO DE ÁUDIO EM 30 DE MAIO 2016).

No ambiente escolar quando uns interagiam com os outros, colocando suas opiniões individuais, dentro da coletividade, agiam de forma democrática fortalecendo a si próprio e o grupo de maneira geral. Todas as vivências de aprendizagem que ocorreram no

desenvolvimento das diversas atividades promoveram uma relação rica, uma construção efetiva do conhecimento. As fotos abaixo demonstram momentos sobre o que foi abordado acima:



Imagem 9: Momento de trabalho em grupo para construção de um paralelepípedo

No presente estudo, foi efetuado a triangulação dos dados recolhidos, as categorias acima descritas facilitaram o entendimento de tudo que foi observado em campo, tornando algo de extrema importância para a interpretação de toda cultura vivenciada dentro do contexto escolar quilombola. Dentro das categorias emergiram subcategorias, as quais interagem com as primeiras tornando a compreensão dos dados mais abrangentes. Percebemos assim no quadro abaixo:

Quadro 4: Categorias de análise

CATEGORIAS DE ANÁLISE	
	<p>Atividades</p> <ul style="list-style-type: none"> • Tipos de atividades desenvolvidas nas diversas áreas do conhecimento; • Pressupostos didáticos e pedagógicos; • O trabalho colaborativo; • Participação da comunidade escolar.
	<p>Papel do professor / Prática pedagógica</p> <ul style="list-style-type: none"> • Desenvolvimento de uma aprendizagem inovadora; • Interação professor/aluno: (pares); • Autonomia dos alunos.
	<p>Papel do aluno</p> <ul style="list-style-type: none"> • Construção da aprendizagem no contexto da prática; • Desenvolvimento cognitivo e sociocultural.

4.2 Interpretação dos dados e análise do discurso

Os registros que elaborei durante a longa estada em campo e as observações realizadas, assim como outros elementos com que mantive contato, permitem-me tentar responder aos vários questionamentos que surgiram no silêncio dos meus pensamentos durante a investigação. Objetivo assim, interpretar os dados recolhidos para um maior entendimento da investigação feita a partir de um contato direto, sobre a existência de práticas pedagógicas inovadoras desenvolvidas no seio da Escola Rural Quilombola de Lage dos Negros, com um olhar no trabalho desenvolvido pela professora e na construção da aprendizagem dos alunos, explorando o interesse dos mesmos em todas as ações desenvolvidas dentro do contexto de sala de aula, procurando sempre novos conhecimentos e novas ações que potencializem a prática no intuito de construir uma aprendizagem significativa no seio da Educação Escolar Quilombola.

Para tanto, é minha finalidade caracterizar traços específicos da cultura escolar quilombola dos sujeitos da pesquisa, podendo compreender a dinâmica de sala, todo conhecimento construído e o pertencer a uma escola quilombola. Os alunos possuem traços em comum, além de pertencer à comunidade quilombola e a uma situação socioeconômica similar, possuem respeito ao outro, união em ajudar o outro, interesse em aprender apesar das dificuldades de leitura e escrita de alguns e orgulho em fazer parte da Escola Rural Quilombola de Lage dos Negros.

Os alunos interagem dentro do espaço escolar, este é algo comum do seu dia a dia, eles o conhecem bem e possuem prazer em estar neste ambiente, pois são convictos apesar da idade que é importante frequentar a escola e as aulas. O professor, como orientador, sempre deixa claro da importância de não faltar às aulas e delinea estratégias dentro da sala de aula, fazendo combinações com eles para não se ausentarem, somente numa necessidade extrema. Uma vez que estão todos presentes, o desenvolvimento das atividades giram em torno de um trabalho cooperativo que abrange o geral, no intuito de atender a todos e os que mais precisam de um olhar diferenciado, devido às dificuldades principalmente de leitura e escrita.

Todos os alunos do 3º ano “B” deslocam-se diariamente das suas casas, através do ônibus escolar oferecido pela prefeitura, no período da tarde, junto com a professora, para se unirem em uma sala de aula e neste espaço produzirem um trabalho de colaboração para promoção de uma aprendizagem rica em conhecimentos de forma companheira e amiga, pois do tempo que estive em contato não vivenciei momentos de discórdias entre eles.

“Seus amiguinhos são bons? O que você mais gosta na sua escola?” (Investigadora).

“São, são. Gosto de aprender, de ser alegre e de ser muito feliz” (Aluno VG).

(Transcrição de áudio. Registro de observação, do dia 29 de julho 2016)

O que percebi durante a estada em campo, foi um trabalho de colaboração em que, sob a orientação da professora, todos na sala resolviam problemas que surgiam ajudando reciprocamente o colega que apresentava dúvidas, todos gostavam das áreas do conhecimento (Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, História e Geografia) trabalhadas no currículo formal para o ano em que se encontravam, alguns tinham mais habilidades numas e outros noutras áreas, mas sempre procuravam o melhor desempenho, o interesse em aprender era mola matriz da turma, nunca reclamavam das atividades desenvolvidas pela professora, pois sabiam que a superação das dificuldades era conseguida com o esforço de cada um. As estratégias, os métodos, os materiais didáticos usados durante as aulas pela professora faziam com que os alunos tivessem motivação para aprender ao longo do processo de aprender. Algo que percebi durante uma conversa com um aluno.

“E porque é importante aprender ?” (Investigadora).

“Porque a gente tem que estudar para ser alguém na vida” (Aluno JM).

(Transcrição de áudio. Registro de observação, dia 11 de julho de 2016)

Os alunos do 3º ano “B” com quem compartilhei diversos momentos de contato e diálogo falavam muito das aulas da professora e presenciei como ela lhes permitia aprendizagens que eram únicas nas suas vidas, oferecendo-lhes conhecimentos que levariam para fora da escola, como também traziam muitos para dentro dos muros da escola, fato este que verifiquei em campo observando a prática pedagógica desenvolvida em sala de aula, como também em diálogo com os alunos.

Uma atitude cotidiana dos alunos em sala de aula é sempre quando terminam alguma atividade, enquanto esperam os colegas concluírem vão ao acervo de livros da sala e lêem no maior prazer e numa atitude de autonomia e vontade de aprender. Continuando os estudos sobre o meio ambiente a professora retomou os estudos dos três erres: REDUZIR, RECICLAR E REUTILIZAR, propondo a confecção de um brinquedo com o material reciclável que trouxeram de casa. Estavam todos empolgados quando o aluno R falou: - professora posso fazer um bilboquê? A outra aluna CA disse que usa o copo de vidro do extrato para beber água, café: “minha mãe não deixa jogar fora”. A aluna AI comentou que reutiliza a garrafa peti para plantar flores e enfeitar. O RG novamente disse que a avó usa para guardar o feijão colhido da plantação e sementes também. Diante da ideia do aluno RG, iniciou a confecção do brinquedo bilboquê. As instruções foram dadas pela professora

e mãos à obra! Foi um momento alegre, descontraído, de tentativas, erros e acertos, mas que no final resultaram na construção de belos brinquedos, que levaram para o recreio para com eles brincarem (REGISTRO DE OBSERVAÇÃO, 06 DE JUNHO DE 2006).

Durante a estada em campo na sala de aula percebi o quanto eles tinham prazer em aprender com a professora. Na hora do recreio sempre gostava de ficar olhando como eles se comportavam e interagiam com os alunos das outras turmas, descobri que gostavam muito de ficar em grupos da própria sala, sentei embaixo de uma árvore e veio um grupo correndo em minha direção, fizeram perguntas e questionei uma aluna:

“Você gosta muito das aulas da professora Júlia?” (Investigadora).

“Sim. Porque ela é boa e dá atenção para gente e ela explica as coisas bem” (Aluna AF).

(Transcrição de áudio. Registro de observação, dia 04 de julho de 2016)

Com o passar dos dias, das semanas e do trabalho realizado pela professora sentia-me satisfeita e impressionada com a mesma. O empenho, o cuidado com os alunos, o desejo de vê-los todos alfabetizados, as estratégias que trazia para sala de aula para estimulá-los e motivá-los era algo prazeroso e de admiração. Como diz Sousa (2000, p. 188) “a motivação não seria também algo que aparece e desaparece, algo que em certo momento despoleta uma ação isolada. Não surgira também com a carência, como falta, mas como algo que penetra a totalidade da personalidade”. As brincadeiras, as leituras realizadas, a execução das tarefas sem nenhuma imposição autoritária, mas como um momento prazeroso, motivador em torno de um objetivo comum que era a aprendizagem significativa dos alunos unia à todos, aprender respeitando as limitações do outro, o ambiente em que estão todos os dias.

No trabalho prático todos colaboravam, a professora tentava fazer com que todos se entrosassem nas atividades desenvolvidas, até os mais tímidos, levando uns a interagirem com os outros, para que a aprendizagem fosse alcançada integralmente. O importante era que todos passassem pelo processo que estava sendo desenvolvido no contexto de sala, a fim de que os alunos se sentissem capazes de atuar e resolver os problemas com autonomia, independente das suas limitações. As atitudes de encorajamento intermediada pelo par apto que era a professora fazia com que todos ficassem acolhidos, sentindo-se capazes de vencer os obstáculos. Segundo Fino (2001, p. 7) “a interação social não se define, portanto, apenas pela comunicação entre o

professor e o aluno, mas também pelo ambiente em que a comunicação ocorre, de modo que o aprendiz interage também com os problemas”.

As práticas pedagógicas desenvolvidas na Escola Rural Quilombola de Lage dos Negros, especificamente na sala do 3º ano do Ensino Fundamental, fogem do paradigma tradicional, fabril e instrucionista, pois rompem com as rotinas e com a maneira que as aulas são estruturadas na escola de alicerce tradicionalista. Sabemos que este paradigma ainda é vigente em muitas salas de aula, o papel do aluno é reduzido apenas a um mero receptor de informações descontextualizadas, oferecida pelo professor, tendo um papel passivo na sua aprendizagem. Para Papert (2008, p. 136) “no contexto de uma sociedade dominada pela Escola, o princípio mais importante da matemática pode ser o incitamento à revolta contra a sabedoria estabelecida, pois sabemos que podemos aprender sem sermos ensinados e, com frequência aprender melhor quando se é menos ensinado”.

Na referida escola e turma, os estudos desenvolvidos nas áreas do conhecimento se baseavam na prática, na vivência social e cultural dos alunos e nas diversas situações problemáticas, com as quais pretendiam resolver. Os alunos da turma do 3º ano B eram construtores da sua própria aprendizagem e com a mediação da professora os mesmos procuravam soluções em conjunto com os demais colegas, ajudando uns aos outros e negociando suas ações no grupo, buscavam o sucesso, desenvolvendo habilidades e competências nas diversas áreas do conhecimento, aprendiam a conviver com a necessidade de resolver as adversidades que poderiam surgir, conscientes que o trabalho em grupo, cooperativo ajudava à todos a superarem qualquer dificuldade. A construção do conhecimento acontece quando o sujeito apresenta o interesse em realizar algo que desenvolva plenamente seu aprendizado e enriquecendo sua prática, essa aprendizagem é o que Papert (2008) define como aprendizagem construcionista.

Nesse sentido, existe razões significativas trazidas pela prática pedagógica tanto com o Projeto Literário desenvolvido na sala de aula com os diversos gêneros, como com os estudos das áreas do conhecimento que podem ser definidos como uma ação inovadora, pois desenrola desde atitudes simples às mais difíceis, construídas pelos aprendizes e mediadas pela professora que é mais experiente e que objetiva também aprender.

4.2.1 As aulas de matemática e o desenvolvimento da aprendizagem a partir do trabalho colaborativo

Nas aulas de matemática a professora seguia sempre uma sequência didática retomando o estudo sobre determinado assunto. Na atividade com sólidos geométricos, lembrou com eles quais eram e propôs a construção de um paralelepípedo com a manipulação de objetos concretos. Foi uma atividade interessante, que os alunos se articularam, pensaram juntos, procurando a melhor forma de montar as faces, as arestas e vértices do sólido. A intenção era, valorizar a capacidade dos alunos como sujeitos aprendizes capazes de construir, promovendo o desenvolvimento da criatividade, incentivando o processo de integração do grupo. Confirmando assim as palavras de Papert (2008, p. 135) sobre “o tipo de conhecimento que as crianças mais precisam é o que ajudará a obter mais conhecimento. É por isso que precisamos desenvolver a “matética””. Eles mesmos escolhiam os grupos sem a intervenção da professora, mostrando a construção da autonomia de cada um. Os grupos se articularam e com palitos, massa de modelar construíram um paralelepípedo. A equipe do VG foi a primeira a terminar. A aluna CA que faz parte do grupo disse: “professora conseguimos!” (Registro de observação. Diário de campo, 30 de maio de 2016).

Desse modo, percebeu-se, durante as observações, que a referida atividade foi desenvolvida pelos alunos, configurando-se como uma aprendizagem construída com a mediação do outro colega na sala, não percebi competição uns com os outros, nem limitações no processo criativo coletivo. Mesmo que o ambiente seja algumas vezes intencionalmente organizado, não ocorreu impedimento para que os sujeitos aprendizes criassem outras formas que vão além das práticas cotidianas. Verificou-se um momento em que cada um possui um espaço para transformar e aprender algo. Após todas as equipes terminarem a professora explorou os paralelepípedos construídos por eles com perguntas problematizadoras sobre as faces do sólido geométrico. Como mostra a foto abaixo:



Imagem 10: Atividade desenvolvida em grupos com sólidos geométricos

A professora trabalhou também na matemática “medidas de tempo”, expôs sobre o conhecimento das horas com o relógio construído pelos próprios alunos com material de papel. Aos poucos, os alunos foram construindo a aprendizagem através de uma prática rica a partir da manipulação do próprio objeto produzido por eles. A maneira como o processo se desenrola rompe com as práticas pedagógicas tradicionais, já que valoriza a capacidade de construção dos aprendizes enquanto seres humanos. Torna-se evidente o desenvolvimento da prática pedagógica na área da matemática, baseada na aprendizagem com o mínimo de ensino através de situações motivadoras. Tal ação promove uma aprendizagem significativa através de uma prática pedagógica alicerçada na interação, na construção do próprio sujeito aprendiz. Como ficou evidenciado nas fotos abaixo:



Imagem 11: Atividade no livro didático de matemática, após construção de um relógio para estudar medidas de tempo.



Imagem 12: Trabalho com medidas de capacidade

4.2.2 A Prática Pedagógica entre os pares nas aulas de Geografia

A professora explorou uma aula de geografia três palavras REDUZIR, REICLAR E REUTILIZAR. Ampliou o conhecimento explicando para os alunos que no mundo inteiro, o ser humano produz uma grande quantidade de lixo todos os dias. E que para diminuir essa produção, foi criada a regra dos três erres, os quais foram citados acima. Eles ficavam atentos e surpresos para saberem o que significava realmente estes três erres.

Em seguida, depois de mostrar o que significava cada palavra, partindo sempre do que eles já sabiam a professora perguntava aos mesmos: “você já tinham ouvido falar na regra dos três erres? Na sua comunidade, que tipo de material é reaproveitado? Que lixo é mais comum na comunidade? Fezes de animais e restos de vegetais, como cascas e palhas que sobram nas colheitas, podem se transformar em outros produtos? Quais?”. A partir das perguntas surgiram as indagações, as vozes dos sujeitos que refletiram e construíram as suas respostas de acordo com o conhecimento que já tinham devido sua convivência social. A professora os instigavam para que eles soltassem suas ideias, pois acreditava que faz parte do processo de construção da aprendizagem.

A aluna AI falou: “existe muito lixo na comunidade e que o carro do lixo passa pouco e as pessoas estão fazendo uma coisa errada professora, jogando saco no rio” (Registro de Observação. Diário de campo, 31 de maio de 2016).

A professora enfatizava, sobre a necessidade de não deixarmos isso acontecer e passarmos despercebidos, pois vidros, latas e papel, sobras da produção vegetal e animal geram muito lixo. Além das pilhas, baterias, lâmpadas, adubos químicos e agrotóxicos podem causar danos para todos nós. De forma lúdica mostrou uma gravura de um biodigestor e perguntou se os mesmos conheciam: alguns disseram que pareciam cisternas (tanques de captação de água da chuva), pois eles têm nos quintais das suas casas. A professora ressaltou que: “parecia, mas este era um objeto para transformar dejetos de animais em biocombustível e adubo orgânico, contribui com o saneamento, pois elimina o mau cheiro deixado pelas fezes dos animais, impede a aparecimento de moscas e diminui a poluição dos rios” (Registro de Observação. Diário de campo, 31 de maio de 2016).

No decorrer das aulas perguntou se eles perceberam como ele é importante. A aluna EN respondeu: “é mesmo para evitar também doenças”, a outra aluna GC respondeu: “para não jogar mais lixo no nosso rio (mostrando o cuidado com a comunidade). A aluna AI disse que “os pais usam adubo no curral das vacas e que eles vendem a folha do sisal quando está seca”

(Registro de observação. Diário de campo, 31 de maio de 2016). A professora disse que: “também usa na comunidade a casca do coco e a folha da bananeira para fazer bolsa e outros objetos de artesanato” (Ibidem).

Após todos questionamentos, foi proposto a construção de uma carta para ser entregue ao secretário do Meio Ambiente, foi uma produção coletiva onde cada um deu sua contribuição. Em seguida, a professora explicou como enviaria a carta, a colocou no envelope, mostrando cada parte que a compõe e perguntou se eles sabiam onde era o correio da comunidade para colocar a carta. Foi um momento prazeroso de construção da aprendizagem, a partir de uma prática pedagógica inovadora, efetiva que possibilitou mudanças na forma de pensar e agir dos alunos em relação ao lixo produzido na comunidade, possibilitando a aprendizagem sobre o assunto.

Diante do exposto, pode-se enfatizar que a construção do conhecimento se concretiza pela vontade dos sujeitos aprendentes em praticar algo relevante para o seu aprendizado, de maneira prazerosa. Sendo importante ressaltar que a inovação não está em si nas áreas do conhecimento e nem nas atividades aqui mostradas, mas, no processo em que são construídas e conduzidas entre a colaboração dos pares.

Desse modo, percebo a Inovação Pedagógica acontecer, pois conforme Fino (2001), passa por mudança na atitude do professor, que presta maior atenção nos contextos de aprendizagem para seus alunos [...]. Portanto, desenvolveu a autonomia do aluno, a reflexão, a cooperação com outro e com meio social e cultural que está inserido.

A professora na sua prática pedagógica sempre estimulava o trabalho em grupo, pois acredita que quando uns interagem com os outros instiga à aprendizagem e superam muitas dificuldades. Num estudo sobre moradias os alunos tiveram participação ativa, questionaram, interferiam, demonstrando interesse pela aprendizagem, captando energia para o trabalho que seria desenvolvido previamente em casa e depois na sala de aula por eles mesmos, ficando a professora com a função de mediar, estimular, guiar o trabalho feito em conjunto com os colegas. A professora formou os grupos e deu a cada um o trabalho de organizarem um seminário de apresentação sobre os tipos de moradia.

As apresentações ocorreram, cada grupo apresentou o cartaz construído pelos membros do grupo em casa. Perguntei onde eles se reuniram para fazerem a pesquisa e a produção do trabalho e disseram que escolheram a casa de um colega. PS disse: - Que foi bom e divertido e aprendemos que só. Eles possuem uma desenvoltura para apresentar os trabalhos, apesar de alguns possuírem uma timidez. Depois pediram para eu escolher a melhor apresentação dos seminários, disse que gostei de todas que não podia escolher uma somente e

sim todas foram bem apresentadas. Após realizaram o para casa (atividade extraescolar para ser desenvolvida com o auxílio da família), a professora sempre enfatiza a importância da ajuda dos pais (DIÁRIO DE CAMPO. OBSERVAÇÕES NO DIA 06 DE JUNHO 2016).

Diante do exposto, percebe-se as ações inovadoras na prática pedagógica nas diferentes áreas do conhecimento no seio da Escola Rural Quilombola de Lage dos Negros na sala do 3º ano B, verifiquei que o processo de aprendizagem rompia com a prática pedagógica tradicional, por entender que todos possuíam a capacidade de aprender e se expressar, respeitando o tempo de maturidade cognitiva e social de cada sujeito envolvido no processo. Nas ações capturadas nas fotos abaixo, vemos os alunos mais autônomos, realizando a leitura dos cartazes e dos textos por conta própria, criativos na construção das produções e realizações das atividades e críticos, opinando nos mais variados momentos de desenvolvimento da aula e das apresentações.



Imagem13: Apresentação dos seminários em grupos sobre os tipos de moradias.

Durante as observações foi possível perceber que o aprendizado da leitura e da escrita era a mola propulsora de todo o processo de aprendizagem. Sendo percebido na execução das diversas atividades escritas e orais. Tais fatos são corroborados na medida que os aprendizes se deparam com uma metodologia nova apresentada pela professora. A importância da leitura variava de um para o outro, de acordo com suas perspectivas e necessidades. Na escrita, o processo de escrever e reescrever demonstrava o fortalecimento da descoberta e a construção da aprendizagem a partir do “erro”. Tais práticas pedagógicas com a leitura e a escrita causou nos sujeitos aprendizes uma transformação de seres passivos a sujeitos ativos do seu próprio processo de aprendizagem.

Noutro dia, a professora recolheu os dados de uma pesquisa que eles fizeram com os pais sobre como era a comunidade no passado, a paisagem natural antes da ação do homem. Todos queriam participar, alguns não fizeram a pesquisa afirmando que os pais estavam na colheita,

cortando sisal e chegaram tarde em casa. Outros respondiam satisfeito a pesquisa realizada. O aluno VG respondeu que “Lages foi transformada pelo homem”. A aluna JM relatou o que a mãe disse: “que antes não tinha energia elétrica que era tudo muito difícil e a telha das casas era de palha”. A aluna AF sempre ativa nas aulas e atividades respondeu que: “o rio não era poluído antes e agora os homens começaram a jogar lixo” referindo-se ao rio que corta a comunidade (Registro de observação. Diário de campo no dia 24 de maio de 2016).

No decorrer da aula a professora mostrou imagens sobre a comunidade antes e a comunidade depois da ação do homem, sempre conversando com os alunos e levantando questionamentos sobre paisagem natural e paisagem transformada. A mesma propôs um passeio ao redor da escola e mostrou o que foi transformado pelo homem. Foi uma aula proveitosa que a partir da pesquisa extraclasse feita com os mais experientes da família os levou a construção do conhecimento sobre paisagens naturais e modificadas pelo homem partindo do local em que eles convivem socialmente com a família. Segundo Freire (1985) a construção de uma consciência crítica que permite ao ser humano mudar o meio sociocultural que se faz cada vez mais inadiável. Na medida em que os indivíduos, no interior de uma sociedade, vão dando respostas aos desafios do mundo, vão temporalizando os espaços e vão construindo história pela sua capacidade criadora.

Percebe-se na ação acima descrita que o sujeito aprendiz é o protagonista da ação e que as ações desenvolvidas giravam em torno de mudanças reais com o foco na aprendizagem e na capacidade de transformação da sua realidade.

4.2.3 Prática Pedagógica com projeto literário desenvolvido em sala de aula nas aulas de Língua Portuguesa

A professora sempre trazia novidades, iniciava a aula de forma alegre e descontraída, o momento literário sempre bem recebido e animado. Cantavam músicas populares do folclore brasileiro, momento de grande interação que todos participavam, respeitando o espaço e o momento do outro.

Cantigas populares foi o tema abordado numa das aulas. A professora primeiramente perguntou a todos sobre as cantigas que eles mais conheciam. Cada um levantou e mostrou a música que sabia, para uns foram novidades as cantigas dos colegas, mas com facilidade aprendiam e deixavam se levar pela letra e o ritmo musical. A música trabalhada e proposta

pela professora foi “O cravo e a rosa”, após ouvir e cantar com os alunos o repertório que eles conheciam. A professora Júlia escreveu a letra no cartaz, seguiu os passos da leitura como: checagem, leitura compartilhada, leitura individual, interpretação, dramatização e desenho. Todos acompanhavam com olhos bem atentos a voz da professora, a forma com que a mesma mantinha a atenção deles era única, pareciam hipnotizados com a maneira que ela conduzia a leitura.

Os alunos com dificuldades de leitura avançavam com a intervenção do par mais apto (a professora), pois sempre aproveitava o momento para alfabetizar, sendo que os alunos avançados nem percebiam a atitude da professora e todos colaboravam com os colegas. Em seguida, a professora deu a chance a cada um para expressarem sua opinião e emoção sobre a música. A docente levantava perguntas questionadoras como: “será o porquê da briga da rosa e do cravo? Eles continuaram amigos?” (Registro de observação. Diário de campo no dia 24 de maio de 2016). O objetivo era instigá-los a se expressarem oralmente, após ocorreu a dramatização da música. Todos posicionados em círculos interagem juntos com o ritmo da cantiga popular, o momento foi de descontração, conhecimento, desenvolvimento cognitivo e aprendizagem. Sousa (2000) afirma que:

Em nosso entender, a teoria da motivação humana veio deixar o aluno-formando muito mais rico pela valorização da sua componente cognitiva. Ao “libertá-lo” das contingências do presente, ao fazê-lo antecipar o seu futuro, sob a forma de planos de acção e projectos de vida, ela veio dignificar a sua pessoa, “cognitizando-a”, propondo-o a preparar, conscientemente, os meios adequados para a concretização dos fins por ele estabelecidos. Ela fundamenta o aparecimento de um novo homem, que, por tomar o destino nas suas mãos, se torna verdadeiramente humano (SOUSA, 2000, p. 189).

Em outro momento a docente trabalhou com o tema do projeto literário “Fábulas”. Primeiramente fez diversas intervenções, com questões problematizadoras instigando os alunos a falarem sobre as fábulas que já tinha lido. Muitos lembraram de livros que a professora trabalhou no ano anterior. Uma aluna lembrou da “Cigarra e da formiga”, outro aluno lembrou da fábula “A lebre e a tartaruga”, consolidando a ideia do conhecimento de mundo que é construído durante as vivências cognitivas e sociais para formação do leitor e do escritor.

Em seguida, explicou para os alunos as características da fábula: personagens, lugar, tempo, narrador e ensinamento. A aula continuou com uma atividade lúdica: um bingo de substantivos. Inicialmente foi construído juntamente com eles uma lista de substantivos comuns e próprios no quadro, a partir da lista nominal dos alunos e outros exemplos. Após, a turma foi

dividida em grupos e a professora fez a brincadeira da forca, também trabalhando com substantivos. Ao mesmo tempo, que estimula o raciocínio através da descoberta, revisa a prova de Língua Portuguesa de forma descontraída, ajudando e alfabetizando. No final todos produziram um desenho com o tema “O meu cavalo Alazão” a professora foi instigando o raciocínio dos alunos e com muita criatividade e imaginação produziram e construíram suas produções artísticas.

Ao trabalhar com gêneros literários em sala de aula, respeitando as especificidades e maturidade cognitiva de cada aluno, o professor modifica sua prática pedagógica com o olhar centrado na aprendizagem, no sujeito protagonista da sua própria ação de aprender. Neste processo de inversão de papéis e interação na construção do conhecimento que a Inovação Pedagógica se faz presente, provocando uma ruptura com as práticas tradicionais instrucionistas.

O professor quando deixa de ser o centro do processo, o detentor do saber, inicia a mudança na sua prática pedagógica e começa a delinear uma nova relação com os aprendizes, sujeitos do processo de aprendizagem, quebrando com o velho paradigma fabril e, ampliando novas possibilidades de construção da aprendizagem, sendo necessário o envolvimento do sujeito aprendiz com o seu aprendizado. Desse modo, este será concretizado na vontade do sujeito aprendiz em colaborar com a realização das atividades de maneira prazerosa. Neste contexto, o professor tem oportunidades em buscar novos caminhos, tornando-se mediador de todo o processo de aprendizagem. Como fica enfatizado nas fotos abaixo:



Imagem 14: Professora desenvolvendo a dramatização de uma fábula



Imagem 15: Produção artística a partir do tema “Meu cavalo Alazão”. Estudo sobre substantivos.

A professora em continuação com o projeto literário falou sobre textos instrucionais e mostrou à turma que estes tipos de textos encontram-se presentes na nossa vida e seu objetivo é ensinar algo e instruir a fazer alguma construção. Quando na prática leem uma regra de jogo, conseguem compreender como jogar; lendo o manual de instruções de um aparelho eletrônico, podem utilizar corretamente as funções do mesmo. São textos instrucionais a regra de jogo, receita, a bula de remédio, folhetos explicativos, o manual de instruções entre outros. Em seguida, fez várias perguntas sobre o gênero instrucional para observar se os mesmos compreenderam.

A aluna AF disse que “o texto instrucional é aquele que ensina a fazer uma receita”. Outra disse: “a receita divide-se em ingredientes e modo de preparo. Ah! Tem também os textos os jogos de xadrez (KM)”. A aluna JM falou que “a bula também é um texto instrucional que ensina a quantidade de remédio que devemos tomar”. A EN completou dizendo que minha mãe antes de me dar o remédio ler a bula, ela tem medo de me dar errado” (Observação, diário de campo, 24 de julho 2016).

A professora continuou a aula com a leitura de um uma receita de salada de frutas que trouxe em um cartaz grande. Primeiramente perguntou se eles já tinham lido uma receita de salada de frutas. Alguns disseram sim outros não. Começou com uma leitura compartilhada, depois foi chamando de um por um para fazer a leitura, estimulando aqueles que estavam ainda se alfabetizando. Após, pediu que cada um fosse lavar as mãos para começar a cortar as frutas que eles trouxeram para fazerem a receita. Foi um momento de descontração e aprendizagem. Todos animados e com as mãos higienizadas iniciaram a produção da salada de frutas.

A professora ia instruindo como fazer e eles em grupos de três cortavam as frutas. Um momento de interação e construção da aprendizagem entre os pares. Depois de terminada a professora colocou na geladeira, após gelar um pouco o momento principal, comer a salada de frutas, preparada pelos alunos do 3º ano “B”. A professora desenvolveu uma sequência didática em relação ao estudo de textos instrucionais, como consta no planejamento da mesma. Com isso, os alunos constroem um conhecimento mais sólido e uma aprendizagem significativa.

As atividades oportunizavam os sujeitos aprendizes a colocar em prática a teoria do construcionismo: menos ensino e mais aprendizagem. Conforme a teoria os sujeitos aprendem mais fazendo, a partir da interação, da construção e da transformação da realidade.

No retorno do recreio a professora iniciou o momento de trabalho ortográfico partindo do poema “Coisa boa” de Sônia de Barros, começou o trabalho desenvolvido a partir de palavras

com o som do J e G, partindo do repertório de palavras conhecidas pelos alunos. Depois foi realizada uma atividade no livro didático de Língua Portuguesa. Conforme mostra as fotos:



Imagem 16: Trabalho desenvolvido com o texto instrucional receita de salada de frutas



Imagem 17: Atividade no livro didático de Língua Portuguesa



Imagem 18: Cartaz produzido pela professora para trabalhar leitura de texto instrucional

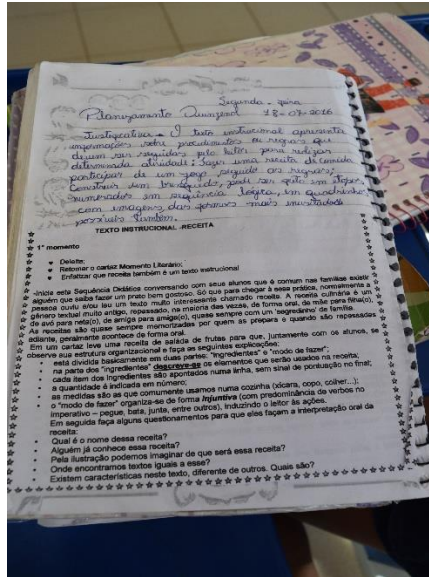


Imagem 19: Fragmento do caderno de planejamento da professora regente

4.2.4 Construção da aprendizagem nas aulas de Ciências

A professora numa atividade de ciências no estudo sobre as células fez uma explicação bem prática para melhor compreensão dos alunos, a regente sempre procurava uma linguagem simples acessível a todos. Mostrou que a presença de células no corpo humano é uma das particularidades que os seres vivos têm em comum. As plantas e os animais são constituídos por mais de uma célula. Assim, são considerados multicelulares. Continuou explicando que as células são geralmente muito pequenas, por isso não conseguimos vê-las a olho nu, ou seja, sem uso de lentes de aumento. Portanto, usamos o microscópio para que sejam analisadas e observadas.

Após explicação do assunto a professora partiu para prática pedagógica, estimulou ainda mais a aprendizagem dos alunos, levando para sala de aula um ovo. A professora o partiu expondo melhor o estudo das células com o material concreto, sendo que cada um teve a oportunidade de vivenciar melhor esse estudo. Os alunos de forma colaborativa atuavam em sala de aula com a professora com indagações que fundamentava ainda mais o que aprenderam. Para Sousa (2000, p. 189) “os processos cognitivos de construção de saber não podiam ser desligados dos processos motivacionais de natureza afectiva e das aplicações respectivas na sala de aula”.

O ato de perguntar era estimulado entre os alunos aprendizes, para a professora quanto mais provocasse os alunos com perguntas complexas, contribuía para o diálogo, desinibia os mais tímidos e avançava na aprendizagem de cada um. Em todas as áreas do conhecimento a

professora incentivava os seus alunos, para que eles expressassem suas ideias, seus anseios em relação ao que estava aprendendo.

As aulas são planejadas com o objetivo de propiciar ao educando a oportunidade de: ver, ouvir, pegar ou fazer, por isso a maioria das atividades são desenvolvidas com o auxílio de materiais lúdicos. Todo esforço realizado em prol desse desenvolvimento cognitivo e sociocultural dos educandos (PROFESSORA RESPONSÁVEL PELA TURMA DO 3º ANO B, TRANSCRIÇÃO DE ÁUDIO EM 30 DE MAIO 2016).

Nesse momento, a maneira de conceber a aprendizagem fica evidente diante das práticas vivenciadas em sala de aula, tais como a realização de atividade de leitura, atividades em grupo, produções individuais e coletivas, uma busca própria que vai além das expectativas de cada um em aprender. Como ficou evidenciado na foto:



Imagem 20: Estudo das células em grupo

4.2.5 Prática pedagógica desenvolvida nas aulas de História

O momento de estudo foi sobre a Identidade de cada um, sua história a partir da árvore genealógica, a professora levantava questões para que os alunos refletissem sobre sua identidade e da sua família. Enfatizou a importância em conhecer a história de seu nome e o significado, refletir sobre a história de seus colegas a partir da sua, conhecer e respeitar os diferentes costumes das famílias, povos e grupos, buscando identificar fontes históricas sobre sua vida. “A ele, professor, caberá fazer da escola um espaço de pluralismo cultural, de expressão e afirmação prática de referências e identidades, como ponto de partida e núcleo estruturador dos percursos e processos de aprendizagem dos alunos” (SOUSA, 2004, p. 143).

A professora procurou ampliar gradativamente as possibilidades de comunicação e expressão dos alunos, explorando a produção da arte através do desenho, música e brincadeiras, com as quais estavam em contato, ampliando seu conhecimento de mundo e da cultura. A docente sempre buscava desenvolver a autoestima e o autoconceito positivo através da afetividade. O estudo foi finalizado com a construção da árvore genealógica pelos alunos com o auxílio da professora e das informações trazidas de casa oferecidas pelos pais.

Durante as observações de campo, percebi que a professora não executava de forma isolada os trabalhos, os sujeitos tinham participação ativa, questionavam, interferiam na busca da solução das dificuldades, demonstrando interesse pelas atividades de sala de aula e pela construção da sua própria aprendizagem. A intenção da docente era alcançar os objetivos traçados no planejamento. O plano de aula era aberto e flexível, sempre quando necessário adaptado de acordo com os avanços dos alunos e as necessidades surgidas no decorrer do dia a dia de aula.

Noutro contexto de aula a professora trabalhou como o tema “A abolição da escravatura”. Tema este presente no projeto político-pedagógico da escola para trabalhar com a história afrodescendente. A docente iniciou, perguntando os alunos se já tinham ouvido falar sobre a escravidão, e o que significava para eles o termo “escravidão”. Depois, das inferências dos alunos a professora falou um pouco sobre o assunto ressaltando que a escravidão pode ser concebida como uma forma de trabalho no qual o indivíduo (o escravo) é propriedade de outra pessoa. Explicou que no Brasil, o regime de escravidão vigorou no início da colonização, logo depois que o Brasil foi descoberto até o dia 13 de maio de 1888, quando a princesa Isabel, ainda regente assinou a Lei 3.353, mais conhecida como Lei Áurea e libertou os escravos no Brasil. Embora a escravidão tenha sido abolida há 128 anos, não pode ser apagada. Os alunos prestavam muita atenção na professora e nos objetos concretos que ela havia nas mãos para melhor explicar o assunto, os olhos brilhavam e a mesma continuava a aula e enfatizava a importância do estudo da nossa História, pois nos permite conhecer o passado, compreender o presente e pode nos ajudar a planejar o futuro.

Naquela época, dizia a professora: “o escravo era visto na sociedade colonial também como símbolo do poder e do prestígio dos senhores (...). Na nossa comunidade não foi diferente. Por isso, que temos muitos negros aqui, pois somos descendentes de escravos, nossa origem é de quilombo” (Diário de campo. Observações no dia 11 de maio de 2016).

O que percebi durante as observações em campo é que o tema sobre raça, identidade quilombola e sobre história afrodescendente, ainda encontra-se a passos lentos dentro do

contexto escolar, podendo ser confirmado em uma conversa informal com a professora regente da turma observada:

Despertar nos alunos mais conhecimento sobre o negro, o respeito e que eles possam perder e descrever que o negro não é só sofrimento, que o negro seja valorizado, a identidade e a escola. Antes, bem no início, eles recebiam como uma coisa ruim não aceitavam, não queriam ser negro e, hoje eles tem orgulho em dizer: -Eu sou negro quando perguntam algo relacionado a raça, a cor qualquer outra coisa, eles falam logo: -Eu sou negro e não usam mais apelidos como sou cor de canela eles falam: sou negro (PROFESSORA RESPONSÁVEL PELA TURMA DO 3º ANO B, TRANSCRIÇÃO DE ÁUDIO EM 30 DE MAIO 2016).

As aulas, as histórias e atividades desenvolvidas em torno do tema ofereciam aos aprendizes oportunidades e possibilidades de conhecerem sobre sua história e raízes. As inferências feitas pela professora interagindo com o conhecimento que eles possuíam da sua vivência em família, comunidade e ambiente escolar se transformava numa aprendizagem efetiva. “Inovar é isso mesmo. Não se trata de procurar soluções paliativas para uma instituição à beira do declínio. Trata-se de olhar para além dela, imaginando outra deixando de se ter os pés tolhidos pelas forças que conduzem inexoravelmente em direção do passado” (FINO, 2009, p. 14).

Sob este olhar, torna-se necessário criar um cenário novo no ambiente escolar para atender aos anseios do homem contemporâneo, que vive numa sociedade que exige cada vez mais dos indivíduos a capacidade de tomada de decisões para resolver problemas que emergem do dia a dia no desenvolvimento do conhecimento, que se libertem de atividades e produções padronizadas de comportamentos uniformizados seguindo um currículo fechado e único.

O que pretendemos acentuar é o papel especial que o professor detém para a leitura e captação do mosaico cultural que se reflecte na escola. Ao núcleo duro que constitui o currículo formal e oficial, terá ele de acrescentar um novo espaço de desenvolvimento curricular onde se propicie o diálogo entre as diversas culturas aí presentes. Essa aproximação com os diversos territórios de pertença e referência socio-cultural dos alunos constituirá, em nossa opinião, o patamar a partir do qual poderá haver uma maior garantia de apropriação de saberes, atitudes e competências que a escola deseja proporcionar (SOUSA, 2004, p. 141).

O projeto de leitura desenvolvido pela professora Júlia nas aulas de Língua Portuguesa, influenciava nas diversas áreas do conhecimento, pois o objetivo primordial era incentivar os

sujeitos aprendizes das séries iniciais do Ensino Fundamental I, a desenvolverem uma competência crítica de leitura, escrita e produção nas diversas disciplinas. Para tanto, era desenvolvido uma infinidade de atividades lúdicas, interessantes e incentivadoras, que tinham o objetivo de desenvolver a autonomia, a criticidade, a criatividade, sem processos repetitivos e mecanizados usadas por práticas pedagógicas tradicionais, e sim um trabalho cooperativo, colaborativo ora individual, ora coletivo.

4.2.6 A efetivação da Educação Escolar Quilombola na Escola Rural Quilombola de Lage dos Negros

A Educação Escolar Quilombola ainda está se efetivando na Escola Rural Quilombola de Lage dos Negros a passos lentos. A referida modalidade, mesmo sendo contemplada nas Diretrizes nacionais, estaduais e municipais com a reformulação do PME do município de Campo Formoso, como foi abordado e discutido na revisão da literatura, não é efetivamente concretizada, a busca pelo fortalecimento da identidade quilombola e rural dentro do contexto escolar é mínimo ainda, sendo uma inquietação da atual gestão escolar, pois durante as observações percebi que era algo ainda distante da realidade do contexto de sala de aula, como se não houvesse um trabalho efetivo articulado tanto da escola, incluindo na sua grade curricular a disciplina História e Cultura Afrodescendente, como da própria Secretaria de Educação do município em concretizar as metas descritas no Plano Municipal de Educação, no interior da escola supracitada, por se tratar da primeira escola quilombola do município e, das demais que se localizam em outras comunidades. Em um bate papo com a professora responsável pela turma do 3ºano do Ensino Fundamental I B, isto ficou bem definido nas suas palavras:

Na escola tem um projeto que trabalha com as datas comemorativas afro-brasileiro e nós trabalhamos o ano inteiro, todas atividades comemorativas relacionadas ao negro são comemoradas, às vezes com culminância, outras vezes com rodas de conversa, atividades sobre o tema, tentando despertar nos alunos mais conhecimento sobre o negro (PROFESSORA RESPONSÁVEL PELA TURMA DO 3º ANO B, TRANSCRIÇÃO DE ÁUDIO EM 30 DE MAIO 2016).

Percebi claramente o que foi exposto pela professora numa conversa informal com o diretor da escola, quando questionei sobre a efetivação das diretrizes para Educação Escolar Quilombola dentro do contexto da referida escola e quais as dificuldades encontradas para

efetivação do direito de ser quilombola, a questão de reconhecimento da identidade, enquanto comunidade remanescente de quilombo. O mesmo relatou o seguinte:

Colocar a identidade quilombola da escola, que ela tá com, tem o nome Escola Rural Quilombola, mas que desde a sua fundação nunca foi trabalhado assim na sua grade curricular, no seu projeto pedagógico a não tem nada que fosse referente a educação rural e, ao mesmo tempo, quilombola, então enquanto gestor pelo menos até chegar ao final desse ano com essa identidade que tenha uma identidade rural e também que tenha seja sua própria identidade quilombola, tanto isso que alguns projetos que sejam efetivos, e dentro desses projetos um é a horta comunitária escolar, aonde a escola irá ceder o seu espaço, irá ceder o seu terreno e a comunidade irá trabalhar neste terreno. Qual vai ser o diferencial? Qual vai ser a diferença nisso daí? Aonde toda construção dessa horta tenha participação dos professores e alunos aonde está parte no amor a terra já comece desde cedo onde as crianças hoje aqui pensem no futuro simplesmente chegar aqui terminar o ensino médio e tchau mãe, tchau pai eu vou para São Paulo, vou para o Rio de Janeiro ou para qualquer outro canto, que eles continuem e permaneçam dentro da comunidade (DIRETOR DA ESCOLA. TRANSCRIÇÃO DE ÁUDIO. OBSERVAÇÕES DE CAMPO, DIA 25 DE MAIO DE 2016).

Diante do exposto vemos a preocupação do gestor escolar em efetivar a referida modalidade na escola, pois como morador da comunidade acredita que é através da educação que a comunidade irá crescer e reconhecer sua identidade com um trabalho desenvolvido na base que é a Educação Infantil e continuou afirmando:

O outro projeto é da identidade quilombola, aonde esse projeto, um trabalho com a coordenação pedagógica, os professores, e os alunos, a secretaria também, o projeto aonde tenha a valorização do negro, porque o que vemos no ensino regular normal aonde você só vai pensar o negro em algumas datas significativas ou então apenas se resumir a uma cultura a vivência negra é bem mais ampla. Tem um senhor Júlio Cupertino que é daqui da região de Irecê, Seabra por ali esse meio que ele tem uma frase bem interessante: Quilombo é teoria negro é a prática. Então muitas coisas que acontece dentro da área da educação é que o negro você não ver nada referente ao negro dentro dos livros didáticos, só aqueles pequenos textos que aparece de 13 de maio ou do 20 novembro e os demais e o contexto? Será que só são essas duas datas são significativas. Então dentro desse projeto existe um roteiro de várias datas aonde pessoas fizeram algo com uma diferença, para que o movimento negro pudesse estar crescendo, e pudesse ser hoje a grandeza que é, mesmo sendo é chicoteado ainda, mas que aqui dentro da escola, os alunos não se sintam inferiores a nenhum outro que eles se alto valorizem, então tem a ideia desse projeto a estimulação do ser quilombola, do ser negro da identidade (DIRETOR DA ESCOLA. TRANSCRIÇÃO DE ÁUDIO. OBSERVAÇÕES DE CAMPO, DIA 25 DE MAIO DE 2016).

A educação quilombola é entendida como um caminho amplo – que inclui a convivência com família, com os outros, as relações de trabalho, as vivências nas escolas, nos movimentos históricos e sociais e em outras concentrações da comunidade. Assim, percebe-se a educação como um processo que faz parte sociedade em geral e está presente em toda e qualquer época, e a escolarização é um recorte do processo educativo mais amplo. Como diz Silva (2014, p. 25) “as mudanças e transformações globais nas estruturas políticas e econômicas no mundo contemporâneo colocam em relevo as questões de identidade e as lutas pela afirmação e manutenção das identidades nacionais e étnicas”, pois mesmo diante de tanto desenvolvimento e de um clima de mudança vivemos sempre na incerteza das coisas acontecerem.

Portanto, precisamos pensar a escola com uma instituição que pode romper com toda padronização e manutenção de poder, colocando em colapso as velhas incertezas do paradigma fabril, buscando formar novos cidadãos críticos e capazes de articular posicionamento próprios e, isso somente será possível com a inovação pedagógica através de práticas pedagógicas construcionistas.

CAPÍTULO 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente investigação, de cunho etnográfico, me guiou a uma longa estada para uma real e detalhada observação, com um olhar de dentro de toda cultura entrelaçada no contexto de uma sala de aula da Escola Rural Quilombola de Lage do Negros. Tudo isto, na tentativa de buscar respostas para questão norteadora da pesquisa sobre a existência de práticas pedagógicas inovadoras na Escola Rural Quilombola de Lage dos Negros. Diante desta investida, com um olhar minucioso a toda prática pedagógica desenvolvida numa sala de aula de aula do 3º ano B do Ensino Fundamental I, procurei investigar se esta promove uma aprendizagem construcionista com focos efetivos de Inovação Pedagógica.

Para tanto, busquei responder à questão norteadora, utilizando a etnografia enquanto método de investigação, pois se constitui “como forma de estudar as práticas pedagógicas para decidir se serão inovadoras” conforme afirma Fino (2008b, p. 3).

Por sua vez, sabemos da necessidade nos dias atuais de um novo paradigma educacional, que rompa com o paradigma atual de raiz tradicional e instrucionista (fabril). A sociedade atual, almeja uma educação que promova contextos ricos de aprendizagem que contrarie os pressupostos da escola fabril, possibilitando aos sujeitos que construam o seu conhecimento e tenham a capacidade de refletir e planejar o seu futuro, sendo autônomos, críticos, criativos e construtores dos seus próprios ideais de vida.

A Inovação Pedagógica, como aprendemos durante a jornada de estudos, envolve intencionalmente mudança, mudança esta provocada dentro da escola, com enfoque de transformar de maneira significativa e real as práticas pedagógicas, proporcionando uma aprendizagem voltada para a formação holística do sujeito aprendente, mantendo uma posição distanciada das práticas pedagógicas tradicionais.

As escolas de maneira geral precisam urgentemente de uma revolução paradigmática, em que seja radical na ruptura de qualquer anseio de concepção tradicionalista. Portanto, precisamos formar e nutrir sujeitos capazes de tomar decisões visualizando o hoje e capaz de tomar medidas prospectivas para o futuro. Para que isso aconteça deverão criar formas novas e inovadoras, soluções de reconstrução da escola, que ao longo dos anos perpassa pela necessidade de mudança, pela carência de ambientes carregados de nutrientes inovadores para os seus sujeitos aprendentes. “A transição de um paradigma em crise para um novo, do qual pode surgir uma nova transição de ciência normal, está longe de ser um processo cumulativo

obtido através de uma articulação do velho paradigma. É antes uma reconstrução da área de estudos a partir de novos princípios” (KUHN, 1982, p. 116).

Levando-se em consideração estes aspectos, percebe-se a urgência de uma revolução paradigmática no seio escolar, para isso acreditamos que alunos e professores são as molas propulsoras desta mudança. Portanto, os contextos de aprendizagem precisam efetivamente de uma revolução, já que vivemos numa era planetária de aceleração contínua do conhecimento. Tudo isso fica claro, quando vemos os sujeitos aprendizes desta sociedade atual, seres que possuem variados conhecimentos sobre os diversos assuntos, de diferentes áreas do saber, serem colocados desde cedo dentro de um turbilhão de conhecimentos e tecnologias de informação e comunicação, tornando-se perceptível que a escola fabril da era industrial não responde mais aos anseios desta nova geração.

Mesmo assim, pensamos o currículo como um nó que amarra a aprendizagem daqueles que querem seguir em frente. Porém, devemos desatar este nó e, somente será possível se professores e alunos (pares na aprendizagem) mostrarem a sua criatividade, as suas múltiplas vozes na construção do saber, no querer aprender, fazer, desenvolver e construir, mostrando que tudo o que já existe dentro do contexto escolar, como: os conteúdos, as metodologias e as estratégias podem ser transformadas com implicações para uma significativa mudança nas práticas pedagógicas.

Durante as observações em campo constatei que o desenvolvimento das práticas pedagógicas nas diferentes áreas do conhecimento não possuem um fim em si mesmas. Pois, todas as estratégias pedagógicas, metodologias desenvolvidas e construção de contextos ricos de aprendizagem proporcionaram resultados positivos em relação aos dados recolhidos no campo da pesquisa que foi a Escola Rural Quilombola de Lage dos Negros.

A escola era um ambiente privilegiado de ricas interações sociais, onde todos iam com o propósito de aprender, fazendo o melhor para a construção da aprendizagem significativa. Os alunos criavam verdadeiros círculos de interação com o outro, desenvolvendo o conhecimento através de redes interacionais com os pares. Pois, sabemos que as práticas pedagógicas acontecem quando os sujeitos se reúnem e aprendem todos juntos, uns colaborando reciprocamente com os outros, encorajando-os no processo de aprendizagem.

Todas as atividades propostas no contexto de sala de aula possibilitaram aos sujeitos aprendentes a desenvolverem uma prática atrelada à teoria do construcionismo de Papert, ou seja, “a meta é ensinar de forma a produzir a maior aprendizagem a partir do mínimo de ensino” (PAPERT, 2008, p. 134). Conforme a presente teoria, as crianças aprendem melhor fazendo o

que é essencial para a construção do seu próprio conhecimento, abrindo assim novos caminhos para o novo paradigma e abandonando o velho paradigma fabril, num desenvolvimento fruto do diálogo, da construção entre os pares, da transformação de si mesmo, do meio social e cultural em que estão inseridos, efetivando o conceito de Inovação Pedagógica.

Neste caminho trilhado nas diversas áreas do conhecimento não havia obrigação do uso de técnicas ou instrumentos pelo simples uso. Todas as atividades eram construídas em conjunto com os sujeitos aprendentes, a partir das suas convicções e mediadas pelo par mais apto. Eram atividades incentivadoras que ofereciam oportunidades únicas para os alunos desenvolverem sua capacidade cognitiva, sendo instigados a todo momento para a reflexão, análise e o fazer, materializando assim a aprendizagem.

Todas as atividades elencadas no quarto capítulo ganharam mais vida e sentido para eles, pois a professora buscava ao máximo trazer para dentro da sala de aula as experiências construídas pelo convívio social e cultural, principalmente familiar e da comunidade. O desenvolvimento ocorria sempre em constante interação do aprendiz com o mundo que o cerca. As atividades promoveram nos sujeitos aprendentes a criatividade, autonomia, criticidade e vontade de aprender sempre mais, fazendo e se apropriando do que é interessante e real para construção da sua aprendizagem.

Diante de uma perspectiva de transformação e mudança, todas as propostas de atividades sugeridas pela professora provocaram uma prática pedagógica concreta, construindo uma aprendizagem efetiva dos seus alunos. Para isso buscava a cada aula promover contextos ricos de conhecimentos, a partir da colaboração com os sujeitos aprendizes para que a construção da aprendizagem se materializasse e a Inovação Pedagógica acontecesse. O que me chamou mais a atenção no longo período de estada foi o caminho percorrido pela docente para superar as dificuldades dos alunos de leitura e escrita, percurso este construído dia após dia, com um desejo de mudança que vinha de dentro, perceptível no desenrolar das aulas e na vontade de aprender que era despertada nos alunos, colocando-os sempre como os protagonistas da ação.

Todo o lúdico nas brincadeiras presentes na prática pedagógica desafiava as crianças a criarem novas ideias, tomarem decisões e negociarem o fazer em grupo e com a docente. Tudo isto possibilitava o desenvolvimento de habilidades de comunicação entre todos os envolvidos no processo de aprendizagem, quebrando as amarras das incertezas provocadas pela complexidade do mundo atual, na procura de romper com os processos tradicionais que desfalece o processo de aprendizagem dentro do contexto escolar.

Durante toda a estada em campo, as atividades, principalmente de leitura e escrita, atrelada à alfabetização na área de Língua Portuguesa, eram desenvolvidas através da descoberta, da atuação do próprio fazer dos alunos e da relação construída com o outro, pois sabemos que o ato de ler e escrever vai além da aquisição passiva do aprendiz, que o progresso vem pela real significação que os sujeitos aprendentes colocam a este ato de aprender. Aprendiam a partir da prática, uma ação colaborativa em que os sujeitos eram instigados e incentivados a todo momento pelo prazer de realizar algo para a construção do seu próprio conhecimento.

No ambiente de sala de aula, percebi sempre uma relação afetiva e de aproximação entre os sujeitos envolvidos e, justamente isto é que os fazia respeitar uns aos outros, sem presença de conflitos ou menosprezo ao próximo, por saber mais que o outro. A professora mantinha uma postura de respeito, refletindo-se isso na atitude dos alunos, pois nunca se comportou com autoritarismo, mas como uma pessoa que estava ali dentro daquele contexto para somar na aprendizagem deles. Os sujeitos aprendentes eram os atores do processo de aprendizagem e a docente o par mais apto, com o objetivo de mediar este processo.

A partir do desenvolvimento da investigação, durante o caminho percorrido, percebi com mais clareza e fundamentação que as atividades realizadas no seio escolar pretendiam possibilitar o enriquecimento curricular, nas diversas áreas do saber, promovendo o envolvimento dos alunos nas mais variadas atividades do currículo formal, como também em projetos escolares relacionados com a inserção da História afrodescendente, despertando a curiosidade dos alunos para temáticas e conteúdos que possuem interesse para a vida dos mesmos, favorecendo todo o processo de formação pessoal e social.

Nas atividades desenvolvidas no seio da sala de aula, eram promovidos não somente um trabalho de estímulo intelectual, como também o desenvolvimento afetivo, interacional e social de todos os sujeitos envolvidos, elevando a autoestima de todos, principalmente dos discentes, pois verifiquei a construção de um ambiente afetuoso entre os pares envolvidos no processo de construção da aprendizagem.

Este estudo me conduziu à compreensão e interpretação das práticas pedagógicas, captando as suas potencialidades e os seus indicadores de mudança em relação às atividades desenvolvidas no que se refere à Educação Escolar Quilombola. A investigação qualitativa, assim como todo processo de análise e compreensão da cultura estudada, foi realizada à luz da etnografia, observando, vivendo e interpretando as práticas pedagógicas envolvidas no seio escolar da referida instituição.

Os estudos construcionistas tomaram base na investigação, com uma pedagogia mediadora, participativa, colaborativa e construtiva, tornando-se premissas para a análise dos dados, ou seja, investiguei e constatei que as práticas pedagógicas construídas em sala de aula se centravam na participação efetiva dos alunos na construção do seu conhecimento, no processo de construção da aprendizagem significativa, em interação colaborativa com os pares envolvidos, acontecendo assim a Inovação Pedagógica.

Diante disso, percebi a relevância científica desta pesquisa para a comunidade acadêmica e para a sociedade em geral. Esta investigação veio-nos mostrar novos caminhos de atuação, instigando a continuidade de estudos no campo da Inovação Pedagógica, no intuito de contribuir com referências para futuras pesquisas e políticas educacionais quanto à organização e à estrutura da escola pesquisada. E tudo isso, num contexto que entrelaça conhecimento sobre Inovação Pedagógica e ações educacionais voltadas para o fortalecimento da equidade étnico-racial e para a consolidação de práticas pedagógicas inovadoras no âmbito da Educação Escolar Quilombola nas escolas das comunidades remanescentes de quilombos urbanas e rurais.

REFERÊNCIAS

ARRUTI, José Maurício. **Mocambo: antropologia e história do processo de formação quilombola**. Bauru: EDUSC, 2006.

BRASIL. **Assembléia Geral Constituinte Legislativa do Império do Brasil (1823)**.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: MEC, 1996.

_____. Constituição Federal. Artigos 215 e 216 da Constituição Federal de 1988. **Direito à preservação de sua própria cultura; Artigo 68 do ADCT- Direito à propriedade das terras de comunidades remanescentes de quilombos**, 1998.

_____. Casa Civil. Decreto n. 4.887, de 20 de novembro de 2003. **Regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 21 nov. 2003. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2003/d4887.htm

_____. Conselho Nacional de Educação. Resolução n. 4, de 13 de julho de 2010. **Define Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica**. Brasília, 2010a. http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rceb004_10.pdf Acesso em 08 de março de 2015.

_____. Conselho Nacional de Educação. Câmara de educação básica. **Texto referência para a elaboração das diretrizes curriculares nacionais gerais para a educação básica**. Brasília, 2010b.

_____. Conselho Nacional de Educação. Câmara da educação básica. Resolução CNE/CEB Nº 8, de 20 de novembro de 2012. **Define diretrizes curriculares nacionais gerais para a educação escolar quilombola**. Brasília, 2012.

_____. **Diretrizes curriculares estaduais para a educação escolar quilombola**. Resolução CEE/CEB Nº 68 / 2013. Salvador, 2014.

_____. **Plano Municipal de Educação**. Lei nº 14/2015 de 22 de junho. Campo Formoso-BA, 2015.

BOGDAN, R. & BIKLEN, S. **Investigação Qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, Ltda., 1994.

BOURDIEU, P.; PASSERON, J. **A Reprodução**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2013.

CÂNDIDO, F. F. **Práticas pedagógicas e inovação na instituição de ensino: uma abordagem psicopedagógica com foco na aprendizagem**. Revista Psicopedagogia 2010; 27(83): 262-72<<http://www.revistapsicopedagogica.com.br/83/files/search/text.xml>. Acesso em 06 de fev. 2015.

CONFERÊNCIA NACIONAL DE EDUCAÇÃO (CONAE). **Documento final**. Brasília: MEC, SEA, 2010.

FINO, C. N. **Vygotsky e a zona de desenvolvimento proximal (ZDP):** três implicações pedagógicas. *Revista Portuguesa de Educação*, vol. 14, nº 2, p. 273-291, 2001.

_____. **O lugar das tecnologias na formação inicial dos professores:** o caso da Universidade da Madeira: In Albano Estrela e Júlia Ferreira (Editores), *A Formação dos Professores à Luz da Investigação*, Actas, 2003a.

_____. C. N. & Sousa, J. M. **Alterar o currículo:** mudar a identidade. In: *Revista de Estudos Curriculares*. P.2, 2003.

_____. **FAQs, Etnografia e Observação Participante.** In: *SEE – Revista Europeia de Etnografia da Educação*, 3. p. 95-105, 2003b.

_____. **Inovação Pedagógica: Significado e Campo (de investigação).** In: Alice Mendonça & António V. Bento (Org.). **Educação em Tempo de Mudança**. P. 277-287. Funchal: Grafimadeira, 2008a.

_____. **A etnografia enquanto método:** um modo de entender as culturas (escolares) locais". In Christine Escallier e Nelson Veríssimo (Org.) **Educação e Cultura** (p. 43-53). Funchal: DCE – Universidade da Madeira, 2008b.

_____. **Inovação e invariante (cultural).** In Liliana Rodrigues & Paulo Brazão (Org.). **Políticas educativas:** discursos e práticas (pp.192-209). Funchal: Grafimadeira, 2009.

_____. **Teses e dissertações em inovação pedagógica:** um checklist (V.1). Funchal: Grafimadeira, 2014.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. 10. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1985.

_____. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários a prática educativa. 33. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas.** Trad. Fanny Wrobel. Rev. Técnica Gilberto Velho. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GOMES, Nilma Lino (org.). **Práticas pedagógicas de trabalho com relações étnico-raciais na escola na perspectiva da Lei nº 10.639/03.** 1. Ed. Brasília: MEC; Unesco, 2012.

KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas.** Tradução Beatriz Vianna Doeira e Nelson Boeira. – 2ª ed. - São Paulo: Perspectiva, 1978.

LAPASSADE, G. **As Microsociologias.** Brasília: Liber Livros Editora, 2005.

LEITE, Ilka Boaventura. **Os quilombos no Brasil:** questões conceituais e normativas. *Etnográfica*, Vol. IV (2), p. 333-354, 2000.

MACEDO, Roberto Sidnei; GALEFFI, Dante; PIMENTEL, Álamo. **Um rigor outro sobre a qualidade na pesquisa qualitativa.** Salvador: EDUFBA, 2009.

_____. Roberto Sidnei. **Etnopesquisa crítica, etnopesquisa formação.** Brasília: Liber Livro, 2ª edição, 2010.

_____. **A etnopesquisa implicada:** pertencimento, criação de saberes e afirmação. Brasília: Liber Livro, 2012.

Mapa de Campo Formoso, acesso em 15/04/2016:

<http://ambientalcampoformoso.blogspot.com.br/2013/06/zonas-fitogeograficas-decampoformoso.html>.

MICHALISZYN, Mario S. TOMASINI, Ricardo. **Pesquisa:** orientação e normas para elaboração de projetos, monografias e artigos científicos. 7ª ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

MINAYO, Maria C. de S. **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. 22. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

MORAES, Maria Cândido. **O paradigma educacional emergente:** implicações na formação do professor e nas práticas pedagógicas. Brasília, ano 16. n.70, abr./jun. 1996

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya; revisão técnica de Edgard de Assis Carvalho. – 2. ed. – São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2000.

MOURA, Clóvis. **Rebeliões da senzala:** quilombos, insurreições, guerrilhas. 3. ed. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1981.

MUNANGA, Kabengele. **Origem e Histórico do Quilombo na África.** Revista da USP, 28, 1995.

NUNES, Georgina Helena Lima. Educação quilombola. In: **Orientações e ações para a educação das relações étnico-raciais.** Brasília: SECAD, 2006. p. 139-161.

PAPERT, Seymour. **A máquina das crianças:** repensando a escola na era da informática. Ed. Ver. Porto Alegre: Artemed, 2008.

RATTS, Alecsandro J. Prudente. **As etnias e os outros:** as espacialidades dos encontros/confrontos. In: Revista Espaço e Cultura. Rio de Janeiro, v. 18, n. 17, p. 77-88, 2004. Rio de Janeiro, NEPEC/UERJ.

SILVA, Givânia Maria da. **O processo educativo de Conceição das Crioulas:** uma experiência de educação “diferenciada”. Brasília, Ed. UnB, 2011 (relatório de qualificação).

SILVA, Tomaz Tadeu da (org.) **Identidade e diferença:** a perspectiva dos estudos culturais. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 2014b.

SOUSA, J. M. **O professor como pessoa.** Lisboa: Portugal: Editora ASA, 2000.

_____. J. & Fino, C. N. **As TIC abrindo caminho a um novo paradigma educacional.** In Actas do VI Congresso galaico-português de Psicopedagogia, I Volume, p. 371 – 381. Braga: Universidade do Minho, 2001.

_____. J. M. **Educação: textos de intervenção**. Funchal: O Liberal, 2004.

_____. J. M.; FINO, C. N. **As TIC abrindo caminho a um novo paradigma educacional**. In: Revista Educação e Cultura Contemporânea, 5(10), 11-26. 1º Semestre. Universidade Estácio de Sá: Rio de Janeiro, 2008.

TOFFLER, Alvin. **Choque do futuro**. Lisboa: Edição Livros do Brasil, 1970.

_____. **A Terceira Onda**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1980.

VYGOTSKY, L. V. **A formação Social da Mente**. 4. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

VYGOTSKY, L.S. **A Construção do Pensamento e da Linguagem**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2009.

WOODS, P. **Investigar a arte de ensinar**. Porto: Porto Editora, 1999.

APÊNDICES

Apêndice A-

CONSELHO TUTELAR DE CAMPO FORMOSO



Criado de acordo com a Lei federal 8.069/90 e pela Lei municipal 149/91

Em 001/2006, instalado em 30/10/2006.

Rua Antônio Gonçalves Nº 100, Centro CEP 44.790.00

Tel.: **3645-1772**

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Nós, Agneto Dias de Souza e Maria Gorete Alves da Cruz, abaixo assinados, responsáveis pelo Conselho Tutelar da cidade de Campo Formoso - BA, autorizamos a realização do estudo do projeto de pesquisa com o título “Educação escolar quilombola: perspectivas de práticas pedagógicas inovadoras o contexto da Escola Rural Quilombola de Lage dos Negros”, a ser conduzido pela pesquisadora Aldésia Márcia de Freitas Vieira Celestino, aluna da Faculdade de Ciências Sociais, Departamento de Ciências da Educação, Mestrado em Ciências da Educação – Inovação Pedagógica, Universidade da Madeira, Funchal-Portugal. Fomos informados pela responsável do estudo sobre as características e objetivos da pesquisa, bem como das atividades que serão realizadas na Escola Rural Quilombola de Lage dos Negros. O Conselho Tutelar está ciente de suas corresponsabilidades como instituição coparticipante do presente projeto de pesquisa e de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos sujeitos da pesquisa nela recrutados.

Sem mais para o momento reiteramos votos de estima e consideração

Conselheiros(a)Tutelar

Apêndice B-



Rua Topázio, s/n, Ginásio Municipal de Esportes
Bairro Santa Luzia, Campo Formoso – BA
Telefone: (74) 3645-1229 / 1905 – CNPJ: 13.908.702/0001-10



TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Eu, Rodrigo Vicente da Silva, abaixo assinado, responsável pela Escola Rural Quilombola de Lage dos Negros, autorizo a realização do estudo do projeto de pesquisa com o título “Educação escolar quilombola: perspectivas de práticas pedagógicas inovadoras o contexto da Escola Rural Quilombola de Lage dos Negros”, a ser conduzido pela pesquisadora Aldésia Márcia de Freitas Vieira Celestino, aluna da Faculdade de Ciências Sociais, Departamento de Ciências da Educação, Mestrado em Ciências da Educação – Inovação Pedagógica, Universidade da Madeira, Funchal- Portugal. Fui informado pela responsável do estudo sobre as características e objetivo da pesquisa, bem como das atividades que serão realizadas na instituição a qual represento. Esta instituição está ciente de suas corresponsabilidades como instituição coparticipante do presente projeto de pesquisa e de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos sujeitos de pesquisa nela recrutados, dispondo de infraestrutura necessária para a garantia de tal segurança e bem-estar.

Campo Formoso, Comunidade de Lage dos Negros -BA, 21 de março de 2016.

Assinatura e carimbo do responsável institucional

Apêndice C-



Rua Topázio, s/n, Ginásio Municipal de Esportes
Bairro Santa Luzia, Campo Formoso – BA
Telefone: (74) 3645-1229 / 1905 – CNPJ: 13.908.702/0001-10



DECLARAÇÃO DE DESENVOLVIMENTO DO PROJETO DE PESQUISA

DECLARAÇÃO

Declaro para os devidos fins de direito que Aldésia Márcia de Freitas Vieira Celestino, portadora do RG: 09531127-05 e CPF: 000422165-67, brasileira, casada, residente e domiciliada em Campo Formoso- BA, na rua Gabriel Gonçalves, bairro Colina do Sol, nº 05, encontra-se desenvolvendo o Projeto de Pesquisa sob o tema: “Educação escolar quilombola: perspectivas de práticas pedagógicas inovadoras o contexto da Escola Rural Quilombola de Lage dos Negros”, pelo que lhe permito o acesso à turma do 3º ano do Ensino Fundamental I da Escola Rural Quilombola de Lage dos Negros, turma (B), turno: vespertino, bem como às demais dependências deste Estabelecimento de Ensino, no âmbito do desenvolvimento do referido Projeto de Pesquisa.

Campo Formoso, 21 de março de 2016

Apêndice D-



UNIVERSIDADE da MADEIRA

Faculdade de Ciências Sociais
Departamento de Ciências da Educação
Mestrado em Ciências da Educação - Inovação Pedagógica

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Nome do voluntário: Júlia dos Santos Nascimento

Introdução

A senhora está sendo convidada a participar da pesquisa “Educação escolar quilombola: perspectivas de práticas pedagógicas inovadoras o contexto da Escola Rural Quilombola de Lage dos Negros”, de responsabilidade da professora pesquisadora Aldésia Márcia de Freitas Vieira Celestino. Sendo importante que leia estas informações sobre a pesquisa e seu papel como participante.

Objetivo da pesquisa

Investigar se as práticas pedagógicas desenvolvidas na Escola Rural Quilombola de Lage dos Negros contribuem para a construção de contextos de aprendizagem de forma inovadora.

Procedimentos

Recorremos como instrumentos para coleta de dados à técnica da observação participante, da entrevista não-estruturada, da análise de documentos, bem como fotografias e gravações em áudio, e todos os registros no diário de campo para a coleta de dados.

Após o processo de transcrição das entrevistas, da observação participante, da análise de documentos e dos registros no diário de campo, das fotografias e das gravações em áudio, a senhora receberá uma cópia para conferência do texto e possíveis correções. Em seguida, haverá a autorização da publicação da pesquisa com sua identidade revelada na dissertação e noutros

possíveis formatos anteriores e/ou posteriores da pesquisa em questão (exemplos: artigos, capítulos de livros, livros, comunicações orais ou em congresso etc.).

Declaração de Consentimento

Li as informações contidas neste documento antes de assinar este termo e confirmo que recebi uma cópia deste formulário de consentimento.

Dei meu consentimento de livre e espontânea vontade para participar como voluntária deste estudo.

Campo Formoso, 21 de março de 2016

Assinatura da voluntária

Professora: Júlia dos Santos Nascimento

DADOS DA PESQUISA

Título: “Educação escolar quilombola: perspectivas de práticas pedagógicas inovadoras o contexto da Escola Rural Quilombola de Lage dos Negros”

Orientadores: Jesus Maria Sousa e Paulo César Marques de Andrade Santos

Pesquisador Orientando: Aldésia Márcia de Freitas Vieira Celestino

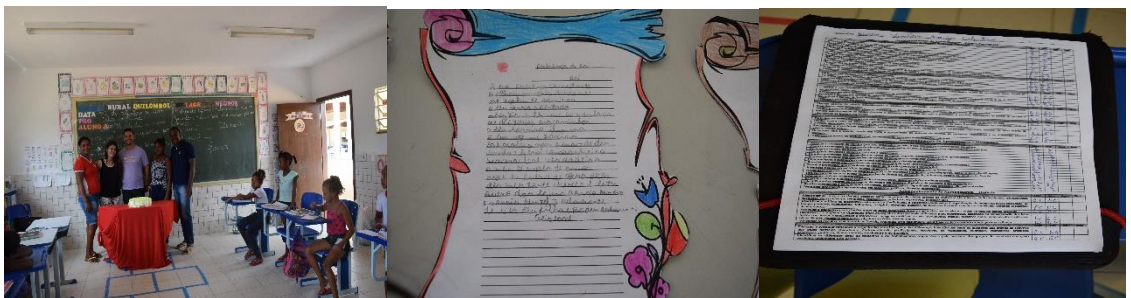
E-mail: aldesia@hotmail.com

Local: Faculdade de Ciências Sociais, Departamento de Ciências da Educação, Mestrado em Ciências da Educação – Inovação Pedagógica, Universidade da Madeira, Funchal, Portugal.

Período: 2013 à 2016.

Apêndice E- Fotos de alguns momentos da observação em campo





Apêndice F - Quadro 5: Cronograma do diário de campo

DATA	LOCAL	SITUAÇÃO VIVENCIADA	DURAÇÃO
29/02/2016	Comunidade de Lage dos Negros	Pesquisa na comunidade de livros e documentos.	9h às 11h e 30 min
14/03/2016	Escola Rural Quilombola de Lage dos Negros/Secretaria e Direção	Visita à escola e apresentação da pesquisa à Gestão Escolar.	14h às 17h e 30min.
21/03/2016	Escola Rural Quilombola de Lage dos Negros	Conhecer a professora e a turma do 3º ano “B” do Ensino Fundamental I	13h e às 30min 17h
29/03/2006	Escola Rural Quilombola de Lage dos Negros/Sala de aula do 3º ano do Ensino Fundamental I/Pátio da Escola.	Atividades no livro didático da editora Girassol/Recreio com os alunos	13h às 30min 17h
06/04/2016	Escola Rural Quilombola de Lage dos Negros/Sala de aula do 3º ano do Ensino Fundamental I	Estudo sobre “A minha Identidade” (História)	14h às 17h
12/04/2016	Escola Rural Quilombola de Lage dos Negros/Sala de aula do 3º ano do Ensino Fundamental I/ Pátio da Escola.	Construindo os deveres e os direitos das crianças/ Produção textual coletiva/Exposição no pátio da escola.	13h e 30min às 17h e 35min
19/04/2016	Escola Rural Quilombola de Lage dos Negros/Sala de aula do 3º ano do Ensino Fundamental I	Momento literário (Conto) e revisão para prova de ciências	14h às 17h e 35 min
25/04/2016	Escola Rural Quilombola de Lage dos Negros/Sala de aula do 3º ano do Ensino Fundamental I	Momento literário (Leitura compartilhada) e revisão para a prova de Língua Portuguesa/Experiências com medidas de comprimento	13h e 30min 17h
02/05/2016	Escola Rural Quilombola de Lage dos Negros/Sala	Atividade de Língua Portuguesa (Substantivo)	13h e 30min 17h e 35 min

	de aula do 3º ano do Ensino Fundamental I	Experiências com medidas de capacidade	
03/05/2016	Escola Rural Quilombola de Lage dos Negros/Sala de aula do 3º ano do Ensino Fundamental I	Estudo das células (Ciências)	14h e 20 17h e 35 min
09/05/2016	Escola Rural Quilombola de Lage dos Negros/Comunidade de Lage dos Negros	Dedetização da escola/ Pesquisa de documentos na comunidade	13h e 30min 15h
10/05/2016	Escola Rural Quilombola de Lage dos Negros/Sala de aula do 3º ano do Ensino Fundamental I	Construção de frases (Língua Portuguesa). Apreciação de poemas. Trabalho sobre mães. Ensaio de uma música em homenagem as mães. Estudo do aparelho digestivo (Ciências)	14h e 20min 17h e 35 min
11/05/2016	Escola Rural Quilombola de Lage dos Negros/Sala de aula do 3º ano do Ensino Fundamental I	Estudo sobre “A abolição da escravatura”.	14h às 17h e 35 min
14/05/2016	Quadra poliesportiva da comunidade de Lage dos Negros	Homenagem as mães	9h às 11h
16/05/2016	Escola Rural Quilombola de Lage dos Negros/Sala de aula do 3º ano do Ensino Fundamental I	Momento literário (Bilhete) / Dramatização de uma música/ Produção textual /Medidas de tempo (Matemática) Construção de um relógio/ Recreio com os alunos/ Parquinho da escola	13h e 30min às 17h e 35 min
23/05/2016	Escola Rural Quilombola de Lage dos Negros/Direção da escola	Leitura e estudo do Regimento Escolar e do Projeto Político Pedagógico da escola.	8h às 10h e 30 min
24/05/2016	Escola Rural Quilombola de Lage dos Negros/ Sala	Ortografia/ Exploração de frases elaboradas	13h e 30min às 17h

	de aula do 3º ano do Ensino Fundamental I/ Pátio da escola	com o apoio da família/ Trabalho com rótulos/Bate pato com a professora do 3º ano “B” na hora do lanche	
25/05/2016	Escola Rural Quilombola de Lage dos Negros Sala de aula do 3º ano do Ensino Fundamental I/ Sala dos professores.	Estudo sobre paisagem natural e modificada pelo homem/Passeio na área externa da escola/Bate papo com o diretor da escola na sala dos professores.	13h e 30min às 17h e 35 min
30/05/2016	Escola Rural Quilombola de Lage dos Negros Sala de aula do 3º ano do Ensino Fundamental I/ Sala dos professores.	Momento literário (Músicas folclóricas), Leitura compartilhada estudo e construção de sólidos geométricos/ Bate papo com a Professora da turma na sala dos professores.	13h e 30 min às 17h e 35 min
31/05/2016	Escola Rural Quilombola de Lage dos Negros Sala de aula do 3º ano do Ensino Fundamental I	Estudo do meio Ambiente/Reciclagem / Construção de brinquedo com material reciclável	13h e 30 min às 17h e 35 min
06/06/2016	Escola Rural Quilombola de Lage dos Negros/Sala de aula do 3º ano do Ensino Fundamental I/ Área Externa da escola.	Cuidando da natureza/Construção de brinquedo com material reciclável/Apresentação de trabalhos sobre tipos de Moradia (Seminários). Projeto junino.	13h e 30 min às 17h e 35 min
10/06/2016	Escola Rural Quilombola de Lage dos Negros/Pátio da escola	Culminância do projeto junino. Quadrilhas, comidas típicas e apresentações de músicas juninas pelos alunos.	9h e 30 min às 11h e 30 min
27/06/2016	Escola Rural Quilombola de Lage dos Negros	Planejamento quinzenal das atividades pedagógicas	7h e 30 min às 10h e 30 min
28/06/2016	Escola Rural Quilombola de Lage dos Negros	Conversa informal com a Coordenadora da escola na secretaria.	14h e 40 min às 17h e 35 min

04/07/2016	Momento literário Estudo do gênero “Fábulas”, bingo de substantivos próprios e comuns e revisão para prova de Português.	Escola Rural Quilombola de Lage dos Negros/Sala de aula do 3º ano do Ensino Fundamental I	14h e 40 min às 17h e 35 min
11/07/2016	Momento literário “Fábula”, revisão para a prova de Língua Portuguesa com caixa surpresa. Avaliação de Língua Portuguesa.	Escola Rural Quilombola de Lage dos Negros/Sala de aula do 3º ano do Ensino Fundamental I	13h e 30 min às 16h
18/07/2016	Escola Rural Quilombola de Lage dos Negros	Planejamento quinzenal das atividades pedagógicas	13h e 30 min às 17h e 35 min
19/07/2016	Escola Rural Quilombola de Lage dos Negros/Secretaria da escola	Análise do mapa de notas dos alunos do 3º ano B.	13h e 30 min às 17h e 35 min
24/07/2016	Escola Rural Quilombola de Lage dos Negros/Sala de aula do 3º ano do Ensino Fundamental I.	Momento literário: gênero receita. Trabalho de ortografia (J e G)	13h e 30 min às 17h e 35min
08/08/2016	Escola Rural Quilombola de Lage dos Negros/Sala de aula do 3º ano do Ensino Fundamental I.	Trabalhando a lateralidade com o texto “As ordens do gato” e o tema “Dia dos Pais”.	13h e 30 min às 17h
09/08/2016	Escola Rural Quilombola de Lage dos Negros/Sala de aula do 3º ano do Ensino Fundamental I.	Construção de um pergaminho para homenagear os pais	14h e 30 min às 16h
05/09/2016	Escola Rural Quilombola de Lage dos Negros/Sala de aula do 3º ano do Ensino Fundamental I e membros da escola.	Despedida do campo de pesquisa com os membros da Escola Rural Quilombola de Lage dos Negros	14h e 30 min às 16h

Apêndice G- Diário de Campo digitado

DIÁRIO DE CAMPO

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Data: 29 de fevereiro de 2016

Hora início: 9h

Hora término: 11h e 30min.

Local: Comunidade de Lage dos Negros

Atividade vivenciada: Pesquisa na comunidade de livros e documentos.

Iniciei o dia à procura de documentos sobre comunidade para estudo e análise, busca de livros, estudo sobre os PCN do ensino fundamental I, sobre as diretrizes curriculares nacionais para Educação Escolar Quilombola e as metas municipais para efetivação dessa modalidade na cidade e nas comunidades certificadas.

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Data: 14 de março de 2016

Hora início: 14h

Hora término: 17h e 30min.

Local: Escola Rural Quilombola de Lage dos Negros

Atividade vivenciada: Visita à escola e apresentação da pesquisa à Gestão Escolar/Secretaria e Direção.

Começo o dia muito entusiasmada, pois será a minha primeira visita oficial à Escola Rural Quilombola de Lage dos Negros para conhecer os membros da escola, já que ocorreram muitas mudanças no seio da instituição e na gestão escolar devido o contexto político que passa o município e, no momento tinha feito um contato com a gestão anterior. A partir de hoje começo uma rotina diferenciada em relação as minhas tarefas do dia-a-dia, passo a conviver dentro de um espaço escolar diferenciado do meu. Chego à escola e me apresento ao porteiro e já sou bem recebida. O mesmo me direcionou a secretaria para conhecer o diretor e a coordenadora. Nos cumprimentamos e começamos uma conversa informal e descontraída em relação a vários aspectos da escola. Em seguida, relatei o meu objetivo com a mesma e apresentei o projeto de pesquisa com o título: “Educação escolar quilombola: perspectivas de práticas pedagógicas inovadoras no contexto da Escola Rural Quilombola de Lage dos Negros”. Como também, falei

da minha missão de conviver com um grupo da escola, especificamente na sala de aula do 3º ano do Ensino Fundamental I, com o objetivo de investigar se as práticas pedagógicas desenvolvidas na referida escola contribuem para a construção de contextos de aprendizagem de forma inovadora. Os dois mostraram a sala de aula do 3º ano B de maneira agradável e espontânea, falaram o nome da professora, gesto este caracterizado por mim como uma forma de recebimento do meu trabalho. Após, fomos lanchar na cantina da escola. Ao retornarmos a secretaria, ficamos um período de tempo conversando. Em seguida, o secretário escolar me mostrou as dependências da escola.

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Data: 21 de março de 2016

Hora início: 13h e 30min

Hora término: 17h

Local: Escola Rural Quilombola de Lage dos Negros

Atividade vivenciada: Conhecer a professora e a turma do 3º ano “B” do Ensino Fundamental I

A tarde ensolarada e quente, entro no carro com a bolsa arrumada e meu amigo dirigindo, saio da comunidade onde trabalho (Gameleira do Dida) e dou partida à comunidade de Lages dos Negros. Sigo viagem por mais de 6 quilômetros de estrada de chão e muita poeira. Chego à Escola Rural Quilombola de Lage dos Negros munida do Termo de Livre Esclarecimento, assinado pelo Conselho Tutelar como consentimento para realização de minha pesquisa. O porteiro muito receptível abre o portão, assim como os secretários da escola. Procuo o diretor, o cumprimento e peço para o mesmo assinar também a autorização da pesquisa na referida instituição de ensino. Depois, segui juntamente com o secretário para a sala do 3º ano do ensino Fundamental I. O momento foi de apresentação a professora Júlia Santos, após tivemos uma conversa informal mostrando o meu objetivo no desenvolvimento da pesquisa com ela e com os alunos da sua sala e fiz a apresentação do projeto de pesquisa. Entrei na sala me apresentei fazendo uma saudação: “Boa tarde”, meu nome é Aldésia Márcia, sou estudante do curso de mestrado em Ciências da Educação, na Universidade da Madeira, em Funchal, Portugal. Estou aqui com o objetivo de investigar se as práticas pedagógicas desenvolvidas na escola de vocês contribuem para a construção de contextos de aprendizagem de forma inovadora, principalmente aqui na sala de aula do 3º ano B e disse ainda, que iria passar alguns dias com eles, o tempo necessário para fazer minha pesquisa. Eles sorriram para mim uns acenaram com gestos de boas-vindas outro perguntou se eu era estagiária. A professora responsável pela turma

“Júlia Santos” manteve uma postura solidária em relação a minha pesquisa mostrando-se aberta ao desenvolvimento da mesma.

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Data: 29 de março de 2016

Hora início: 13h e 30min

Hora término: 17h

Local: Escola Rural Quilombola de Lage dos Negros/Sala de aula do 3º ano B do Ensino Fundamental I/ Pátio da escola

Atividade vivenciada: Atividades no livro didático da editora Girassol/Recreio com os alunos.

A aula inicia de forma descontraída quebrando a rotina de estudo programada pelo currículo formal. A professora sempre animada e disposta canta com os alunos faz brincadeiras estimulando-os para uma tarde de jornada de estudos. Percebo que cada vez mais tenho que ficar atenta aos mínimos detalhes em tudo que ocorre durante a minha estadia em campo. Fazer a descrição das cenas da rotina de uma sala de aula é um processo que requer uma boa observação, pois dentro de um contexto de sala de aula não somente as falas emergem significados, como também os olhares, os gestos e o próprio silêncio das crianças devem ser analisados e compreendidos. A coleção de livros trabalhada é a GIRASSOL enviada pelo governo federal. Mesmo com conteúdos programáticos para a faixa etária da turma, a professora juntamente com a coordenação desenvolve outras atividades que estimulem a aprendizagem dos alunos. A professora tenta sempre diversificar sua prática com o objetivo de construir uma aprendizagem inovadora, principalmente pra aqueles que possuem dificuldades de leitura e escrita.

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Data: 06 de abril de 2016

Hora início: 14h

Hora término: 17h

Local: Escola Rural Quilombola de Lage dos Negros/Sala de aula do 3º ano do Ensino Fundamental I

Atividade vivenciada: Estudo sobre “A minha Identidade” (História).

O momento de estudo foi sobre a IDENTIDADE de cada um, sua história a partir da árvore genealógica, a professora levantava questões para que os alunos refletissem sobre sua identidade e da sua família. Enfatizou a importância em conhecer a história de seu nome e seu

significado, compreender a história de seus colegas a partir da sua, conhecer e respeitar os diferentes costumes das famílias, grupos e povos, buscando identificar fontes históricas sobre sua vida. A professora procura ampliar gradativamente as possibilidades de comunicação e expressão dos alunos, explorando a produção da arte através do desenho, música e brincadeiras, com as quais estão em contato, ampliando seu conhecimento do mundo e da cultura. A docente sempre busca desenvolver a autoestima e o autoconceito positivo através da afetividade. O estudo foi finalizado com a construção da árvore genealógica.

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Data: 12 de abril de 2016

Hora início: 13h e 30min

Hora término: 17h e 35min

Local: Escola Rural Quilombola de Lage dos Negros/Sala de aula do 3º ano do Ensino Fundamental I/ Pátio da escola

Atividade vivenciada: Construindo os deveres e os direitos das crianças/ Produção textual coletiva/ Exposição no pátio da escola.

Neste dia as atividades escolares em classe giraram em torno da construção coletiva dos direitos da criança. O assunto foi explanado de forma interativa e bastante descontraída, onde todos em círculo se posicionavam a respeito do direito de cada um. A professora mostrou situações que possibilitaram cada um refletir sobre os seus direitos e deveres, bem como construir sua autonomia no espaço escolar, a partir do conhecimento e da participação na construção dos direitos e deveres no interior da escola. A concentração e a atenção dos/as alunos/as também foram trabalhadas nas atividades propostas.

A docente trabalhou com as crianças o significado das palavras: direitos e deveres. Para isso, conversou com a turma e possibilitou a fala de cada criança sobre o tema. Registrou as falas em uma cartolina com desenhos produzidos pela turma para ilustrar os próprios direitos das crianças da turma do 3º ano B e depois a fixou no pátio da escola, para que todos pudessem consultar o cartaz confeccionado. Após este momento, explicou para a turma que todas as pessoas têm direitos, mas também têm deveres e ressalta a importância de conhecê-los e compreendê-los. Questionou a turma com a seguinte pergunta: por que precisamos ter direitos e deveres?. Nesta discussão a professora contribuiu para que os mesmos compreendam que os direitos e deveres existem para possibilitar melhor convivência. Após, propôs uma atividade de

registro no caderno dos alunos. Durante as atividades a professora mediava o processo de construção das respostas orais dos alunos fazendo as anotações no caderno.

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Data: 19 de abril de 2016

Hora início: 14h

Hora término: 17h e 35min

Local: Escola Rural Quilombola de Lage dos Negros/Sala de aula do 3º ano do Ensino Fundamental I

Atividade vivenciada: Momento literário (Conto) e revisão para prova de Ciências.

A professora chegou em sala deu as boas-vidas e fez uma oração com a turma, cantou depois fez a chamada nominal. Após, propôs uma leitura compartilhada da história “O patinho feio”. Os alunos posicionados em círculo interagem com o conto e com a professora, onde a mesma mostrava de forma descontraída as características do gênero. No mesmo dia foi realizado uma revisão de Ciências bem lúdica. A professora colocou todos em uma roda e de forma dinâmica cada um se posicionava na frente do outro e pelo tato observaram a coluna vertebral do colega à sua frente. Uma revisão prática onde todos a partir de uma brincadeira conhecia as partes da coluna vertebral. Percebeu-se que a professora resolvia situações-problemas de forma prazerosa levantando questionamentos aos alunos para que os mesmos pudessem construir suas próprias hipóteses na construção da aprendizagem. Ao mesmo tempo que desenvolvia atividades de observação corporal, provocava os alunos para uma efetiva alfabetização, sugerindo a separação de sílabas pela quantidade de vezes que abriam a boca, para que os mesmos avancem na leitura e na escrita. O interessante era que uns ajudavam os outros na observação da coluna vertebral e dos seus próprios músculos para que todos percebessem sua importância. A professora mediava o processo de construção do conhecimento através das intervenções necessárias.

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Data: 25 de abril de 2016

Hora início: 13h e 30min

Hora término: 17h

Local: Escola Rural Quilombola de Lage dos Negros/Sala de aula do 3º ano do Ensino Fundamental I

Atividade vivenciada: Momento literário (Leitura compartilhada) e revisão para a prova de Língua Portuguesa

Assim que cheguei a escola fiquei esperando a chegada da turma. Os mesmos vêm no transporte escolar devido a escola ser distante do centro da comunidade. Na chegada todos passaram em direção a sala esperando a professora. Após, a presença de todos em sala a professora iniciou a aula com uma oração e músicas descontraídas. Logo em seguida, deu início ao momento literário. O gênero contemplado foi o conto, projeto de leitura da escola. A professora inicialmente fez a sondagem para verificar quem conhecia a história da Chapeuzinho Vermelha, depois fez uma leitura dramatizada do conto, os que já conheciam a história iam dramatizando imitando vozes, explorando as onomatopeias e a capacidade de expressão dos alunos. Após, a professora apresentou aos alunos um poema “Brinquedo de Sucata” de Cesar Obeid, para revisar sua composição literária e para inseri-los cada vez mais no mundo da leitura alfabetizando aqueles que ainda apresentam dificuldades. Os alunos interagem de forma participativa os estímulos da professora facilitando no processo de aprendizagem. Os alunos foram para recreio lanche e brincar. Na escola não tem sirene a professora se orienta pelo relógio, assim como os outros funcionários da escola. No segundo momento os alunos fizeram uma atividade avaliativa de Língua Portuguesa como colaboração para avaliação conceitual. As únicas vezes que observei as carteiras da sala dispostas em fileiras quando as atividades avaliativas (provas) aconteciam.

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Data: 02 de maio de 2016

Hora início: 13h e 30min

Hora término: 17h e 35 min

Local: Escola Rural Quilombola de Lage dos Negros/Sala de aula do 3º ano do Ensino Fundamental I

Atividade vivenciada: Atividade de Língua Portuguesa (Substantivo)/ Experiências com medidas de comprimento.

A professora iniciou a aula com as saudações para turma. Em seguida, começou o trabalho explanando sobre os substantivos a partir de objetos concretos presentes na sala de aula. A

professora estimula a oralidade dos alunos fazendo perguntas para que os mesmos descubram de forma autônoma os possíveis objetos que são caracterizados como substantivos e que estão presentes no seu contexto de sala de aula. A professora faz o registro das descobertas no quadro, aproveitando o momento para incentivar a leitura e a aprendizagem dos alunos. Verificou-se que o processo de alfabetização é contínuo no planejamento da professora que tenta em todos os momentos sanar, através de atividades lúdicas as dificuldades de leitura.

A professora cria situações usando gravuras para que eles criem suas próprias hipóteses e descubram as respostas para construção da aprendizagem. A professora explorou unidades de comprimento fazendo a comparação entre os objetos que as pessoas utilizavam no passado e os que usam no presente para medir algo. Começou a trabalhar na sua prática pedagógica com objetos concretos de capacidade do dia-dia da criança para que os mesmos construam suas hipóteses concretizando-as a partir da manipulação e experimentação na construção do conhecimento. Após, a professora propôs a execução de uma atividade no livro didático de matemática.

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Data: 03 de maio de 2016

Hora início: 14h e 20

Hora término: 17h e 35 min

Local: Escola Rural Quilombola de Lage dos Negros/Sala de aula do 3º ano do Ensino Fundamental I

Atividade vivenciada: Estudo das células (Ciências)

A professora Júlia na atividade de ciências no estudo sobre as células fez uma explicação bem prática para melhor compreensão dos alunos. Mostrou que a presença de células é uma das características que todos os seres vivos possuem em comum. Como também, ela é a menor unidade que forma um indivíduo. Os seres vivos podem ter somente uma ou diversas células. Explicou ainda que as bactérias, por exemplo, são formadas somente por uma. E que alguns fungos, algas e protozoários também são assim. Chamamos de unicelulares todos os seres vivos formados por uma única célula. As plantas e animais são formados por mais de uma célula. Assim, são considerados multicelulares. Seres vivos multicelulares geralmente apresentam diversos tipos de células diferentes. O conjunto de células é chamado de tecido. Células são geralmente tão pequenas que não conseguimos enxergar a olho nu, ou seja, sem uso de lentes de aumento especiais. Assim, é utilizado o microscópio para que sejam observadas. Continuou explicando que graças a esta máquina, hoje podemos saber as principais estruturas de uma

célula, que são: citoplasma: região gelatinosa, rica em água e sais minerais; núcleo: estrutura arredondada onde se encontra o material genético e membrana plasmática: uma película que fica em torno da célula, selecionando o que entra e o que sai de dentro dela. Após explicação do assunto a professora partiu para prática estimulando ainda mais a aprendizagem dos alunos, levando para sala de aula um ovo. A professora o partiu expondo melhor o estudo das células com o material concreto. Os alunos de forma colaborativa atuam em sala de aula com a professora com indagações fundamentando ainda mais o que aprenderam.

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Data: 09 de maio de 2016

Hora início: 13h e 30min

Hora término: 15h

Local: Escola Rural Quilombola de Lage dos Negros/Comunidade de Lage dos Negros

Atividade vivenciada: Dedetização da escola/ Pesquisa de documentos na comunidade

Hoje acordei animada para continuar minha jornada de investigadora, à tarde partir rumo ao meu campo de pesquisa. Chegando na escola, logo me deparei com o portão fechado, encontrei o espaço vazio, a minha investigação na escola foi interrompida devido a urgência de uma dedetização no espaço escolar por causa da presença da praga de cupim. Procurei saber o porquê da frequência desta praga com o porteiro que ia chegando, o mesmo me informou que a praga está contribuindo para destruição de alguns cômodos da escola, ainda informou que isto é devido a um erro na avaliação do terreno antes da construção da instituição, pois não fizeram estudo do terreno e, a mesma foi construída em cima de um enorme cupinzeiro. Após, fui embora e me dirigi ao centro da comunidade na casa de morador atrás de um livro que retrata a história da comunidade.

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Data: 10 de maio de 2016

Hora início: 14h e 20min

Hora término: 17h e 35 min

Local: Escola Rural Quilombola de Lage dos Negros/Sala de aula do 3º ano “B” do Ensino Fundamental I

Atividade vivenciada: Construção de frases (Língua Portuguesa). Apreciação de poemas. Trabalho sobre “Mães”. Ensaio de uma música em homenagem as mães. Estudo do aparelho digestivo (Ciências).

A professora sempre de maneira muito alegre inicia os seus trabalhos pedagógicos, o objetivo da semana é construir uma aprendizagem pautada no respeito e na imagem das mães. O projeto dia das mães foi iniciado a partir da leitura de um poema de Mário Quintana. Leitura muito bem recebida pelos alunos que após uma conversa informal com a professora fizeram produções escritas envolvendo o tema com mimos e muita criatividade. Ocorreu a construção de frases sobre as mães, a professora aproveitou o momento para revisar os tipos de frases partindo da construção escrita organizada por eles. Além disso, ensaiaram uma coreografia bem animada para homenagear cada mãe no final da semana. Acredito que são momentos de interação entre os pares envolvidos no contexto da sala de aula. Em seguida, a professora deu continuidade aos trabalhos envolvendo a outras áreas do saber. Os alunos foram para recreio lanchar e gastar as energias. Na volta do recreio a professora iniciou a aula de ciências e propôs a turma construção de um quebra-cabeça explorando os aparelhos digestivo, respiratório e vascular dividindo a turma em grupos, para que os mesmos interajam uns com outros e possam desenvolver e construir a aprendizagem através do cooperativismo em sala de aula.

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Data: 11 de maio de 2016

Hora início: 14h

Hora término: 17h e 35 min

Local: Escola Rural Quilombola de Lage dos Negros/Sala de aula do 3º ano B do Ensino Fundamental I

Atividade vivenciada: Estudo sobre “A abolição da escravatura” (História).

A professora trabalhou como o tema “A abolição da escravidão”. Tema este presente no projeto da escola para trabalhar com a história afrodescendente. Iniciou perguntando os alunos se já tinham ouvido falar sobre a escravidão, continuou perguntando o que significava o termo “escravidão” para eles. Depois, das inferências dos alunos a professora falou um pouco sobre o assunto ressaltando que a escravidão pode ser definida como o sistema de trabalho no qual o indivíduo (o escravo) é propriedade de outro, podendo ser vendido, doado, emprestado, entre outros. Explicou que no Brasil, o regime de escravidão vigorou desde os primeiros anos logo após o descobrimento até o dia 13 de maio de 1888, quando a princesa regente Isabel assinou a Lei 3.353, mais conhecida como Lei Áurea, libertando os escravos. Os alunos ficavam atenciosos a fala da professora. Ela continuou expondo que a escravidão é um capítulo triste da História do Brasil. Embora ela tenha sido abolida há 115 anos, não pode ser apagada. Os alunos

prestavam muita atenção na professora, os olhos brilhavam e a mesma continuava a aula enfatizando a importância do estudo da nossa História, pois nos permite conhecer o passado, compreender o presente e pode nos ajudar a planejar o futuro. Durante mais de três séculos a escravidão foi a forma de trabalho predominante na sociedade brasileira. A escravidão no Brasil teve início logo nos primeiros anos de colonização, quando alguns grupos indígenas foram escravizados pelos colonizadores. Os escravos negros eram capturados nas terras onde viviam na África e trazidos à força para a América, em grandes navios, em condições miseráveis. Muitos morriam durante a viagem através do oceano Atlântico, vítimas de doenças, de maus tratos e da fome.

Naquela época, dizia a professora: o escravo era visto na sociedade colonial também como símbolo do poder e do prestígio dos senhores, cuja importância social era avaliada pelo número de escravos que possuíam. Na nossa comunidade não foi diferente. Por isso, que temos muitos negros aqui, pois somos descendentes de escravos, nossa origem é de quilombo. Os alunos fizeram muitas perguntas e a professora sempre respondia. Após, contou a história da “Menina bonita do laço de fita”, os alunos sentados no chão em círculo gostavam da leitura e da dramatização da professora. Depois ela escolheu dois alunos para dramatizarem para os colegas. Nestes atos que presencio a construção do conhecimento e a inovação pedagógica sendo efetivada no contexto escolar, pois a interação entre os pares é dinâmico e ambos fazem parte da construção da aprendizagem.

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Data: 14 de maio de 2016

Hora início: 9h

Hora término: 11h

Local: Quadra poliesportiva da comunidade de Lage dos Negros

Atividade vivenciada: Homenagem as mães.

Um dia ensolarado, lindo e de descontração em homenagem as mães, todos os alunos do ensino fundamental I bem alegres e misturados, ou seja, não divididos em turmas homenagearam as mães na quadra da comunidade. Foi um momento de muita satisfação e aplausos. Após as homenagens as mães apreciaram um delicioso lanche.

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Data: 16 de maio de 2016

Hora início: 13h e 30min

Hora término: 17h e 35 min

Local: Escola Rural Quilombola de Lage dos Negros/Sala de aula do 3º ano B do Ensino Fundamental I

Atividade vivenciada: Momento literário (Bilhete) Produção textual/ Dramatização de uma música/Medidas de tempo (Matemática) Construção de um relógio/ Recreio com os alunos/ Parquinho da escola.

Mais um dia de pesquisa na escola, cheguei antes dos alunos e fiquei esperando juntamente com o porteiro escolar. Ouvi o ronco do motor do ônibus na estrada eram eles chegando para mais um dia de aula, felizes desciam do ônibus pulando pareciam que tinham chegado ao parque de diversão. Foram todos em direção da sala de aula, a professora sempre entusiasmada os recebeu com música e brincadeiras descontraindo o ambiente de sala de aula. Os alunos cantaram e dramatizaram a música escravos de Jó, trabalhando os movimentos corporais e brincando com a música. A professora iniciou os trabalhos com o momento literário com o gênero BILHETE, direcionou os alunos em círculo, começou a passar a caixinha com o texto literário da semana em mão em mão para eles pegarem e visualizarem o texto no intuito de descobrir que tipo de gênero textual estava na caixa. Quando passava em mãos em mãos eles iam levantando hipóteses de acordo com as intervenções feitas pela professora.

Após a descoberta do tipo de texto a professora pegou um bilhete e começou a ler para os alunos. Todos diziam: -Eu não disse que era um bilhete. Dávamos risadas. A professora sugeriu a construção de um bilhete coletivo a partir das ideias surgidas em sala e começou a escrever no quadro mostrando as partes que o compõe e revisando os sinais de pontuação. O que percebi é que os alunos têm uma boa receptividade na hora da leitura. É um momento de expectativa, pois todos esperam a leitura que a professora traz, mesmo os que apresentam algumas dificuldades no ato de ler, acredito que seja pelo ambiente atrativo que a professora cria, estratégias pedagógicas para concretização de uma aprendizagem efetiva e inovadora.

Os alunos são responsáveis e compromissados com a aprendizagem, interagem uns com os outros, respeitam-se mantendo uma harmonia na sala e um momento de colaboração com o próximo. A professora deu o alerta para a hora mais esperada “o lanche”, o famoso recreio. Todos saíam da sala e se dirigiam a cantina da escola. Em filas esperavam a sua vez de receber o lanche, sentavam nas mesas e cadeiras expostas no pátio da escola e comiam e, depois iam brincar na área aberta e no parquinho da escola. Ficava observando como eles interagiam um

com o os outros, até mesmo das outras salas, sentava debaixo das árvores e tirava umas fotos sem eles perceberem, momentos únicos de campo.

Em seguida, ao retornar do recreio a professora trabalhou com a matemática “medidas de tempo” expôs sobre o conhecimento das horas e ofereceu diversos materiais para que os mesmos construíssem seus próprios relógios e aprendessem a partir da descoberta e com a orientação da mesma as horas. Com o relógio construído pelos próprios alunos com material de papel a prática pedagógica do par mais apto (professora) se concretizou qualitativamente, os alunos construíram a aprendizagem através de uma prática rica a partir da manipulação do próprio objeto produzido por ele.

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Data: 23 de maio de 2016

Hora início: 8h

Hora término: 10h e 30 min

Local: Escola Rural Quilombola de Lage dos Negros/Direção da escola

Atividade vivenciada: Leitura e estudo do Regimento Escolar e do Projeto Político Pedagógico da escola.

Hoje sai às 4h e 30min da madrugada da cidade de Campo Formoso, peguei 90 Km de estrada de chão com minhas amigas rumo a comunidade de Lage dos Negros, com a finalidade de ir para o campo da minha pesquisa e conseguir mais dados que fundamentem meu objeto de estudo. Às 8 horas estava no portão da escola, como sempre muito bem recebida por todos da comunidade escolar. Cumprimentei a todos e iniciei uma conversa informal com o diretor, principalmente sobre os seus projetos futuros enquanto gestor quilombola. O diretor me passou o Regimento Escolar construído democraticamente por todos os envolvidos na escola e fui lendo, pois sabemos da importância desse documento para o funcionamento democrático da instituição de ensino. Em seguida, me apresentou o Projeto-Político-Pedagógico que ainda está em processo de finalização, mas um marco já que a escola tinha apenas um esboço desse documento que rege toda dinâmica escolar.

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Data: 24 de maio de 2016

Hora início: 13h e 30min

Hora término: 17 h

Local: Escola Rural Quilombola de Lage dos Negros/Sala de aula do 3º ano do Ensino Fundamental I/Pátio da escola

Atividade vivenciada: Ortografia/ Exploração de frases elaboradas com o apoio da família/ Trabalho com rótulos/Bate pato com a professora do 3º ano “B” na hora do lanche.

Neste dia peguei o transporte escolar que traz os alunos para a escola, um trajeto curto entre o centro da comunidade e a escola, mas eles se divertem muito. Ao chegarem à escola todos se dirigiram a sala de aula, uns suados demais devido ao calor muito forte, outros sonolentos com o cansaço da tarde e o calor enfadonho. Mais já, já a professora começou animá-los, com uma conversa informal, cada um com uma novidade, com músicas diversas e uma bela oração. A tarde começou com o momento literário um projeto pedagógico desenvolvido pela coordenação pedagógica para trabalhar os diferentes gêneros literários, como também desenvolver a leitura e a escrita das crianças, pois é uma preocupação constante da gestão escolar e da professora a alfabetização dos alunos. “A leitura é fundamental para o desenvolvimento em todas as áreas do conhecimento” diz a professora. A construção de frases afirmativas, interrogativas, negativas e exclamativas com os pais em casa foi um momento de interação em conjunto. Todos queriam expor suas produções organizadas com ajuda da família, dois alunos somente não fizeram a produção: - Minha mãe professora, não entendeu minhas letras, afirma o aluno MV demonstrando tristeza diante dos outros. Todos ouviam uns aos outros no processo de colaboração com o próximo. Várias foram as produções das frases:

Por que minha escola é cheia de plantas? (AI)

Eu gosto da minha escola. (KM)

Por que Pedro não foi a aula ontem? (VG)

Mãe que dia a senhora vai comprar meu caderno? (RG)

Por que todo mundo tem caderno? (AF)

Por que todos cadernos possuem folhas? (JS)

Por que a escola é muito importante? (WS)

Por que meu amigo é bom e apoia em tudo? (AF)

Por que eu não tenho amigos. (JS)

Mãe aquela mulher é a sua amiga? (EN)

Após, a professora trabalhou ortografia com a brincadeira da força, ela possibilitava que todos participassem, analisando e refletindo sobre a construção das palavras, os alunos nem percebiam que estavam construindo sua aprendizagem a partir de uma estratégia eficaz da professora que era a brincadeira, uma prática pedagógica que caminha em direção a inovação. “Uma aluna relatou que o que mais gosta na escola é quando a pró Júlia ler para nós e faz perguntas difíceis para gente responder” (AI). A professora também trabalhou com rótulos de embalagens trazidas de casa por cada aluno. Aqueles que não trouxeram o material, víamos uma tristeza estampada nos rostinhos. A professora questionou se alguém queria falar o porquê de não terem trazido o material. Um aluno relatou que a mãe disse: -Que não tinha em casa (OS). Outro afirmou: -Que a mãe achou besteira (JS). A professora em ato de solidariedade foi até a cozinha e pegou alguns produtos com rótulos. A docente juntamente com os discentes exploraram os rótulos fazendo a leitura e descobrindo novas informações contidas nas embalagens.

De forma direta questionava os alunos sobre cada informação e os mesmos iam construindo suas hipóteses a partir da exploração do material trazido por eles. Foi um momento de uma prática pautada na descoberta através da manipulação do concreto e da construção da aprendizagem. Isso que considero uma aprendizagem significativa, onde contextos ricos de aprendizagem são criados e o conhecimento efetivado a partir de uma troca mútua entre os pares.

O tempo passou muito rápido chegou a hora do recreio. Sai da sala com a professora e conversamos um pouco sobre seus estudos, sua trajetória de vida na comunidade, vontade que tem em ajudar os seus alunos a superarem suas dificuldades. De volta a sala, foi desenvolvida uma atividade de geografia sobre as formas como os lugares são interligados uns com os outros, partindo do concreto, ou seja, da trajetória que eles fazem com a família conhecendo a cidade, comunidades vizinhas e outros estados quando os pais saem da comunidade a procura de oportunidades de empregos. A professora aproveitou os rótulos e identificou com eles o lugar que cada um é produzido e como são transportados até a comunidade, explorando o dia-dia de cada um as colheitas onde os pais trabalham mostrando para onde vai o tomate, a cebola o sisal produzido na comunidade. Neste dia, os alunos foram embora saíram mais cedo, devido à falta de água na escola.

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Data: 25 de maio de 2016

Hora início: 13h e 30min

Hora término: 17h e 35 min

Local: Escola Rural Quilombola de Lage dos Negros/Sala de aula do 3º ano do Ensino Fundamental I

Atividade vivenciada: Estudo sobre paisagem natural e modificada pelo homem/Passeio na área externa da escola/Bate papo com o diretor da escola na sala dos professores.

Mas um dia no campo de pesquisa um calor muito forte preparando chuva, fui a pé para escola andei uns dois quilômetros até chegar no lugar desejado, como sempre a escola de portões aberto para a investigadora. Cheguei na sala e todos já estavam acomodados de boa tarde e todos responderam com um sorriso no rosto. A professora estava colhendo dados de uma pesquisa que eles fizeram com os pais sobre como era a comunidade, a paisagem natural antes da ação do homem. Todos queriam participar, alguns não fizeram a pesquisa, afirmando que os pais estavam na colheita, ou cortando sisal e chegaram tarde em casa. Os outros respondiam satisfeitos a pesquisa realizada. O aluno VG respondeu que “Lages foi transformada pelo homem”. JM relatou o que a mãe disse: “Minha mãe disse que antes não tinha energia elétrica que era tudo muito difícil e a telha das casas era de palha”. AF sempre ativa nas aulas e atividades respondeu que: “O rio não era poluído antes e agora os homens começaram a jogar lixo” referindo-se ao rio que corta a comunidade. A professora mostrou imagens sobre a comunidade antes e depois da ação do homem sempre conversando com os alunos e levantando questionamentos sobre paisagem natural e paisagem transformada, partindo das suas próprias vivências. A mesma propôs um passeio ao redor da escola e mostrou o que foi transformado pelo homem. Foi uma aula rica em significados e de uma sólida aprendizagem que a partir da pesquisa feita com os mais experientes da família os levou a construção do conhecimento sobre paisagens naturais e modificadas pelo homem partindo do local em que eles convivem socialmente com a família. São estas interações dos sujeitos aprendizes com os pares mais aptos que ocorrem uma prática pedagógica inovadora, pois proporciona a construção efetiva da aprendizagem.

A professora aproveitou para introduzir sobre cultura, colocou alguns questionamentos aos alunos. Uma aluna relatou que cultura é o jeito de ser de cada pessoa da comunidade” (AF). A partir dessa construção a professora falou sobre a cultura quilombola desde os seus descendentes. Depois mostrou um vídeo sobre um samba de roda da comunidade que se chama “Amassa o barro” que é passado de geração em geração, como tradição cultural, música cantada que todos vão amassando o barro com os pés antes da construção de casas de taipa na

comunidade, depois sugeriu que todos em círculo cantassem e dramatizassem o samba de roda dos seus antepassados, foi um momento de rica aprendizagem cultural.

Depois da explicação sobre cultura questionou sobre os saberes e fazeres da terra e o que eles sabem sobre os passos de cuidar da terra para uma boa colheita. A aluna AI disse: “Para a terra ficar macia nós aramos”. Cheguei à conclusão que é algo real do seu dia-dia. A mesma deu exemplos sobre os produtos que são mais plantados na comunidade como: a melancia, o feijão e ainda disse: “Professora Júlia mamona é grande não cabe na máquina, plantamos com a mão e a enxada eu ajudo meus pais”. A professora explorou o meio rural que eles vivem com os pais. AI respondeu que “a colheita é a melhor parte levanto cedo para ir com os meus pais”. A JS disse que já cortou sisal com a mãe e o VG respondeu: mas é perigoso!

Terminada está parte da aula os alunos foram lanchar e brincar no pátio da escola. Em seguida, após o retorno do recreio, a professora trabalhou sólidos geométricos trazendo para a sala de aula objetos concretos que eles pudessem explorar e ver a forma de cada para construção do conhecimento sobre a composição e as características dos sólidos. Foi uma aula produtiva, pois verifiquei que a prática pedagógica entre os pares é algo que possibilita uma aprendizagem significativa sempre com a mediação de um par mais apto que é a professora. Neste mesmo dia, tive um bate papo com o diretor da escola bastante descontraído sobre os diversos fatos: a Educação Escolar Quilombola, seus projetos, sobre a escola, a comunidade, identidade quilombola entre outros, foi muito proveitoso. Transcrição de áudio.

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Data: 30 de maio de 2016

Hora início: 13h e 30min

Hora término: 17h e 35 min

Local: Escola Rural Quilombola de Lage dos Negros/Sala de aula do 3º ano do Ensino Fundamental I

Atividade vivenciada: Momento literário (Músicas folclóricas), leitura compartilhada estudo e construção de sólidos geométricos/ Bate papo com a professora da turma na sala dos professores.

Mais um dia abençoado no campo de pesquisa, ao chegar chamei o vigia para abrir a escola e fui recebida com um sorriso e saudações. Cumprimentei a comunidade escolar e caminhei em direção a sala de aula, saudei a todos que em voz alta me deram as boas-vindas. O dia foi tranquilo e prazeroso. A professora como sempre cheia de novidades, inicia a aula de forma alegre e descontraída, vejo os rostinhos animados esperando o que a pró Júlia trouxe para sala. O momento literário sempre bem recebido e contagiante. Cantavam músicas populares do

folclore brasileiro, momento de grande interação, todos participavam respeitando o espaço e o momento do outro.

Cantigas populares foi o tema abordado. A professora primeiramente perguntou a todos sobre as cantigas que eles mais conheciam. Cada um levantou e mostrou a música que sabia, para uns foram novidades as cantigas dos colegas, mas com facilidade aprendiam e deixavam se levar pela letra e o ritmo musical. A música trabalhada pela professora, após ouvir e cantar com os alunos o repertório que eles conheciam foi “O Cravo e a Rosa”. A professora Júlia escreveu a letra no cartaz, seguiu os passos da leitura como: checagem, leitura compartilhada, leitura individual, interpretação, dramatização e desenho. Todos acompanhavam com olhos bem atentos a voz da professora, era incrível a forma que a mesma mantinha a atenção deles. Era um momento única que pareciam estarem hipnotizados com a maneira que ela conduzia a leitura. O momento foi de descontração, conhecimento e aprendizagem. Os alunos com dificuldades de leitura avançavam com a intervenção do par mais apto (a professora), pois sempre aproveitava o momento para alfabetizar, sendo que os alunos avançados nem percebiam a atitude da professora todos colaboravam com os colegas.

Em seguida, a professora deu a chance a cada um para expressarem sua opinião, emoção sobre a música com a intervenção da professora: Será porquê da briga da rosa e do cravo? Eles continuaram amigos? O objetivo era instigá-los a se expressarem oralmente para construírem suas próprias hipóteses, facilitando a escrita da produção textual. Após, continuou a sequência didática sobre o estudo dos sólidos geométricos, lembrou com eles quais eram e propôs a construção de um paralelepípedo com objetos concretos. Foi uma atividade interessante, os alunos se articularam, pensaram procuraram a melhor forma de montar as faces, as arestas e vértices do sólido pedido pela professora. Eles mesmos escolheram os grupos sem a intervenção da professora mostrando a autonomia de cada um. Os grupos se articularam e com palitos, massa de modelar construíram um paralelepípedo. A equipe do VG foi a primeira a terminar, ficaram tão felizes. A CA disse: professora conseguimos!!!! E todos bateram palmas. Na sala não vemos competição e sim um momento em que cada um possui um espaço para transformar e aprender algo. Logo depois, todas as equipes terminarem a professora suas construções explorou os paralelepípedos formados por eles com perguntas problematizadoras sobre as faces do sólido geométrico.

Os alunos foram para o recreio lancharem e se divertirem. Eu e a professora fomos na sala dos professores e batemos um papo, uma conversa informal sobre a turma, a participação

da família na vida escolar, aprendizagem dos alunos, as atividades, identidade quilombola entre outros, foi uma boa conversa. Transcrição de áudio.

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Data: 31 de maio de 2016

Hora início: 14h e 20min

Hora término: 17h e 35 min

Local: Escola Rural Quilombola de Lage dos Negros/Sala de aula do 3º ano do Ensino Fundamental I

Atividade vivenciada: Estudo do Meio Ambiente/Reciclagem / Produção de uma carta coletiva.

O interessante do dia foi a forma como a professora explorou três palavras REDUZIR, RECICLAR E REUTILIZAR. Explicou para os alunos que no mundo inteiro, o ser humano produz uma grande quantidade de lixo todos os dias. E que para diminuir essa produção, foi criado a regra dos três erres, os quais foram citados acima. Eles ficavam atentos e surpresos para saberem o que significava realmente estes três erres; reciclar, ou seja, transformar objetos e materiais usados em novos produtos; reduzir- comprar somente o que vai ser usado; reutilizar- em vez de jogar um objeto de vidro no lixo, procurar uma maneira de aproveitá-lo novamente. Em seguida, depois de mostrar o que significava cada palavra, partindo sempre do que eles já sabiam a professora perguntou, se eles já tinham ouvido falar na regra dos três erres? Na sua comunidade, que tipo de material é reaproveitado? Que lixo é mais comum na comunidade? Fezes de animais e restos de vegetais, como cascas e palhas que sobram nas colheitas, podem se transformar em outros produtos? Quais? A partir das perguntas começaram a surgir as indagações, as vozes dos sujeitos que refletiram e construíram as suas respostas de acordo com seu conhecimento devido sua convivência social. AI falou: “que existe muito lixo na comunidade e que o carro do lixo passa pouco e as pessoas estão fazendo uma coisa errada professora, jogando saco no rio”.

A professora falou que é verdade, mas não podemos deixar isso acontecer e passarmos despercebidos, pois vidros, latas e papel, sobras da produção vegetal e animal geram muito lixo. Além das pilhas, baterias, lâmpadas, adubos químicos e agrotóxicos podem causar danos para todos nós. A professora mostrou uma gravura de um biodigestor e perguntou de os mesmos conheciam: alguns disseram que pareciam cisternas (tanques de capacitação de água da chuva), pois eles têm nos quintais das suas casas. A professora ressaltou que parecia mesmo, mas este é um objeto para transformar dejetos de animais em biocombustível e adubo orgânico, contribui

com o saneamento, pois elimina o mau cheiro deixado pelas fezes dos animais, impede o aparecimento de moscas e diminui a poluição dos rios. A professora perguntou: - Vocês perceberam como ele é importante? EN respondeu: “- É mesmo para evitar também doenças”, a outra aluna respondeu:- Para não jogar mais lixo no nosso rio (mostrando o cuidado com a comunidade). A aluna AI disse que “os pais usam adubo no curral das vacas e que eles vendem a folha do sisal quando está seca”. A professora disse também que se usa na comunidade a casca do coco e a folha da bananeira para fazer bolsa e objetos de enfeite. Após, todos questionamentos a professora propôs a construção (produção) de uma carta para ser entregue ao secretário do Meio Ambiente, foi uma produção coletiva que cada um deu sua contribuição. Após, a professora explicou como enviaria a carta colocou no envelope mostrando cada parte que o compõe e perguntou se eles sabiam onde era o correio da comunidade para colocar a carta. Foi um momento prazeroso de construção da aprendizagem a partir de uma prática pedagógica efetiva que possibilitou mudanças na forma de pensar, agir e aprender dos alunos em relação ao lixo produzido na comunidade.

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Data: 06 de junho 2016

Hora início: 13h e 30min

Hora término: 17h e 35 min

Local: Escola Rural Quilombola de Lage dos Negros/Sala de aula do 3º ano B do Ensino Fundamental I/ Área Externa da escola.

Atividade vivenciada: Cuidando da natureza/Construção de brinquedo com material reciclável/Apresentação de trabalhos sobre tipos de Moradia (Seminários).

O calor está intenso na região, nem parece véspera do inverno, cheguei a escola nem as árvores se mexiam encontrei com o vigia e o motorista do ônibus a procura uma sombra. Os cumprimentei e me direcionei a sala sendo recebida agradavelmente com um boa tarde bem alto. O momento inicial da aula foi para falar sobre o meio ambiente, uma conversa informal sobre a natureza e um passeio ao redor da escola para os alunos verem a exuberância da caatinga, das serras e lajedos que fica bem visível do lado de trás da escola, foi rápido pois o sol está rachando na terra quente. Após, a professora Júlia fez a leitura de um poema sobre “cuidando da natureza”. Leitura compartilhada do texto, interpretação oral sobre o poema com perguntas sobre a ação do homem na natureza, separação do lixo e o desastre do aquecimento global. A aluna CA perguntou: “- se era por causa desse aquecimento global que está tão quente e a plantação de feijão do meu pai está morrendo?” A professora aproveitava as colocações

deles e perguntava mais fazendo com que eles expressem sua oralidade trabalhando, um pouco a timidez de alguns em falar em sala. Tudo é uma construção no desenvolvimento da aula. A professora procura sempre estimulá-los na leitura e na escrita, oportuniza possibilidades para que eles avancem e ultrapassem as dificuldades. A alfabetização é um processo em construção na vida de alguns. Acredito que será superada, pois a professora é persistente e possui vontade e organização na prática pedagógica em relação a construção da aprendizagem alunos. É uma preocupação da docente, ela relatou numa conversa informal que já fica preocupada com o recesso junino que a escola terá, pois quando eles voltam alguns que não possuem acompanhamento constante da família ficam prejudicados.

Percebi uma atitude cotidiana dos alunos em sala de aula, sempre quando terminam alguma atividade, enquanto esperam os colegas concluírem vão ao acervo de livros da sala e leem no maior prazer é uma atitude de autonomia e vontade de aprender. Continuando os estudos sobre o meio ambiente a professora retomou os estudos dos três erres: REDUZIR, REICLAR E REUTILIZAR, propôs a confecção de um brinquedo com o material reciclável que trouxeram de casa. Estavam todos empolgados o RG falou: - professora posso fazer um bilboquê? A outra aluna CA disse que usa o copo de vidro do extrato para beber água, café, minha mãe não deixa jogar fora. A aluna AF comentou que reutiliza a garrafa peti para plantar flores e enfeitar. O aluno RG novamente disse que avó usa para guardar o feijão colhido da plantação e sementes também. Diante da ideia do RG iniciou a confecção do brinquedo bilboquê. As instruções foram dadas pela professora e mãos à obra! Foi um momento alegre, descontraído, de tentativas, erros e acertos, mas que no final foram construídos belos brinquedos. Levaram para o recreio e se divertiram.

No retorno do recreio fizeram as apresentações sobre tipos de moradia, cada grupo apresentou o cartaz construído pelos membros do grupo em casa. Perguntei onde eles se reuniram para fazerem a pesquisa e a produção do trabalho e disseram que escolhiam a casa de um colega. PS disse: - Que foi bom e divertido e aprendemos que só. Eles possuem uma desenvoltura para apresentar os trabalhos, apesar da timidez de uns. Depois pediram para eu escolher a melhor apresentação dos seminários, disse que gostei de todas que não podia escolher uma somente e sim todas foram bem apresentadas. Em seguida, realizaram o para casa (atividade extraescolar para ser desenvolvida com o auxílio da família), a professora sempre enfatiza a importância da ajuda dos pais. Depois, foi desenvolvida atividades de leitura, músicas e brincadeiras juninas. Todos com a maior empolgação participavam das atividades, pois

gostavam do tema e sempre tinha alguma experiência de vida para expor sobre à noite de São João.

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Data: 10 de junho de 2016

Hora início: 9h e 30min

Hora término: 11h e 30min

Local: Escola Rural Quilombola de Lage dos Negros/Pátio da escola

Atividade vivenciada: Culminância do projeto junino: quadrilhas, comidas típicas e apresentações de músicas juninas pelos alunos.

Foi um dia diferenciado na escola, todos os alunos empolgados com a festinha junina, muita animação, quadrilha, músicas e comidas típicas. As apresentações dos alunos no pátio da escola foram espontâneas, caracterizados a rigor eles ouviam as músicas e do seu jeito criavam os passos de acordo com o ritmo. A culminância junina terminou foi muito proveitosa e o recesso escolar iniciou.

O momento foi de despedida, pois todas as escolas municipais entraram em recesso junino de quinze dias, fato este já previsto no calendário escolar da Secretaria de Educação do Município de Campo Formoso-BA. Até aqui a prática pedagógica construída na Escola Rural Quilombola de Lage dos Negros, especificamente na sala de aula do 3º ano B do Ensino Fundamental I, apresenta vestígios de Inovação Pedagógica. Os aprendizes concebem a aprendizagem de maneira livre, exploratória e de mútua interação entre os pares, aumentando o desejo e o interesse na busca e na construção do conhecimento.

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Data: 27 de junho 2016

Hora início: 13h e 30min

Hora término: 17h e 35 min

Local: Escola Rural Quilombola de Lage dos Negros/Sala de aula

Atividade vivenciada: Planejamento quinzenal das atividades pedagógicas.

O retorno à escola, campo de pesquisa, após quinze dias de recesso iniciou às quatro horas e trinta minutos da madrugada, quando os meus amigos passaram na minha casa para seguirmos em direção a comunidade de Lages dos Negros. Chegamos em paz, tomei café e segui rumo a Escola Rural Quilombola de Lage dos Negros, onde encontrei com o diretor, a coordenadora,

os funcionários e os professores, a professora Júlia não estava presente, pois o seu avô (pai) havia falecido. A reunião de planejamento iniciou com as boas vindas e com uma oração realizada por mim, sugerida pela coordenadora. A mesma discutiu o calendário final de junho e o início de julho, com o foco na continuação do projeto literário com o tema FÁBULAS. Como também, organizou com o auxílio das professoras o calendário das provas. A coordenadora não traz nada fechado decidido somente por ela, mas abre um espaço para que todos deem sua opinião a respeito da construção do planejamento das atividades pedagógicas a serem desenvolvidas no contexto escolar. O diretor falou com todos e deu boas notícias sobre a construção do auditório da escola e o projeto da horta escolar, um projeto financiado pela Universidade do Vale do São Francisco - UNIVASF que irá beneficiar a escola e a comunidade. Em seguida, todas as professoras continuaram planejando suas atividades. A coordenadora sempre mediando e orientando o trabalho das docentes.

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Data: 28 de junho 2016

Hora início: 14h e 40min

Hora término: 17h e 35 min

Local: Escola Rural Quilombola de Lage dos Negros/Secretaria da escola

Atividade vivenciada: Conversa informal com a coordenadora na secretaria da escola.

Um dia de pesquisa triste, pois não encontrei a professora Júlia nem os alunos na escola. Devido ao falecimento do seu avô (pai), a gestão escolar liberou os alunos da professora, gesto humano, pois a mesma se encontra triste pela perda de um parente tão querido. Fui para secretaria, onde encontrei com a Coordenadora, ficamos conversando sobre a escola, o seu trabalho enquanto coordenadora, os projetos e atividades desenvolvidas dentro do contexto da Escola Rural Quilombola de Lage dos Negros.

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Data: 04 de julho 2016

Hora início: 14h e 40min

Hora término: 17h e 35 min

Local: Escola Rural Quilombola de Lage dos Negros/Sala de aula do 3º ano do Ensino Fundamental I

Atividade vivenciada: Momento literário Estudo do gênero “Fábulas”, bingo de substantivos próprios e comuns e revisão para prova de Português.

A professora trabalhou com o tema literário “Fábulas”. Primeiramente fez diversas intervenções, com perguntas problematizadoras instigando os alunos a falarem sobre as fábulas que já tinha lido. Muitos lembraram de livros que já tinham lido ou a professora trabalhou no ano anterior. Uma aluna lembrou da fábula “A cigarra e a formiga” outro aluno lembrou da fábula “A lebre e a tartaruga”, consolidando a ideia do conhecimento de mundo que é construído durante as vivências cognitivas e sociais internalizadas para formação do leitor e do escritor. Em seguida, explica para os alunos as características da fábula: personagens, lugar, tempo, narrador e ensinamento. Os alunos se expressam oralmente uns lembram dos fatos das fábulas que conhecem, outros querem mostrar a professora e colegas a releitura da fábula na frente para todos. A professora media o processo e deixa que eles mostrem o seu conhecimento. É um momento rico em aprendizagem, pois percebo que além de contarem o que já sabem, eles acrescentam outros fatos, demonstrando uma construção criativa e crítica de mais fatos, que até então não tinha na fábula.

A aula continua na maior empolgação a professora fala sobre o bingo de substantivos. Inicialmente constrói juntamente com eles uma lista de substantivos comuns e próprios no quadro, a partir da lista nominal dos alunos e outros exemplos. Após, dividiu a turma em grupos e deu início ao bingo, foi um momento de sequência didática com estratégia pedagógica muito válida para a consolidação da aprendizagem a partir de brincadeira e fez a brincadeira da força, também trabalhando com substantivos. Ao mesmo tempo, que estimula o raciocínio através da descoberta, revisa a prova de Língua Portuguesa de forma descontraída ajudando e alfabetizando os que apresentam dificuldade de leitura e escrita.

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Data: 11 de julho 2016

Hora início: 13h e 30min

Hora término: 17h e 35 min

Local: Escola Rural Quilombola de Lage dos Negros/Sala de aula do 3º ano do Ensino Fundamental I

Atividade vivenciada: Momento literário “Fábula”, revisão para a prova de Língua Portuguesa.

A tarde estava bem tranquila na escola, um dia agradável e arejado, todos chegaram à escola dispostos, era uma semana diferenciada devido as provas da segunda unidade que estavam iniciando, foi enviado para casa um comunicado aos pais com o dia específico de cada área do conhecimento e os assuntos a serem estudados. Nesta semana vi a sala de aula arrumada com carteiras enfileiradas, lembrando a escola fabril, embora não seja algo habitual. A

professora iniciou a aula com boas-vindas e uma música bem alegre, depois começou o trabalho literário, continuando o estudo das fábulas. Fez a leitura da fábula a tartaruga e a lebre, todos escutavam a professora atentamente, os olhinhos brilhavam, este momento era mágico na sala, os alunos tinham prazer em participar desse momento.

Após, o término da leitura a professora fez algumas perguntas sobre a fábula e uma delas foi: As fábulas sempre nos trazem uma mensagem de vida, vocês acham que a fábula da tartaruga e da lebre nos trouxe alguma? Uma aluna respondeu que sim, que nós nunca devemos ser melhor do que ninguém, todos temos qualidades (AI). A construção da resposta da aluna que na verdade nos faz refletir, eu olhei para a professora, ela olhou para mim, ficamos surpresas com a habilidade e maturidade da construção da resposta. Em seguida, a professora dividiu a turma em grupos para fazer a revisão das disciplinas, usou uma caixa surpresa de perguntas, a caixa passava por cada grupo, incrível era a ansiedade que cada grupo ficava para que a caixa chegasse nas mãos do grupo. O mesmo escolhia um colega para responder a pergunta e escrever no quadro para os demais membros dos outros grupos, depois os colegas do grupo iam ajudá-lo. Momento de democracia e colaboração com o outro. Na verdade era um momento de troca de experiências e respostas, os que estudaram em casa e aprenderam os assuntos não apresentavam dificuldades, outros conseguiam com a mediação do par mais apto (professora) e cooperação dos colegas.

Em seguida, a professora aplicou avaliação de língua portuguesa da segunda unidade. A professora leu avaliação para eles e deu o tempo necessário para os alunos responderem. Quando apresentavam uma dúvida chamavam a professora para auxiliar. Transcrição de áudio.

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Data: 18 de julho 2016

Hora início: 13h e 30min

Hora término: 17h e 35 min

Local: Escola Rural Quilombola de Lage dos Negros/Sala de aula do 3º ano do Ensino Fundamental I.

Atividade vivenciada: Planejamento quinzenal das atividades pedagógicas.

Neste dia foi realizado o planejamento quinzenal das atividades a serem desenvolvidas em sala de aula com todas as professoras da escola e a coordenação pedagógica. Um momento de formação, pois a coordenadora trouxe alguns textos reflexivos sobre Educação e de muito trabalho a ser construído.

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Data: 19 de julho 2016

Hora início: 13h e 30min

Hora término: 17h e 35 min

Local: Escola Rural Quilombola de Lage dos Negros/Secretaria da escola

Atividade vivenciada: Análise do mapa de notas dos alunos do 3º ano B.

Hoje à tarde o maior tempo foi para analisar os mapas e boletins dos alunos do 3º ano B, juntamente com os secretários e o diretor da escola. Dei uma olhada nas fichas de avaliação qualitativa do desempenho processual da aprendizagem dos mesmos.

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Data: 24 de julho 2016

Hora início: 13h e 30min

Hora término: 17h e 35 min

Local: Escola Rural Quilombola de Lage dos Negros

Atividade vivenciada: Momento literário: gênero receita. Trabalho de ortografia (J e G).

Hoje foi um dia extremamente frio, até a tarde ainda estava aquele friozinho e a escola como fica em um lugar aberto é ainda mais fria. Mas, ao chegar na escola tudo passa sinto-me a vontade, pois todos são aconchegantes com minha presença, cumprimentei o porteiro, o diretor, o secretário e fui para sala do 3º ano B. Ao chegar perto da sala a encontrei aberta e ouvi os dizeres dos alunos: - A professora Aldésia chegou! Toda essa receptividade calorosa é gratificante. Entrei na sala dei boa tarde a todos e perguntei como eles estavam? Todos responderam que bem! Percebi a ausência da professora e perguntei para onde ela foi? Eles responderam que a pró Júlia tinha ido a cozinha lavar algumas frutas que todos trouxeram para prepararem um receita de salada de frutas. Eles a aguardavam ansiosos por este momento. Ao chegar nos cumprimentamos e ela começou a falar novamente as características dos textos instrucionais que eles estão presentes na nossa vida e seu objetivo é instruir, ensinar algo. Lendo uma regra de jogo, conseguimos compreender como jogar; lendo um manual de instruções de um aparelho eletrônico, por exemplo, o de um celular, podemos utilizar corretamente um grande número de funções do mesmo. São textos instrucionais a receita, a regra de jogo, a bula de remédio, o manual de instruções, folhetos explicativos, entre outros.

Em seguida, fez várias perguntas sobre o gênero instrucional para observar se os mesmos compreenderam ou lembravam de alguma coisa. A aluna AF disse que o texto instrucional é aquele que ensina a fazer uma receita. Outra disse: - que a receita divide-se em ingredientes e

modo de preparo. Ah! Tem também os jogos de xadrez (KM). A aluna JM falou que a bula também é um texto instrucional que ensina a quantidade de remédio que devemos tomar. A EN completou dizendo que minha mãe antes de me dar o remédio ler a bula, ela tem medo de me dar errado. A professora continuou a aula com a leitura de uma receita de salada de frutas a qual trouxe em um cartaz bem grande. Primeiramente perguntou se eles já tinham lido uma receita de salada de frutas? Alguns sim outros não. Começou com uma leitura compartilhada, depois foi chamou de um por um para fazer a leitura estimulando aqueles que estavam ainda se alfabetizando. Após, pediu que cada um fosse lavar as mãos para começar a cortar as frutas que eles trouxeram para fazerem a receita. Foi um momento de descontração, cooperação e aprendizagem. Todos animados e com as mãos limpas colocaram a mão na massa. A professora ia instruindo como fazer e eles em grupos de três cortavam as frutas. Um momento de interação e construção da aprendizagem entre os pares.

Depois da receita terminada a professora colocou na geladeira, após gelar um pouco o momento especial e principal, comer a salada de frutas, preparada pelos alunos do 3º ano “B”. A professora desenvolveu uma sequência didática em relação ao estudo de textos instrucionais, como consta no planejamento da mesma. Com isso, os alunos constroem um conhecimento mais sólido e uma aprendizagem significativa.

Em seguida foi o momento do lanche e do recreio. Foi um momento de uma conversinha informal com alguns alunos na área externa da escola. Ao voltarmos do recreio a professora iniciou o momento de trabalho ortográfico partindo do poema “Coisa boa de Sônia de Barros”, começou o trabalho desenvolvido a partir de palavras com o som do J e G, partindo do repertório de palavras conhecidas pelos alunos. Depois foi realizada uma atividade no livro didático de Língua Portuguesa, até que deu a hora de irmos embora no ônibus escolar. Nesta sequência didática, serão apresentadas muitas ideias para o trabalho com esse tipo de texto de maneira que os alunos tenham desafios e aprendam mais. Transcrição de áudio.

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Data: 08 de agosto 2016

Hora início: 13h e 30min

Hora término: 17h

Local: Escola Rural Quilombola de Lage dos Negros/ Sala de aula do 3º ano do Ensino Fundamental I.

Atividade vivenciada: Trabalhando a lateralidade com o texto “As ordens do gato” e o tema “Dia dos Pais”.

A professora iniciou a aula lendo o texto “As ordens do gato” e os alunos em pé escutavam atenciosos as ordens do gato e faziam os gestos corporais de acordo com a leitura. A professora de maneira prática e descontraída trabalhava com a lateralidade, além de trabalhar a escuta atenciosa dos alunos. Após, leu um poema sobre pais e fez vários questionamentos sobre os sentimentos que temos e devemos apresentar pelos nossos pais, até se emocionou, pois fazia pouco tempo que o seu tinha falecido. Os alunos sempre participativos falaram muitas coisas sobre os pais e a importância dele na vida do filho.

- O meu pai era muito importante. (RG) (O pai dele já falecido)

-Devemos primeiro dá um beijo e um abraço em nosso pai e depois um presente. (AI)

-O nosso pai cuida da gente desde pequeno. (WS)

Depois fizeram uma produção no caderno sobre os pais. A professora deu autonomia para eles escolherem o gênero que achassem melhor dos que já tinham estudado. A grande maioria escolheu o poema para escrever uma homenagem aos pais. Após, a escrita do texto sobre os pais, cada um foi chamado a frente para ler sua produção. Eu e a professora nos emocionamos com a produção do aluno RG, havia um mês do falecimento do seu pai, a forma expressiva como leu era de tanta saudade que dava para sentir na entonação da sua voz. Primeira, ele não queria ler na frente, a professora respeitou, leu em voz baixa debruçado sobre sua carteira, mas deu para ouvir perfeitamente o sentimento de cada palavra escrita e lida pelo aluno. Depois que todos leram seus poemas sobre os pais, a professora leu a “Festa do papai”, em todos fizeram a leitura compartilhada.

A professora conversou sobre a água e os seus estados físicos: sólido, líquido e gasoso. Explicou cada estado da água fazendo perguntas e mostrando com material concreto cada fase da água (uma bandeja com gelo, copo de água e uma garrafa térmica com água quente). Ao mostrar cada item ia explicando e fazendo questionamentos até que todos participassem da aula construindo o conhecimento sobre as fases da água. A interação da professora com os alunos facilita a aprendizagem, pois a mesma respeita os posicionamentos dos alunos, interferindo quando necessário. A aluna EN deu um exemplo prático da água em forma de vapor quando a mãe está cozinhando na panela de pressão. A professora continuou explicando sobre os estados físicos da água e sobre as mudanças de temperatura que alteram o estado da água para outro. Os lugares que encontramos a água em estado líquido, estado gasoso e estado sólido. Em seguida, entregou os livros didáticos de Ciências aos alunos e cada um leu um parágrafo em voz alta, às vezes parava a leitura, pois queria fazer algum comentário ou ouvir algum dos alunos. Tudo depois que a aprendizagem já tinha se consolidado através da descoberta com

experiências e da colaboração entre os pares no desenvolvimento do processo no ato de aprender.

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Data: 09 de agosto 2016

Hora início: 14h e 30min

Hora término: 16h

Local: Escola Rural Quilombola de Lage dos Negros/ Sala do Ensino Fundamental I (3º ano B).

Atividade vivenciada: Construção de um pergaminho para homenagear os pais.

A atividade de hoje foi voltada para homenagear os pais. A professora levou um poema e fez a leitura em voz alta. Após, fez a escrita do poema em letra cursiva no quadro negro, sugeriu aos alunos que observassem a maneira como escrevia o traçado da letra e que acompanhassem a leitura dela, a professora sempre enfatizava o processo das sílabas na sua oralidade, fortalecendo a alfabetização dos que precisam. Depois, começaram a escrever cada um para o seu pai, momento de descontração e criatividade, pois foi construído cada pergaminho no capricho, eles vinham até mim perguntar se eu tinha gostado, se estava lindo, será que meu pai vai gostar? Depois de pronto enrolaram o pergaminho e amarraram com uma fita, uns ajudando os outros. Após, todos saíram para o recreio e foram lanchar e brincar.

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Data: 05 de setembro 2016

Hora início: 14h e 30min

Hora término: 16h

Local: Escola Rural Quilombola de Lage dos Negros

Atividade vivenciada: Despedida do campo de pesquisa com os membros da Escola Rural Quilombola de Lage dos Negros.

Neste dia não fui fazer plenamente uma observação, mas sim me despedir dos alunos, da professora e de toda escola, mesmo sabendo que posso retornar a qualquer momento ao campo de pesquisa se os dados não forem suficientes e, também porque sinto que sou bem vinda na escola. Peguei o ônibus dos estudantes e fui rumo à escola com uma torta e algumas guloseimas para fazer um lanche com eles. Já era para ter acontecido, mas a escola estava duas semanas sem aula devido ao não pagamento dos contratados, retornando as atividades neste dia. Foi um momento de muita diversão e prazeroso, pois convivi com eles muito tempo, criamos um laço

de amizade e não queria que eles percebessem que estava saindo totalmente. Agradei a todos de forma especial a professora Júlia que me acolheu muito bem na sua sala de aula. Depois fizemos o lanche.

ANEXOS

Anexo A- Documentos do CD-ROM

Pasta 1- Dissertação de Mestrado (versão em PDF)

Pasta 2- Diário de Campo digitalizado

Pasta 3- Documentos oficiais da Escola Rural Quilombola de Lage dos Negros
(Projeto Político-Pedagógico e Regimento Escolar).

Pasta 4- Apêndices (A-B-C-D) - Cópias dos documentos de autorização da pesquisa.